



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO

Mestrado Profissional em Turismo

**O ACRE E A ROTA TURÍSTICA INTERNACIONAL
AMAZÔNIA – ANDES – PACÍFICO: SUSTENTABILIDADE E
DINAMICIDADE CULTURAL**

Adalgisa Bandeira de Araujo

Brasília-DF



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO

Mestrado Profissional em Turismo

O ACRE E A ROTA TURÍSTICA INTERNACIONAL AMAZÔNIA – ANDES – PACÍFICO: SUSTENTABILIDADE E DINAMICIDADE CULTURAL

Adalgisa Bandeira de Araujo

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Turismo da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Brasília-DF
Junho, 2009



Mestrado Profissional em Turismo

O ACRE E A ROTA TURÍSTICA INTERNACIONAL AMAZÔNIA – ANDES – PACÍFICO: SUSTENTABILIDADE E DINAMICIDADE CULTURAL

Adalgisa Bandeira de Araujo

Banca Examinadora:

Prof(a). Dr(a). Iara Lucia Gomes Brasileiro – CET/UnB
Orientadora

Prof(a). Dr(a). Dóris Aleida Villamizar Sayago – Universidade Estadual da Paraíba
Examinadora Externa

Prof(a). Dr(a). Ellen Fensterseifer Woortmann
Examinadora Interna

Aos meus pais Manoel Bandeira Tavares (in memoriam) e Izabel Monteiro Tavares, exemplos de coragem e amor inigualável aos filhos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu a vida e capacidade intelectual para realizar este trabalho.

Aos meus pais Manoel Bandeira Tavares (in memorian) e Izabel Monteiro Tavares, pela mudança do seu local de origem a fim de investirem na educação de seus filhos.

À minha família, esposo Manoel Gêz; filhos Aretuza, Geison e Hudson e as netas Ísis, Isabel e Vitor Gael, pela compreensão nas horas ausentes e, nas vezes em que mesmo de corpo presente, parecia ausente em virtude dos estudos; a estes o meu amor, eterna gratidão e sinceras desculpas.

À minha orientadora, Professora Doutora Iara Brasileiro, por ter aceitado o desafio da orientação e por suas valiosas contribuições.

Aos Secretários de Estado Gilberto do Carmo Lopes Siqueira e Marcus Alexandre Aguiar, Ex-Secretários de Estado de Turismo pelo apoio ainda no processo de seleção do mestrado e, em especial, ao Secretário de Estado de Esporte, Turismo e Lazer, Cassiano Marques de Oliveira, pela orientação legal e redação do documento que me possibilitou cursar o mestrado próximo de minha família e do meu objeto de estudo.

Aos seringueiros e ribeirinhos do Acre e da região do baixo Amazonas, pela história de vida na região Amazônica que se constituem em fonte de inspiração para meus estudos e motivo de orgulho de minha origem.

Aos prefeitos dos municípios de Plácido de Castro e Bujari, vice-prefeito de Assis Brasil e gestores públicos dos municípios de Porto Acre, Senador Guimard, Capixaba, Epitaciolândia, Brasileia e Xapuri e demais pessoas da comunidade que contribuíram concedendo entrevistas para o enriquecimento desta dissertação de mestrado.

Aos meus colegas do mestrado, os quais jamais serão esquecidos.

RESUMO

O presente estudo aborda a temática do turismo que vem sendo desenvolvido na Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico na região da Amazônia no Estado do Acre, mais especificamente no Vale do Acre e as informações e articulações do poder público estadual para sua divulgação e promoção em nível nacional e internacional. Essa Rota, conhecida como a Estrada do Pacífico para os brasileiros e *Carretera Interoceánica* para os peruanos e bolivianos, liga, através do Acre, o Brasil e a Bolívia ao Peru, até os portos do Oceano Pacífico e de lá para outros continentes. A apropriação turística desse empreendimento de infraestrutura se dá, em princípio, devido às culturas e paisagens de rara beleza existentes que chamam à atenção, como a transposição paisagística e cultural da Amazônia brasileira e peruana para as planícies, montanhas, picos andinos e a costa peruana de possível visualização em seu trajeto. Em uma perspectiva sociológica, histórica e turística são estudados e avaliados o turismo e os elementos identitários da rota turística com o fim de argumentar o paradoxo existente entre turismo cultural e região amazônica.

Palavras-Chave: Acre / Cultura Amazônica / Turismo Cultural / Preservação / Sustentabilidade.

ABSTRACT

This paper addresses the issue of tourism being developed in the International Tourist Route Andes-Amazon-Pacific region in the Amazon state of Acre and the information and joints of the state government for its dissemination and promotion of national and international level. This route, known as the Road to the Pacific to the Brazilian or *Carretera Interoceánica* to the Peruvians and Bolivians, connects through Acre, Brazil and Bolivia to Peru to the Pacific Ocean ports. The appropriation of tourism infrastructure development is due largely to the cultures and landscapes of rare beauty that they call attention to, such as the implementation of culture and landscapes of the Brazilian Amazon and Peru to the plains, mountains, Andean peaks and the Peruvian coast. According to the sociological, historical and tourism will be studied and evaluated tourism and identifying elements of the tourist route in order to argue the paradox of cultural tourism and the Amazon region.

Keywords: Acre / Amazon Culture / Cultural Tourism / Preservation / Sustainability.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa - Trajeto da Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico.	24
Figura 2 - Mapa - Trajeto da Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico no Peru.	26
Figura 3 - Mapa - Localização física do Vale do Acre.	29
Figura 4 - Mapa - Trajeto da Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico no Vale do Acre.	29
Figura 5 - Foto do Palácio Rio Branco no centro de Rio Branco.	31
Figura 6 - Foto do Chalé do Proprietário e Museu do Seringal Bom Destino.	52

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Avaliação dos elementos de identidade cultural e dos serviços turísticos conforme a percepção do visitante de Rio Branco.	46
Quadro 2 - Avaliação da caracterização do município de Rio Branco para o turismo.	49
Quadro 3 - Avaliação da caracterização do município de Porto Acre para o turismo.	57
Quadro 4 - Avaliação das características do município do Bujari para o turismo.	60
Quadro 5 - Avaliação das características do município de Senador Guiomard para o turismo.	63
Quadro 6 - Avaliação da caracterização para o turismo da cidade de Capixaba.	65
Quadro 7 - Avaliação da caracterização do município de Plácido de Castro para o turismo.	68
Quadro 8 - Avaliação da caracterização do município de Xapuri para o turismo.	75
Quadro 9 - Avaliação da caracterização do município de Eitaciolândia para o turismo.	80
Quadro 10 - Avaliação da caracterização do município de Brasiléia para o turismo.	84
Quadro 11 - Avaliação da caracterização do município de Assis Brasil para o turismo.	86
Quadro 12. Unidades de Conservação do Estado do Acre.	132

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Permanência Média.	44
Gráfico 2 - Hospedagem.	44
Gráfico 3 - Qual atividade pretende realizar ao visitar o Acre?	45
Gráfico 4 - História, cultura e identidade local.	47

LISTA DE SIGLAS

ABAV - Associação Brasileira das Agências de Viagem
ADETUR - Agência de Desenvolvimento do Turismo do Norte
ADVB - Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil
AMAZON SAT - Rede Amazônica de Rádio e Televisão
ANPPAS - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade
APA – Área de Proteção Ambiental
APEX – Agência de Promoção de Exportações e Investimentos
ASPAC – Associação de Silves pela Preservação Ambiental e Cultural do Município de Silves
CEBs – Comunidades Eclesiais de Base
CEFLURIS – Centro Eclético de Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra
CICLU – Centro de Iluminação Cristã Luz Universal CNS – Conselho Nacional dos Seringueiros
CONIRSA – Consórcio de la Infraestructura de Integración Sur Americana
CONTAG – Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais
CPT – Comissão Pastoral da Terra
DIPE - Divisão de Informação, Promoção e Eventos
EMBRATUR - Instituto Brasileiro de Turismo
ESEC Estação Ecológica do Alto **Rio Acre**
FEA – Floresta Estadual do Antimary
FORNATUR - Fórum Nacional de Secretários e Dirigentes de Turismo
FUNTAC - Fundação de Tecnologia do Estado do Acre
IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
ICOMOS - Conselho Internacional de Monumentos e Sítios
IMAC – Instituto do Meio ambiente do Acre
INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ITTO - International Tropical Timber Organization
LIRSA SUR – Consórcio Intersur
MAP - Madre de Dios Acre Pando

MEC – Ministério da Educação e Cultura
MMA – Ministério do Meio Ambiente
MTur – Ministério do Turismo
MST – Movimento dos Sem-Terra
OMT - Organização Mundial do Turismo
ONG – Organização Não Governamental
PAE - Projeto Assentamento Agroextrativista
PAEX - Projeto Assentamento Agroextrativista de Xapuri
PM – Plano de Manejo
PNSD – Parque Nacional da Serra do Divisor
PROECOTUR - Programa de Desenvolvimento do Ecoturismo na Amazônia Legal
PRODETUR - Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste Brasileiro
RESEX- Reserva Extrativista
SEBRAE- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SCA - Secretaria de Coordenação da Amazônia
SEMA - Secretaria de Estado de Meio Ambiente
SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SEPLANDS - Secretaria de Estado de Planejamento
SESI – Serviço Social da Indústria
SETUL - Secretaria de Estado de Esporte Turismo e Lazer
SETUR – Secretaria de Turismo
SNUC - Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza
STR – Sindicato dos Trabalhadores Rurais
SUDAM – Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia
UC – Unidade de Conservação
UNICAMP – Universidade de Campinas
4º BIS - Quarto Batalhão de Infantaria e Selva

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 ROTA TURÍSTICA INTERNACIONAL AMAZÔNIA – ANDES – PACÍFICO: COMPETITIVIDADE TURÍSTICA INTERNACIONAL E CULTURA ACREANA REGIONALIZADA	22
1.1 O Vale do Acre e a vocação turística	28
1.1.1 <i>Rio Branco: turismo e cultura na Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico</i>	30
1.1.2 <i>Os patrimônios históricos culturais tombados de Rio Branco</i>	33
1.2 A pesquisa de campo nas cidades do Vale do Acre na área de influência da Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico: os métodos e técnicas, os resultados, as sugestões e recomendações ...	37
1.2.1 <i>Análise da pesquisa realizada nas cidades do Vale do Acre com a comunidade local</i>	38
1.2.2 <i>Análise da pesquisa sobre o perfil do turista de Rio Branco</i>	42
1.2.3 <i>Análise da pesquisa sobre a percepção do visitante de Rio Branco</i>	45
1.2.4 <i>Avaliação das características fundamentais para o turismo da cidade de Rio Branco</i>	48
2. TURISMO E CULTURA REGIONALIZADOS NAS CIDADES DO VALE DO ACRE INTEGRANTES DA ROTA TURÍSTICA INTERNACIONAL AMAZÔNIA-ANDES-PACÍFICO	50
2.1 Porto Acre e os caminhos da Revolução Acreana: o lugar do turismo das análises e sugestões	50
2.2 Bujari: manejo de pastos e manejo florestal	57
2.3 Senador Guimard: cidade do amendoim e da água mineral	61
2.4 Capixaba: folia do Cachimbo de Aço	63
2.5 Plácido de Castro: homenagem ao herói da Revolução Acreana	65
2.6 Xapuri e os caminhos da consciência ambiental	69
2.7 Epitaciolândia: cidade do poeta da fronteira	76
2.7.1 <i>O poeta da fronteira: ativista e produtor cultural</i>	78
2.8 Brasiléia: cidade da alegria do Vale do Acre	80
2.8.1 <i>Sítio histórico de Brasiléia: belos casarões das décadas de 20 e 30</i>	82
2.9 Assis Brasil: bem-vindo ao Peru	84
2.10 As cidades estrangeiras: Iñapari (Peru), Cobija, Villa Evo Morales e Bolpebra (Bolívia)	86

3. O ACRE E SUA HISTÓRIA E AS IDENTIDADE CULTURAIS PRESENTES NA MEMÓRIA E NO TURISMO	89
3.1 A história do Acre e os elementos identitários.	91
3.2 O Estado Independente do Acre e a República de Luiz Galvez: uma representação da memória	96
3.3 A Revolução Acreana e José Plácido de Castro: referenciais identitários e sentimentos de pertencimentos	101
3.4 A diplomacia do Barão do Rio Branco: uma busca pela identidade	104
3.5 Movimento Autonomista: memória subterrânea, silêncio e poder	106
3.6 Conflitos entre pecuaristas e seringueiros: identidade, memória e resistência	107
4. A CULTURA E O LUGAR DO TURISMO CULTURAL, DA SUSTENTABILIDADE SOCIOCULTURAL DO TURISMO E DO ECOTURISMO NAS CIDADES DA ZONA DE INFLUÊNCIA DA ROTA TURÍSTICA INTERNACIONAL AMAZÔNIA-ANDES-PACÍFICO	112
4.1 O Lugar do Turismo Cultural.....	112
4.1.1 <i>O Lugar da Cultura e do Turismo Religioso.....</i>	<i>115</i>
4.2 Sustentabilidade Sociocultural do Turismo	120
4.2.1 <i>Cultura, Turismo e Sustentabilidade</i>	<i>122</i>
4.3 O Lugar do Ecoturismo	128
4.3.1 <i>As Unidades de Conservação do Acre e as implicações para a visitação turística</i>	<i>132</i>
5. O ACRE AMAZÔNICO CULTURAL COM PRINCÍPIOS SUSTENTÁVEIS E O TURISMO ACREANO REGIONALIZADO EM CONSTRUÇÃO	136
5.1 <i>Amazônia: A Maior Maravilha da Natureza versus Amazônia: A Maior Maravilha para a Humanidade?</i>	<i>139</i>
5.2 <i>A vivência e intera�o do homem com a floresta amazônica.....</i>	<i>143</i>
5.3 <i>A cultura acreana e amazônica desmistificada: uma perspectiva inclusiva e atuante</i>	<i>147</i>
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	154
BIBLIOGRAFIA	158
APÊNDICES	162

INTRODUÇÃO

O presente estudo possibilita estabelecer conhecimentos e um aprofundamento na temática abordada, o turismo, que vem sendo trabalhado e desenvolvido nos últimos anos no Estado do Acre, em especial na região do Vale do Acre. O objeto de estudo dessa dissertação é a Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico cujo trajeto é o mesmo da Estrada do Pacífico ou *Carretera Interoceánica* para os povos do Peru e Bolívia. Esta rota, no lado brasileiro, tem Porto Velho-RO e Rio Branco-AC como porta de entrada e após passar pelo Estado do Acre, adentra o Peru e segue até os portos do Oceano Pacífico nas cidades de Ilo e Matarani. Um projeto que se iniciou com a missão de integrar socioeconômica e culturalmente três países sulamericanos Brasil, Peru e Bolívia com perspectiva de atuação nas mais variadas e importantes cadeias produtivas, promovendo o desenvolvimento, inclusão sociocultural, geração de renda e minimização da pobreza. Atualmente contribui de forma expressiva na melhoria da qualidade de vida das pessoas da região com a geração de postos de trabalhos e aprendizagem profissional.

O projeto turístico de implementação da Estrada do Pacífico como a Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico nasceu no Acre, com a intenção de encontrar um produto de grande potencial turístico e competitivo no mercado e com isso, promover o turismo na região norte, além de gerar expectativas quanto ao desenvolvimento econômico entre os países que a integra. Dentre os vários elementos que se identificam como potenciais atrativos turísticos durante seu trajeto destacam-se os cenários amazônicos de rara beleza, existentes na região do Vale do Acre – trecho brasileiro, na região de Madre de Dios – trecho peruano e a região de Pando – trecho boliviano, a transposição de paisagens entre os biomas Amazônia, Andes e Costa Peruana, além do intercâmbio sócio-cultural entre brasileiros e os habitantes dos altiplanos peruanos com sua cultura milenar pré-colombiana e hispânica, remanescentes do Antigo Império Inca.

O significativo poder de atratividade turística está sendo trabalhado pelos poderes públicos dos três países, - em menor grau com a Bolívia - no sentido de gerar e irradiar fluxos turísticos para a região, para isso conta com incentivos regional, nacional e internacional dos órgãos responsáveis pelos vários setores da

economia, infra-estrutura e turismo, além de outros setores governamentais e privados do Brasil e do Peru.

Tais iniciativas convergem para potencializar o turismo na região do Vale do Acre, que conta com vários elementos significativos da cultura, com boa infraestrutura básica e de apoio ao turismo. A região possui uma cultura rica, diversa e dinâmica, entranhadamente e originariamente acreana, baseada nos princípios históricos de lutas e conquistas do território habitado que dignificam e orgulham o povo acreano, este é um dos principais motivos da incidência de turistas que vem ao Acre atraídos em conhecê-la. Por meio de um referencial histórico realizou este trabalho, no qual se intenciona descobrir a vocação turística da região do Vale do Acre. Acredita-se que nessa parte da Amazônia existe a possibilidade de desenvolvimento do turismo em seus vários segmentos, sobretudo o turismo cultural, mesmo a região sendo amazônica, para a qual convergem as questões de caráter eminentemente ambientais.

O trecho que integra a Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico no âmbito do Estado do Acre é o mesmo que já vinha sendo trabalhado pelo turismo estadual nos anos anteriores, só que organizado em três rotas turísticas (como ainda o é, para fins institucionais) no segmento de ecoturismo desprezando-se, promocionalmente, a cultura existente na região.

É importante estabelecer um retrospecto no histórico do turismo na região para melhor entendimento do tema abordado. O turismo no Vale do Acre começou a ter mais destaque a partir do ano de 2003, quando se iniciaram os trabalhos de implementação de circuitos turísticos, com as visitas técnicas realizadas à pousada ecológica do Seringal Bom Destino que estava sendo construída pelo governo do Estado do Acre sob a responsabilidade do Departamento de Patrimônio Histórico Estadual.

Na ocasião verificou-se um agrupamento de elementos histórico-culturais e naturais que possibilitaria a implementação dos circuitos turísticos constantes no planejamento estratégico da recém criada Secretaria de Turismo. De posse de tais informações, através de iniciativa própria, elaborou-se uma produção textual do que seriam as primeiras rotas turísticas do Acre, denominadas, provisoriamente como Circuito Caminho da Revolução (Rio Branco, Porto Acre – Seringal Bom Destino), Circuito Trilha da Borracha (Rio Branco, Xapuri – Seringal Cachoeira) ambos no ano

de 2003 e Circuito Caminho da Integração (Rio Branco, Brasiléia, Epitaciolândia e Assis Brasil) em 2004 (ARAUJO, 2004).

Com base nesse trabalho técnico, os circuitos turísticos foram preparados e receberam outros nomes pela SETUR-AC em parceria com o recém criado Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil ainda no ano de 2004 e foram apresentados na 1ª Edição do Salão do Turismo respectivamente como Rota Ecoturística Caminhos da Revolução (Rio Branco, Porto Acre – Seringal Bom Destino) e Rota Ecoturística Caminhos de Chico Mendes (Rio Branco, Xapuri – Seringal Cachoeira), Rota Ecoturística Caminhos do Pacífico (Rio Branco, Senador Guimard, Capixaba, Plácido de Castro, Epitaciolândia, Brasiléia e Assis Brasil). Nas edições posteriores foi retirada a palavra ecoturística, mas o segmento no qual, promocionalmente as rotas se desenvolvem ainda o ecoturismo em detrimento do turismo cultural.

Tendo como objetivo o aprofundamento do tema turismo cultural *versus* ecoturismo no Estado do Acre, foi elaborado esse trabalho cujo objeto de estudo se constitui na Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico localizada na região do Vale do Acre. Para tanto, por meio de uma perspectiva sociológica, histórica e turística considerou-se alguns aspectos importantes, a história acreana de lutas e conquistas do território hoje habitado, a vivência e interação do homem com a floresta, o empoderamento comunitário e turístico e a relação sócio-econômica e cultural da população acreana.

Essa dissertação pode, em outros momentos, ganhar diferentes desdobramentos para estudos além das divisas jurisdicionais brasileiras, no entanto, no presente, se limita ao Vale do Acre e à cultura nele existente. A leitura do objeto de pesquisa será voltada para o segmento do turismo cultural, devido ao entendimento de que o uso turístico dos bens materiais e imateriais da cultura devem sempre atuar no sentido do fortalecimento das culturas e da identidade local, como registra o Ministério do Turismo (MTur):

O turismo cultural compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura [...]. A utilização turística dos bens culturais pressupõe sua valorização, promoção e a manutenção de sua dinâmica e permanência no tempo como símbolos de memória e de identidade. Valorizar e promover significa difundir o conhecimento sobre esses bens e facilitar seu acesso e usufruto a moradores e turistas.

Significa também reconhecer a importância da cultura na relação turista e comunidade local. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2006, p.10-11).

Existe um consenso neste aspecto com Beni (2002), na medida em que o autor defende que a vocação de um espaço é cultural quando “[...] se oferecem como produto essencial o legado histórico do homem em distintas épocas [...]”. (BENI, 2002, p. 422). Ao passo que a respeito do ecoturismo se reporta dizendo que ele é um “[...] deslocamento de pessoas a espaços naturais delimitados e protegidos pelo estado ou controlados em parcerias [...]” (BENI, 2002, p. 428). Com base nesses conceitos e na realidade dessa região da Amazônia considera-se cultural o saber e o fazer específicos do povo, mas se o turismo for tratado somente com foco no ecoturismo, não está sendo condizentes com o histórico da região e estimular-se-á a divulgação da Amazônia pelo viés tão somente ambiental. Acredita-se que os discursos meramente ambientais, exógenos, estranhos ao ambiente amazônico sejam prejudiciais para a região, pois escondem e vulgarizam a cultura existente, além de vulnerabilizar a região.

Historicamente e culturalmente afirma-se que “mata e floresta é terra de ninguém”, pois nela e com ela as pessoas fazem o que bem querem, depredam e saqueiam, todavia, uma mata e uma floresta onde existem um povo e sua cultura, merecem respeito porque seguramente ela tem dono. Nessa “mata” ou nessa “floresta” moram indígenas, extrativistas, ribeirinhos e nela situam-se as belas cidades da Amazônia, elementos que serão estudados de acordo com o que expressa Cavalcanti (2001, p. 72) “[...] a cultura e o saber ‘do povo’ são heterogêneos, abrindo-se num infinito leque de distintas formas de ser”.

Por meio desse estudo espera-se estabelecer uma reflexão a respeito de alguns fatores primordiais: a apropriação de um produto construído com fins socioeconômico e comercial, como é o caso da Estrada do Pacífico que o setor turístico governamental trata como Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico, a temática do turismo e cultura no espaço amazônico e o turismo cultural, ecoturismo e sustentabilidade sociocultural do turismo.

Nessa perspectiva, foram delineados para essa pesquisa os seguintes objetivos:

Objetivo Geral:

Reconhecer e destacar os elementos identitários e culturais amazônicos na zona de influência da Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico na

região do Vale do Acre, onde o ambiente de interação histórica, cultural e social se renova com a perspectiva de desenvolvimento sustentável, integração política, econômica, social e cultural.

Objetivos específicos:

1) Reconhecer, destacar, discutir e analisar a Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico e a vocação turística e cultural da região do Vale do Acre, por meio da apresentação das pesquisas de campo realizadas;

2) Identificar e reconhecer os elementos de identidade das cidades do Vale do Acre na perspectiva do desenvolvimento do turismo cultural e sustentabilidade social na Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico;

3) Correlacionar, discutir e analisar alguns fatos da história do Acre, que são símbolos de memória e identidade, com o turismo e a cultura na busca pela identificação dos elementos identitários acreanos;

4) Discutir o lugar da cultura, do turismo cultural, do ecoturismo e da sustentabilidade sociocultural do turismo na comunidade acreana em uma perspectiva de supremacia do turismo cultural;

5) Destacar e discutir a promoção da cultura amazônica com a perspectiva inclusiva e atuante como recurso de preservação da Amazônia pelo turismo cultural de identidade amazônico.

Visando o alcance desses objetivos, foi utilizada uma metodologia que se constitui em pesquisa de campo, teórica, conceitual e bibliográfica, buscando identificar os locais turísticos, os elementos identitários da cultura acreana e analisar o turismo existente. Foi realizada uma pesquisa “in loco” e entrevistas formais pré-agendadas com a aplicação de questionários previamente elaborados para se conhecer o perfil do turista, a percepção do visitante, a opinião da comunidade local e do gestor público de turismo das cidades integrantes da Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico sobre a rota, a cultura e o turismo. Concomitante, às entrevistas, as características das cidades foram avaliadas, pontualmente, em aspectos positivos e aspectos negativos com vistas à recepção dos turistas e possível melhoria da cidade na receptividade turística.

Para a realização da pesquisa houve fatores que influenciaram no seu início e término no tempo determinado, primeiramente, o fato de ter escolhido para sua realização um período que coincidiu com o das eleições para prefeitos e vereadores no mês de outubro, seguido da mudança dos gestores públicos que dificultou a

obtenção das informações, além disso, vieram as festas de final de ano e o período de inverno amazônico. Após várias tentativas de realização durante o segundo semestre do ano de 2008, sua produção foi viabilizada no primeiro semestre de 2009, mais especificamente no período de 09 a 20 de fevereiro de 2009. Período no qual foram entrevistadas um total de 62 pessoas em 10 cidades. Sendo 10 gestores públicos e 52 pessoas da comunidade local. Em Rio Branco foram entrevistadas 12 pessoas da comunidade local, em Plácido de Castro 10, em Xapuri 08, em Brasileia 07, em Epitaciolândia 04, em Porto Acre 03, em Assis Brasil 03, em Bujari 02, em Senador Guimard 02 e em Capixaba 01. Em todas as cidades entrevistou-se, além dos moradores pelos menos 01 gestor público, dentre eles dois prefeitos, do município de Plácido de Castro e de Bujari, e o vice-prefeito do município de Assis Brasil.

Essa dissertação foi organizada em cinco capítulos, cada qual focalizando um objetivo específico. O primeiro capítulo se refere à Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico, sua identificação como equipamento de acesso e de integração socioeconômico e cultural e sua apropriação como produto turístico de caráter internacional pelo poder público e trade turístico, além da discussão da vocação turística do Vale do Acre para o turismo e apresentação dos resultados da pesquisa nas dez cidades integrantes dessa rota turística.

No capítulo 2 optou-se por identificar e reconhecer os elementos de identidade de nove cidades do Vale do Acre, e também a obtenção sucinta de informações das cidades da Bolívia e do Peru que são vizinhas das cidades brasileiras e, portanto integrantes da rota.

O terceiro capítulo traz uma discussão de alguns fatos da história do Acre, que são símbolos de memória e identidade com o turismo e a cultura na busca pela identificação dos elementos identitários acreanos.

Em seguida, o capítulo 4 discute a respeito da busca pela superioridade do turismo cultural na região do Vale do Acre, identificando-se o lugar da cultura, do turismo cultural, do ecoturismo e da sustentabilidade sociocultural do turismo.

E por fim, o capítulo 5 destaca e discute sobre a promoção da cultura amazônica com a perspectiva inclusiva e atuante como recurso de preservação da região da Amazônia pelo turismo cultural de identidade amazônico.

Dessa forma, esse estudo apresenta-se como um desenho da Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico, focalizando o trajeto que perpassa o Estado

do Acre. Por meio dele buscou-se trazer contribuição para o desenvolvimento do turismo no estado, estabelecendo a identificação e registro, seguido de análises dos elementos identitários da cultura acreana, os quais são patrimônios da cultura material e imaterial que podem ser trabalhados como atrativos turísticos. Esses fatores propiciarão uma melhor compreensão sobre o cenário favorável ao desenvolvimento do turismo cultural, a fim de que seja possível proporcionar sustentabilidade e dinamicidade ao turismo no estado e em especial na Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico.

1 ROTA TURÍSTICA INTERNACIONAL AMAZÔNIA – ANDES – PACÍFICO: COMPETITIVIDADE TURÍSTICA INTERNACIONAL E CULTURA ACREANA REGIONALIZADA

Na busca pelo destaque, discussão e análise dos elementos de identidade culturais do Acre e a vocação turística da região do Vale do Acre na zona de influência da Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico priorizou-se a realização de um estudo que evidencie a cultura presente na localidade, que imperceptível à coletividade, mostra não apenas os fatos e personagens históricos culturais, mas também como essas personalidades e acontecimentos do passado e do presente construíram e constroem a cultura que permeia a sociedade acreana. Pretende-se por meio de uma perspectiva histórica, sociológica e turística, mostrar e discutir a cultura nessa região da Amazônia, onde as atenções e discussões convergem para as questões ambientais e comerciais e, compreender como a cultura poderá ser agente de vanguarda do meio ambiente sustentado acreano. Para tanto, foram tomados como referência autores como Gonçalves (2008), Geertz (1975), Pollak, (1992), Beni, (2002); Costa (2007), Cardoni, (1986), além de conceitos do Ministério do Turismo - MTur- (2006); e outros estudos e pesquisas sociais realizadas na rota turística, objeto dessa pesquisa.

Isto implica em considerar os elementos de identidade acreanos constituídos de bens de natureza material e imaterial, fundamentados na originalidade dos dizeres, saberes, costumes, imaginários e manifestações populares como a cultura, que híbrida e multicultural, são inerentes ao ser humano que vive e se percebe no cotidiano e nos grupos sociais da região. É a cultura que permite construir a identidade das pessoas pertencentes a uma história, a uma vida social de uma região específica, com toda sua pluralidade e complexidade.¹ De acordo com Geertz (1975, p.24) “é a compreensão da cultura de um povo que expõe sua normalidade sem reduzir suas particularidades”. Gonçalves (2008, p.10) também ressalta que “defender a Amazônia é defender as culturas existentes de uma

¹ Ver mais informações em OLIVEIRA, I. A & SANTOS, T. R. L. A cultura amazônica em práticas pedagógicas de educadores populares. PPGED / UEPA. GT: Educação Popular / n.06 Agência financiadora: CNPq / UEPA, 2006. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT06-3039--Int.pdf>>

população portadoras de um acervo de conhecimentos que é o trunfo para o diálogo com o mundo”.

Para trazer o tema cultura à discussão, considerou-se pertinente a escolha de algo que torne perceptível a diversidade dos elementos culturais os quais se quer discutir, que se dimensionam tanto pela identidade regional, diversidade étnica e cultural, crenças e especificidades dos grupos culturais como pela interação socioeconômica e cultural da região do Acre com os estados e países limítrofes a ele, por isso, optou-se pela escolha deste objeto de estudo. A partir dele tem-se a possibilidade de construir conhecimentos sobre a cultura regional, o turismo e o comércio inter-fronteiras.

As pesquisas bibliográficas e de campo foram realizadas no sentido de trazer um melhor conhecimento sobre a rota turística e a cultura regional através das iniciativas dos órgãos públicos do turismo e trade turístico que com esforços conjuntos de dois países, Brasil e Peru, procuram promover o turismo e, conseqüentemente, a integração e desenvolvimento da região.

Estudos realizados nessa área indicam que a Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico compreende a via de acesso que interliga esses dois países sulamericanos, com possibilidade de inserção da Bolívia. Conhecida pelos brasileiros como Estrada do Pacífico e pelos peruanos como *Carretera Interoceánica* é a passagem para o Peru até os portos do Oceano Pacífico pelo Acre. Pode-se visualizar através da figura 1 o trajeto da rota, simbolizado no mapa pela cor vermelha, cujo percurso inicia-se em Porto Velho – RO, chega a Rio Branco – Acre, adentra o território peruano por Iñapari, alcança as cidades históricas de Cuzco e Macchu Picchu e prossegue até chegar às cidades portuárias de Ilo e Matarani, na Costa do Pacífico. Observa-se também, demonstradas pela cor laranja, as várias cidades existentes no percurso e na sua área de influência que recebem investimentos.



Figura 1: Mapa - Trajeto da Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico, 2006.

Fonte: SEPLANDS, 2006.

A Estrada do Pacífico está sendo construída em ritmo acelerado com a previsão de conclusão dos seus 1.900 quilômetros entre Rio Branco e os portos do Oceano Pacífico para o ano de 2010. Sendo que possui vários quilômetros de estrada e outras obras de infraestrutura já concluídos, como os entrepostos fiscais de Assis Brasil, a ponte sobre o rio Acre que liga Assis Brasil a Iñapari no Peru e outras que se encontram em construção². Para a população do Peru a construção da *Carretera* significa além da perspectiva de desenvolvimento, um sonho realizado, como afirma Xangai (2006)³ “Mais que uma estrada ligando dois povos, a Estrada do Pacífico celebrará o sonho bolivariano⁴ o de unir a América Latina”. Essa obra é

² Além da obra da estrada outras obras estão sendo construídas como a modernização dos aeroportos de Porto Maldonado e Mazuco, dos portos de Ilo e Matarani e da ponte sobre o rio Madre de Dios. A ponte está sendo construída pelo Consórcio Madre de Dios que integra as empresas INCOY, CONCVILES e PEDRO LAYBEZ. A mesma terá 704 metros de comprimento ao custo de 25 milhões de dólares. Fonte: <http://www.pagina20.com.br/18042006/especial.htm>

³ XANGAI. Juraci. Carretera Transoceânica: aventura e esperança. 2006. Disponível em: <http://www.pagina20.com.br/18042006/especial.htm>. Acesso: 13 mar. 2008.

⁴ Procedente de Simón Bolívar, o sonho bolivariano consistia em formar um grupo de nações livres, independentes e emancipadas com vínculos de solidariedade sólidos, que fossem capazes de

administrada pela empresa brasileira Norberto Odebrecht e executada pelo Consórcio CONIRSA⁵ e LIRSA SUR⁶.

Com a intenção de promover o desenvolvimento regional através da implementação da Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico, as autoridades dos dois países referentes aos setores públicos e privados, participam de atividades e buscam parcerias no sentido de promovê-la. Dentre estes esforços destaca-se a assinatura do Protocolo de Intenções⁷ a definição de estratégias de promoção e viabilidade econômica e comercial, a implantação de linhas aérea entre *Puerto Maldonado, Cuzco* e Rio Branco, linhas terrestres no trecho Porto Maldonado - Rio Branco e a realização da Semana da Amazônia Brasileira em Cuzco⁸. Nessa perspectiva, uma viagem de reconhecimento da rota como produto turístico foi realizada com a participação de representantes do Ministério do Turismo, Secretaria de Estado de Esporte, Turismo e Lazer do Acre, Ministério do Turismo do Peru e empresários do setor turístico acreano, os quais percorreram o trajeto e apresentaram relatório favorável a sua implementação como produto turístico viável de nível nacional e internacional.

Esse empreendimento compartilhado recebeu adesões de outras cidades peruanas interessadas em participar do projeto. Nesse sentido, o *II Foro Carretera Interoceânica - Rota 26*, realizado na cidade de *Abancay*, capital do Departamento

se tornarem uma grande família sob o direito e a democracia. Onde liberdade e união forjassem projetos, sonhos e realizações.

⁵ O Consórcio CONIRSA é composto pelas empreiteiras peruanas JJC *Contratistas; Ingenieros Civiles y Contratistas General e; Graña y Montero*.

⁶ O último trecho da obra será construído por LIRSA SUR composto pelas construtoras brasileiras Andrade Gutierrez, Queiroz Galvão e Camargo Correa.

⁷ Documento assinado no ano de 2008, através do qual os representantes dos países firmou compromisso compartilhado de reconhecimento da Rota como produto turístico integrado.

⁸ O evento, A Semana da Amazônia Brasileira em *Cuzco* – Peru, realizou-se no período de 24 a 29 de maio de 2009 no Centro de Convenções *Cuzco, Plaza del Recozijo, Plaza de Armas*. Teve grande participação das autoridades dos dois países, além das caravanas de brasileiros de Rondônia e do Acre e grande participação da população local. O órgão oficial de turismo do Acre distribuiu informações turísticas e material promocional através do Centro de Informações Turísticas Móvel do Estado do Acre. A promoção local foi feita em 14 programas de televisão, 07 matérias jornalísticas, 17 páginas da internet e nas rádios locais (Fonte: *Cusco Meeting OPE*, 2009). Todos os principais meios de comunicação do Acre divulgaram o evento durante todos os dias. (Fonte: Assessoria de Comunicação do Acre, 2009).

de *Apurímac*⁹, contou com a participação de representantes governamentais do Acre como convidados e teve como foco principal a apresentação de mais uma opção de trajeto que tem como saída para o Oceano Pacífico a cidade de *San Juan de Marcona* no Departamento de *Ica*¹⁰, como mostra o Mapa descrito a partir da figura 2. Nele observa-se o primeiro trecho entre Rio Branco e as cidades de Ilo e Matarani, (trajeto que está aberto em gancho menor) e o da proposta apresentada no evento que partindo da cidade de Urcos se distancia em direção a Nazca e à cidade portuária de San Juan de Marcona.



Figura 2: Mapa - Trajeto da Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico no Peru.
Fonte: BLEST, 2009.

⁹ Ver mais informações em FERREIRA, Edmilson. Acre participa de fórum sobre nova rota que integra Brasil a um megaporto no Pacífico, 2008. Disponível em: <http://www.agencia.ac.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=3136&Itemid=290>

¹⁰ A cidade de San Juan de Marcona é um entreposto comercial onde se encontra em construção um megaporto marítimo para desembarque de produtos vindos de várias partes do mundo, e poderá oferecer ao Brasil outras opções de comércio e turismo, inserindo Lima e as linhas de Nazca no processo. A distância entre Rio Branco e esta cidade na costa do Pacífico, é metade do percurso da capital do Acre aos portos de Santos às margens do Oceano Atlântico.

A *Carretera Interoceánica* traz, dentre outras possibilidades, a integração política, social, econômica e cultural e, conseqüentemente, a perspectiva de desenvolvimento regional, a melhoria da qualidade de vida, a geração de emprego e renda, a minimização da pobreza e o crescimento do turismo na região. Possibilita aos turistas a visualização de paisagens dos diferenciados biomas amazônicos, andinos e pan-andinos, cenários de rara beleza, o contato com a rica e diversificada fauna e flora, além de promover o intercâmbio sócio-cultural entre amazônidas brasileiros, bolivianos, peruanos e a população da região dos altiplanos e da costa peruana. Para os brasileiros, diminui a distância entre o conhecimento sobre a cultura milenar, as edificações históricas dos povos remanescentes do antigo império da civilização Inca de origem pré-colombiana e hispânica e os mais recentes elementos da cultura brasileira, acreana e de outras regiões do país.

Diante disso, nota-se que a rota poderá oferecer uma série de possibilidades e vantagens para o desenvolvimento do turismo em suas diversas modalidades como, ecoturismo, turismo cultural, de negócios, de aventura, turismo experiencial, intercâmbio cultural, e integração econômica e sociocultural através dos eventos culturais e esportivos programados. No entanto, existem algumas fragilidades e ameaças que convém considerar, como: riscos de exploração sexual e prostituição infanto-juvenil; rota do narcotráfico; aumento da incidência de crimes e violências e interferência nos usos e costumes. Vale destacar que com relação à exploração sexual pelo turismo, vista como uma ameaça na região, uma pesquisa realizada na fronteira Acre-Bolívia-Peru (Brasiléia, Epitaciolândia, Cobija, Assis Brasil e Iñapari) feita por Pessoa (2007), demonstra que:

Os resultados das entrevistas evidenciaram que em todas estas cidades mencionadas: a) há casos de abuso sexual intra-familiar, extra-familiar, exploração sexual, tráfico para fins de exploração sexual e pornografia infanto-juvenil contra meninas com idades entre 07 e 17 anos; b) casos de turismo sexual, com adolescentes entre 13 a 17 anos levadas para a Bolívia e para o Peru para serem exploradas sexualmente por bolivianos, peruanos e brasileiros; c) descobriu-se que estas adolescentes criam e mantêm redes de informações para facilitar o agendamento de programas de prostituição juvenil ¹¹.

¹¹ Mais informações em PESSOA, Enock. Sexualidade de adolescentes nas regiões de fronteiras, riscos da exploração sexual e prostituição juvenil: o caso da fronteira Acre (Brasil), Bolívia, Peru. 2007. In.: SEMINÁRIO REGIONAL DA ASSOCIAÇÃO DOS MAGISTRADOS PROMOTORES DE JUSTIÇA E DEFENSORES PÚBLICOS DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE. São Paulo. ASMP, 2007. Disponível em: <http://www.seminarioregionalabmp.com.br/palestras_norte/txt7>

As formas de expressão do ambiente externo acarretam influências sobre os indivíduos, principalmente, aqueles em fase de desenvolvimento como as crianças e os adolescentes, que podem ser advindos de diversos fatores: urbanização acelerada, pobreza, desintegração social e familiar, influência da mídia, mudanças de identidade social e de grupos de referência, desemprego e mudanças no campo do trabalho. Estas situações contribuem para o aumento do risco de exploração sexual tendo no turismo um agente facilitador.

1.1 O Vale do Acre e a vocação turística

O Vale do Acre é uma das duas mesorregiões do Estado, onde se inserem as três microrregiões, Brasileia, Rio Branco e Sena Madureira (esta última não integra a pesquisa) e se encontram onze municípios acreanos: Rio Branco, Porto Acre, Bujari, Senador Guimard, Capixaba, Plácido de Castro, Xapuri, Epitaciolândia, Brasileia, Assis Brasil e Acrelândia (esta última, não integra a pesquisa por não se encontrar na zona de influência da Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico). Também foi inserido nesse estudo, por questões de abrangência territorial as cidades de Cobija e Vila Evo Morales – Bolívia e Iñapari – Peru. A área dessa região possui 3.815.068,46 km², com uma população de 432.212 habitantes. (ACRE, ZEE, 2006). A localização da zona de influência da rota e do Vale do Acre, além do trajeto da rota pode ser melhor compreendido por meio das figuras 1 (já apresentada), 3 e 4.

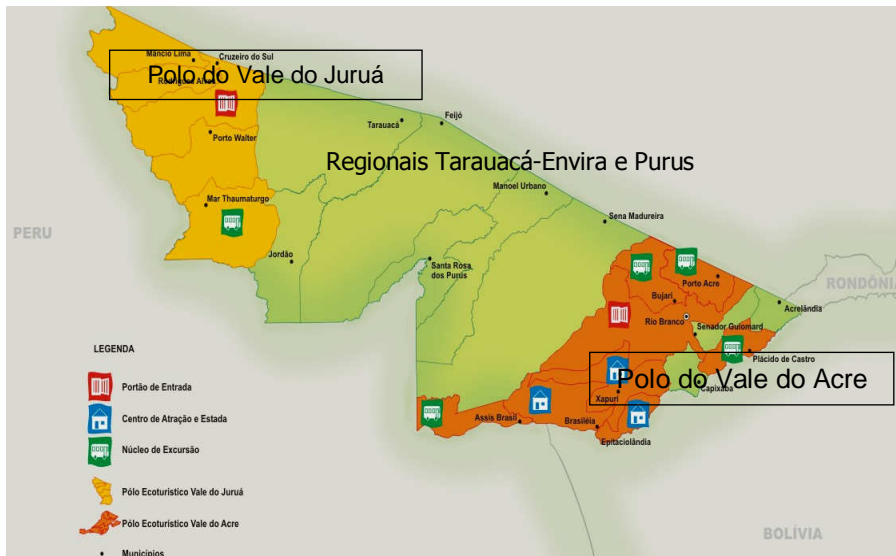


Figura 3: Mapa - Localização física do Vale do Acre.

Fonte: ACRE, IMAC, 2006.

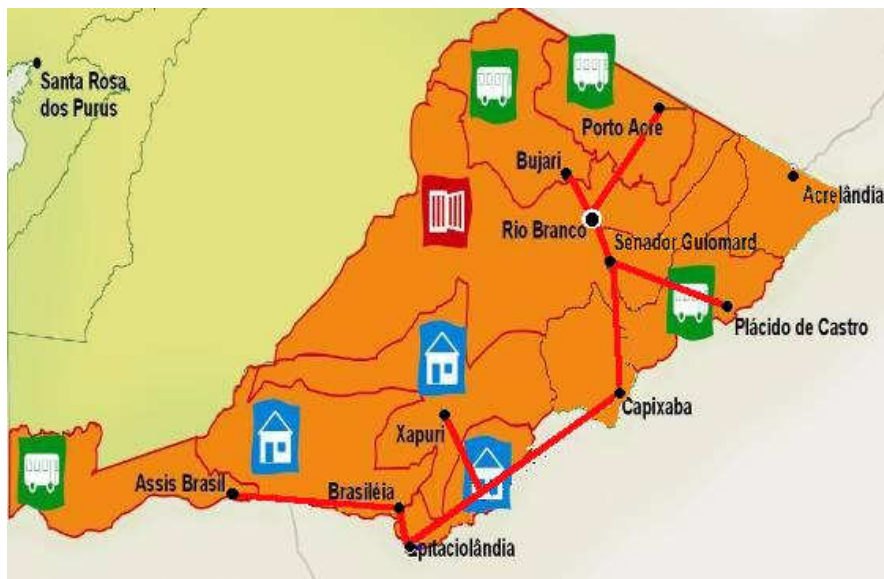


Figura 4: Mapa - Trajeto da Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico no Vale do Acre.

Fonte: Case Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico, 2007.

Percorrer a região do Vale do Acre é muito mais que uma viagem ou passeio turístico, é ir ao encontro da história e de personagens que construíram e constroem a sua “acreanidade”¹², nos últimos 100 anos. A cultura do Acre, oriunda dessa história, reporta-se ao final do século XIX e início do século XX quando

¹² O termo acreanidade se iguala ao termo pertencimento, pois se refere à identidade que o indivíduo tem do seu lugar de origem.

desempenhou papel importante na economia do país, com a produção do látex e de outros produtos extrativistas de boa qualidade e produtividade, como a borracha e a castanha proveniente dos seringais ¹³ existentes no interior da floresta amazônica.

Em meio à diversificada cultura e exuberante vegetação, encontra-se um povo de política vibrante, aguerrido e valente, que luta por cidadania, conforme descrição da letra do Hino Acreano: “[...] sem recuar, sem cair, sem temer [...]”. São originários dos ribeirinhos ¹⁴ e das inúmeras nações indígenas da região, que desde o início de sua ocupação habitavam este território, nas últimas décadas receberam influências de outras culturas devido ao êxodo de outros estados como Mato Grosso, Paraná, Paraíba e Maranhão. Juntos, estes fatores proporcionam uma cultura rica e diversificada capaz de despontar grande potencial para o desenvolvimento do turismo. Não é tarefa fácil encontrar o equilíbrio entre os interesses econômicos que o turismo proporciona e seu desenvolvimento, visto que a região exige planejamento adequado, preservação do meio ambiente e promoção de produtos turísticos sustentáveis e competitivos. O Vale do Acre busca desenvolver um turismo com sustentabilidade em uma região de baixo índice econômico, porém com potencial turístico forte e competitivo.

1.1.1 Rio Branco: turismo e cultura na Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico.

Com o objetivo de identificar em que se constitui o turismo e a vocação turística da cidade de Rio Branco, buscou-se, primeiramente, fazer um estudo sucinto dos elementos culturais existentes. Para tanto, foram utilizadas informações do Inventário da Oferta Turística do SEBRAE (2006), das obras não-publicadas de Araujo (2003a, 2003b e 2004) e do ACRE, ZEE (2006). Além disso, procurou-se na história do Acre e da cidade de Rio Branco o conhecimento sobre os elementos de identidade e cultura, consultando a obra de Tocantins (1979) e Cardoni (1986).

¹³ Termo genérico para os locais de habitações dos seringueiros.

¹⁴ Habitantes das margens dos rios da Amazônia que vivem do cultivo de agriculturas de várzeas, (milho, arroz, feijão, batata-doce, jerimum, melancia e outros) além da caça e da pesca. O rio e a floresta é seu “todo”.

A cidade foi fundada em 28 de dezembro de 1882 por Newtel Maia, concentra uma área de 883.143,74 Km² somando 305.731 habitantes. Está Localizada entre as latitudes de 09° 58' 29" e longitude 67° 48' 36". Estabelece fronteira com os municípios de Bujari, Brasiléia, Capixaba, Porto Acre, Sena Madureira, Senador Guiomard e Xapuri. Suas principais vias de acesso são a BR 364, 317, AC-10 e AC-40. A temperatura média se concentra em 26°C e a temporada de maior estiagem (verão amazônico) ocorre de junho a setembro e maior intensidade de chuvas entre dezembro a março.

O nome da cidade é em homenagem ao ex-Ministro das Relações Exteriores, o Barão do Rio Branco, devido ao seu empenho em resolver as questões do Acre durante o litígio com a Bolívia. (ACRE, 2006). O monumento de maior destaque na capital é o Palácio Rio Branco, o qual pode ser visualizado por meio da figura 5 a seguir. A capital dispõe de boa infra-estrutura turística e de apoio, dispondo de um aeroporto internacional que recebe três voos diários de duas grandes companhias aéreas, além de voos para as principais cidades brasileiras e outros em aeronaves de pequeno porte para o interior do Estado. Também conta com equipamentos turísticos de bom padrão de qualidade e compatíveis com a demanda turística e infra-estrutura existentes.



Figura 5: Foto do Palácio Rio Branco no centro de Rio Branco.
Fonte: SETUL, 2007.

A cidade apresenta maturidade cidadã, urbanística, e se desenvolve sem perder as características dos centros urbanos do interior da Amazônia. Sua política de desenvolvimento associa exploração racional dos recursos histórico-culturais e florestais com preservação e manutenção dos monumentos culturais. Possui vários locais aprazíveis para o descanso e lazer, como os parques ambientais e os monumentos dos sítios históricos do primeiro e segundo distritos, que traduzem culturalidade baseada na herança deixada pelos antigos habitantes, os índios e os desbravadores vindos do Norte e Nordeste brasileiros. Os folguedos, danças, mitos, lendas, superstições compõem a identidade acreana permeadas pelos saberes naturais do homem amazônico. Pratos como a galinha caipira, pato no tucupi, tacacá, rabada no tucupi, “caldeirada” de tambaqui, carnes e peixes preparados no leite da castanha-do-Brasil compõem sua culinária.

Vale ressaltar que a cultura acreana recebeu influência da cultura nordestina, indígena, alemã, árabe, sírio-libanesa, sendo que dos dois primeiros grupos a cultura é mais presente na maioria da população, dos três últimos grupos encontram-se resquícios no comércio e no setor alimentício. Destaca-se também, a cultura trazida pelos pecuaristas e assentados dos projetos de assentamentos do Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), os quais chegaram a Rio Branco provenientes do centro oeste e sul do país durante as décadas de 70 e 80. A culinária foi o setor que mais recebeu influência deste grupo. Nesse sentido, nota-se que essa mistura de raças, usos e costumes formam a identidade acreana e se encontram presentes em vários elementos, nos monumentos histórico-culturais, na história, na linguagem, na culinária e nas paisagens da cidade.

Gradativamente, essa identidade cultural “florestana”¹⁵ amadurece com a participação do povo e assistência do poder público como as manifestações culturais e os eventos culturais programados que realiza, um exemplo são as conferências e câmaras temáticas de cultura de Rio Branco que buscam o fortalecimento cultural das comunidades e, conseqüentemente, a preparação da população para o turismo.

¹⁵ “Florestana ou Florestano” são palavras que identificam os cidadãos habitantes da região de florestas. Todo acreano é um florestano e a florestania é o seu jeito de viver.

Isso é confirmado na declaração em entrevista do Diretor da Fundação Municipal de Cultura Garibaldi Brasil:

... trabalhamos com câmaras temáticas na busca do fortalecimento das comunidades, para o futuro desenvolvimento do turismo. Uma comunidade frágil, ao ser submetido ao turismo tende a se quebrar facilmente ...

As câmaras temáticas dos diversos grupos de cultura ¹⁶ buscam o fortalecimento para um dia poder vivenciar o turismo que desejam para sua cidade, como afirma o gestor de cultura e turismo municipal Marcos Vinícius das Neves ao ser entrevistado: “[...] há que se ter um turismo, entranhadamente acreano, baseado em nossos próprios princípios, [...]. Assim é o turismo que queremos”. Essa afirmação vai de encontro às declarações do MTur quanto à valorização e promoção dos bens materiais e imateriais da cultura: “Valorizar e promover [...] significa também reconhecer a importância da cultura na relação turista e comunidade local” (MTUR, 2006, p.11). Em conformidade com essas afirmações, Petrocchi (2001, p.99) explicita que: “As atividades turísticas devem conduzir-se em harmonia com as especificações e tradições das regiões [...]”. O fato é que a cidade de Rio Branco se prepara para o turismo de modo peculiar, regionalmente cultural.

1.1.2 *Os patrimônios históricos culturais tombados de Rio Branco*

No intuito de reconhecer e analisar os elementos identitários acreanos fez-se um estudo dos patrimônios históricos culturais de Rio Branco, o que possibilitou descobrir que são poucos os patrimônios revitalizados e tombados em relação à quantidade de monumentos que representam a história do povo acreano. O Conselho de Patrimônio Histórico e Cultural do Estado do Acre, recentemente, fez a abertura de processos de tombamento de vários bens culturais, visto que alguns patrimônios importantes ainda não receberam a devida proteção como o prédio do

¹⁶ As câmaras temáticas envolvem: comunidades tradicionais: afro-descendentes, ayahuasqueiras, candomblé; culturas urbanas: rock, grafismo, hip-hop; centros de preservação: áreas de proteção ambiental, sítios históricos, capoeira, artes cênicas e marciais, turismo, artesanato, música; esportes: atletismo, ciclismo, futebol, futsal, vôlei, outras.

Museu da Borracha, uma construção antiga que representa uma época, e que apesar da doação ainda não é protegido pelo tombamento ¹⁷.

Outro bem cultural que merece destaque é a Igrejinha de Ferro, marco histórico e religioso da Revolução Acreana ¹⁸ cuja localização, em área militar, prejudica a visitação turística e a devoção dos fiéis. A sugestão é que, ou retorne para seu lugar de origem, o Seringal Bom Destino, que já é tombado e a mesma é parte integrante dele ou no caso da não revogação do documento de doação que ela continue em poder do exército, mas como é um bem público, seja partilhado com a população em um local mais acessível.

A área do entorno do Cacimbão da Capoeira ¹⁹, em especial, a residência da família Portela que ainda guarda as características das construções das décadas de 50 e 60, também merece estudo para seu tombamento com base no conceito de paisagem cultural adotado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que a conceitua como sendo: “[...] o reconhecimento de porções singulares dos territórios, onde a inter-relação entre a cultura e o ambiente natural confere à paisagem uma identidade singular” ²⁰.

Na capital ainda possuem outros bens patrimoniais que merecem tombamento como é o caso do Parque Urbano Capitão Ciríaco, do quadro da Nossa Senhora da Seringueira ²¹, da Casa dos Povos da Floresta ²², da Lápide à Plácido

¹⁷ Um espaço dedicado a coletar, divulgar, conservar e expor os elementos da cultura acreana. O acervo reúne peças de arqueologia, paleontologia, história e documentos históricos. O prédio do museu pertence a terceiros e não é tombado como patrimônio histórico. Mais informações em SEBRAE. Inventário da oferta turística do Vale do Acre. Rio Branco: SEBRAE/SETUL, 2006.

¹⁸ Uma fortaleza em miniatura a Igrejinha de Ferro é feita de chapas duplas de ferro galvanizado de ¼ de espessura, fixadas por encaixes e parafusos camuflados. Foi trazida da Alemanha em módulo, junto com os montadores. É fruto de uma promessa feita pelo proprietário do Seringal Bom Destino à divindade de sua devoção, caso o Acre saísse vitorioso da batalha contra os bolivianos. Para salvar da deterioração foi doada ao 4º BIS¹ em caráter irrevogável, onde permanece até hoje.

¹⁹ Mais informações em SOUZA, R. F. Tributo ao bairro Capoeira. Disponível em: <http://www.ufac.br/informativos/ufac_imprensa/2003/02fev_2003/artigo784.html>.

²⁰ Mais informações em GASTAL, Susana. Da paisagem natural à paisagem cultural, um percurso de presença-ausência da natureza. In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO, EVENTO COMPONENTE DO XXXI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 2008, Natal, RN. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0873-1.pdf>.

²¹ Tela que mede 1,82 de altura por 1,50 de largura. Foi doada em 1965 para a Paróquia Imaculada Conceição, permanecendo na clausura com as irmãs da Ordem das Servas de Maria Reparadoras. Redescoberta durante uma reforma, a mesma passou por restauração em 2003, ocasião em que foi mostrada à população, em 2008 passou pela segunda restauração.

de Castro ²³, do prédio da penitenciária na década de 30 – o antigo Hotel Chuí da década de 50 e atual prédio da Prefeitura Municipal de Rio Branco, dos Geoglifos ²⁴ e algumas estradas de seringa que são bens da cultura material e por isso devem ser protegidas. Existem também os bens da cultura imaterial como a Marujada, a Cavalhada, As Pastorinhas, as Festas Juninas, o Carnaval Como Antigamente da Terceira Idade, as Fanfarras, os festivais da cultura indígena e algumas realizações técnicas e científicas como a técnica de extração do látex e da feitura da farinha de mandioca que são bens culturais os quais compõem a cultura acreana e merecem ser resguardados da descaracterização. É importante salientar que o quadro de Nossa Senhora da Seringueira, mencionado anteriormente, se constitui como um fato e objeto curioso da história acreana, uma vez que a obra remonta à época da Revolução Acreana, como comenta Farias (2008) “Nossa Senhora da Seringueira, protetora dos seringueiros é simbolizada em uma tela [...] baleada por Plácido de Castro em uma intentona boliviana”. Nesse sentido, a obra merece estudo e proteção, pois caso as informações se confirmem, além de ser uma obra de valor histórico, ela se constitui em prova material da guerra do Acre ocorrida entre o final do século XIX e início do século XX.

Nessa temática, destaca-se ainda, o “Novo” Mercado Velho e Praça da Bandeira do sítio histórico do Primeiro Distrito de Rio Branco revitalizados em 2006. Estes monumentos históricos reportam as décadas de 20 e 30 quando o fluxo comercial vinha dos rios pelos vapores e navios dos portos de Manaus e Belém. Com o passar do tempo e a movimentação comercial, feita por vias terrestres, o local se deteriorou caindo no abandono. No Mercado e na Praça, foram se

²² Obra construída no estilo regional reproduz uma maloca indígena. Enaltece a cultura dos povos da floresta, concernentes aos mitos e lendas. Nela se encontram em exposição permanente elementos da mitologia acreana, (mapinguari, mãe-da-mata, curupira, cobra grande e outros da cultura indígena), além dos utensílios do cotidiano da população seringueira e ribeirinha. O espaço compreende pequeno acervo literário mitológico para estudos e pesquisas.

²³ Este patrimônio teve processo de tombamento aberto recentemente, em 10 de junho de 2009.

²⁴ São vestígios arqueológicos representados por desenhos geométricos em grandes dimensões. Desde 2008 o Museu Goeldi Alemanha – PA e Renvall Institute Publications, Helsinki – realiza pesquisas arqueológicas. Sobre o assunto existem várias publicações científicas. Dentre elas, a mais recente: Schaan, D., A. Ranzi e M. Pärssinen (Orgs). 2008. *Arqueologia da Amazônia Ocidental: os Geoglifos do Acre*. Universidade Federal do Pará (EUFPA): Belém e Biblioteca da Floresta: Rio Branco, 192 p. Mais informações em <http://www.geoglifos.com.br/index.html>.

instalando pequenos quiosques de venda de todos os tipos de mercadorias, originando-se um verdadeiro labirinto que contribuiu para o sumiço das obras na paisagem local. Com a re-inauguração muitos acreanos concorreram para conhecer os monumentos que apesar da longa existência, não eram conhecidos por boa parte da população. Hoje, Mercado Velho, Praça da Bandeira, Passarela de Pedestres Joaquim Falcão Macedo ²⁵ e as três estátuas em tamanho natural ²⁶, ensinam à população o valor dos elementos identitários que permanecem no tempo e se perpetuam como testemunhos de um povo e de sua cultura.

Integra a lista de bens culturais merecedores de tombamento os centros da doutrina Santo Daime ²⁷, os quais se inserem em sua liturgia o chá da *Ayahuasca*, os cânticos, as rezas, as meditações e as danças com passos sincronizados ao som de maracás e marzucas e cujo ápice do culto são as “mirações” ²⁸. A comunidade Alto Santo onde se localiza o Centro de Iluminação Cristã Luz Universal (CICLU) é a precursora da seita no Acre, juntamente com a localidade Céu do Mapiá ²⁹ próximo à Boca do Acre, município amazonense situado na divisa com o Acre, hoje é uma Área de Proteção Ambiental (APA) tombada em 05 de setembro de 2006 como patrimônio histórico e cultural de Rio Branco e do Acre. A Barquinha, outro centro daimista tradicional da cidade, é um símbolo cultural acreano, cujos adeptos são chamados de marinheiros do mar sagrado, que viajam em três planos cosmológicos o céu, a terra e o mar ³⁰. Merece proteção legal como forma de preservação cultural.

²⁵ Uma obra de engenharia que confere tecnologia de ponta, com alicive, declive e curva. numa passarela de pedestres de uma margem à outra do rio Acre. A obra proporciona melhorias na qualidade de vida da população, diminuindo os índices de acidentes de trânsito, principalmente, com ciclistas.

²⁶ Feitas de bronze, as estátuas homenageiam a população acreana no seu cotidiano.

²⁷ Doutrina fundada pelo mestre Irineu Serra (1892 -1971) tem como princípio fundamental a ingestão da *Ayahuasca*. Mais informações sobre este assunto no capítulo 4 à página 115 deste trabalho e na obra de: ARAÚJO, W. S. *Navegando Sobre as Ondas do Daime: História, Cosmologia e Ritual da Barquinha*. Campinas: Unicamp, 1999.

²⁸ Nessa parte da liturgia surgem os efeitos da *Ayahuasca* na mente dos fiéis, com visões e mensagens espirituais.

²⁹ Mais informações sobre o céu do Mapiá e o Santo Daime em OLIVEIRA. Isabela. *Santo Daime: um sacramento vivo, uma religião em formação*. 290f. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Brasília, 2007.

³⁰ Mais informações em ARAÚJO. Wladmyr Sena de. *A barquinha: espaço simbólico de uma cosmologia em construção*. In: VIII JORNADA SOBRE ALTERNATIVAS RELIGIOSAS NA AMÉRICA

Com relação aos eventos de maior destaque, verificou-se que em Rio Branco a Expoacre é o de maior sucesso. Oferece oportunidades de negócios e de novos empreendimentos em todos os setores da sociedade. Tem como principal cliente o visitante, inclusive, aqueles que desejam investir em novos ramos ou incrementar os já existentes. Nas primeiras edições as vitrines eram preenchidas somente com produtos agropecuários, com o passar dos anos se diversificaram, expondo outras produções acreanas. Neste evento os potenciais empreendedores têm oportunidade de negociar diretamente com fabricantes de grandes e pequenas franquias e obter informações sobre as inovações tecnológicas. Os *stands* comerciais, de artesanatos, do turismo e de agropecuária são bastante visitados pela população.

1.2 A pesquisa de campo nas cidades do Vale do Acre na área de influência da Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico: os métodos e técnicas, os resultados, as sugestões e recomendações

Primeiramente as informações sobre as cidades do Vale do Acre foram adquiridas com levantamento bibliográfico, em seguida através de pesquisa conceitual histórica a partir do Inventário da Oferta Turística do Vale do Acre realizado pelo SEBRAE/SETUL (2006), nas obras não-publicadas de ARAUJO (2003a, 2003b e 2004) a respeito dos circuitos turísticos do Vale do Acre e, também, com as pesquisas de campo, com o intuito de saber qual o conhecimento da comunidade sobre o turismo, a cultura existente, a vocação turística do Vale do Acre e a rota turística em estudo. Depois de vários encontros, ocasionados pelas demandas do órgão oficial de turismo, foi possível, além do trabalho proposto, a observação da caracterização das cidades e dos elementos culturais existentes relevantes para a pesquisa.

Após vários contratempos a pesquisa de campo realizou-se, como anteriormente mencionado, com entrevistas previamente, agendadas e gravadas durante em média dois dias em cada cidade. No qual entrevistou-se um total de 62 pessoas, dentre elas, 10 gestores públicos dois prefeitos e um vice-prefeito, e 52 moradores da região do Vale do Acre.

A maioria das entrevistas realizou-se na área central das cidades, com exceção de Rio Branco onde alguns dos entrevistados, apesar de estarem nas imediações do Mercado Velho e Calçada da Gameleira por ocasião da entrevista, residem em bairros periféricos, como os bairros Estação Experimental, Bosque, conjunto Esperança e conjunto Tucumã. Os entrevistados da comunidade de Rio Branco tinham, em sua maioria, entre 17 a 46 anos, cursaram o ensino médio e tinham ocupações distintas, autônomos, empresários, estudantes e donas de casa. Dentre eles 60% pertencem ao sexo masculino e 40% ao sexo feminino. No tocante ao turismo, todos os entrevistados demonstraram conhecer e saber o que é turismo, entender a relação entre turismo e cultura e estarem aptos a responder sobre a rota turística foco desse estudo.

1.2.1 Análise da pesquisa realizada nas cidades do Vale do Acre com a comunidade local

No intuito de saber se a comunidade de Rio Branco está ciente do que é turismo, iniciou-se a pesquisa com a seguinte questão: Qual seu entendimento de turismo? A primeira entrevistada foi uma senhora chamada Dona Erenice Gomes Pinheiro, com 36 anos, funcionária pública, que visitava o Palácio Rio Branco, a qual, depois de uma reflexão, respondeu de forma plausível, dizendo: “É quando as pessoas saem de seus lugares onde moram e vão visitar outros lugares, seja por diversos motivos”. Outras pessoas de locais diferentes da cidade deram uma versão mais simplificada para a mesma pergunta, como é o exemplo de Dona Eduarda Mota, 30 anos, doméstica, moradora do conjunto Tucumã que afirmou: “Acho que é quando alguém sai pra viajar”. Diante das respostas, pode-se entender que tais pessoas sabem o que é turismo, mesmo respondendo de formas distintas.

Todavia, quando as duas entrevistadas foram questionadas sobre a relação turismo e cultura, a primeira respondeu “sim” para a existência da relação entre turismo e cultura, e justificou dizendo que “é por causa da ‘interatividade’ e do modo de vida de cada estado, país e cidade”. Ao passo que, a segunda, respondeu “não” sem relatar nenhuma justificativa. Nesse sentido, percebe-se que, de um lado, existe

a compreensão do que seja o turismo, do outro, reconhece-se o turismo sem, no entanto, associá-lo à cultura.

Com relação à segunda pergunta: O turismo existe em sua cidade? Percebeu-se que 85% dos entrevistados disseram “sim”, e souberam responder “o porquê”, apresentando críticas à própria população que não valoriza os atrativos turísticos, como pode ser comprovado no depoimento de Marina Ferreira de Souza, 43 anos, visitante do Calçadão da Gameleira:

O turismo existe porque há vários lugares que podem ser visitados por turistas, mas os próprios moradores não valorizam ‘suas’ belezas existentes. Nós próprios não valorizamos as belezas do nosso Estado.

Os que responderam “não” dizendo não saberem da existência do turismo em Rio Branco, correspondem a 15% do total. Algumas respostas se resumem nas seguintes afirmações: “Aqui não tem praia” ou “Falta mais incentivo por parte do poder público”.

Quanto às manifestações culturais que representam e identificam a cultura local, a maioria dos entrevistados relatou que Chico Mendes e sua história de luta pelas florestas juntamente com os seringueiros nos seringais os representam, bem como as quadrilhas, o Carnaval Como Antigamente, a Expoacre, os festivais de praia e da cultura indígena. Reconhecem como atrativos turísticos do segmento cultural o Mercado Velho, Memorial dos Autonomistas, Palácio Rio Branco e Calçadão da Gameleira. Além disso, 75% dos entrevistados acham que a cultura e identidade da comunidade são valorizadas pelo poder público, enquanto 25% dizem não, justificando que é preciso haver mais investimentos.

Analisando-se as entrevistas das dez cidades do Vale do Acre, verificou-se que a população conhece pouco das rotas turísticas que são identificadas pelo poder público ³¹, esta afirmativa se fundamenta nas análises das respostas concernentes à pergunta: Sua cidade integra alguma rota turística? Para a qual a

³¹ As quais são: Rota Turística Caminhos da Revolução com destino a cidade de Porto Acre; Rota Turística Caminhos de Chico Mendes com destino a Xapuri e Bujari e Rota Turística Caminhos do Pacífico passando por Senador Guiomard, Capixaba, Plácido de Castro, Epitaciolândia, Brasiléia, Cobija na Bolívia, Assis Brasil, Iñapari no Peru até chegar às margens do Oceano Pacífico. OBS: A última: Caminhos do Pacífico, na prática, é a mesma Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico, no perímetro estadual.

maioria dos entrevistados, dentre eles alguns gestores públicos, responderam que sua cidade integra a Rota do Pacífico, sendo que, na verdade, é integrante de outra rota. Dos dez gestores entrevistados, dois disseram que sua cidade integra a Rota Caminhos do Pacífico e dois não souberam responder.

Em Xapuri das oito pessoas da comunidade entrevistadas, inclusive do Seringal Cachoeira, todas disseram que sua cidade integra a Rota do Pacífico. Um gestor público de um dos municípios que integram a Rota Turística Caminhos de Chico Mendes não soube responder em qual rota seu município está inserido. Já em Rio Branco todos os entrevistados da comunidade disseram que sua cidade está na Rota do Pacífico, sendo que a capital é porta de entrada de todas as rotas.

Entretanto, das 52 pessoas da comunidade entrevistadas, 13 não moram em cidades que, segundo o poder público, integram a Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico (a mesma Rota do Pacífico, no âmbito estadual, para fins institucionais), dentre estas pessoas oito são moradores de Xapuri, os quais todos disseram que sua cidade integra a Rota do Pacífico, e três moradores do Seringal Cachoeira, sendo que pertencem à rota Turística Caminhos de Chico Mendes.

Em suma, dos 39 moradores das cidades que integram a rota em estudo, apenas 07 de Brasília, 02 de Epitaciolândia, 03 de Assis Brasil e 03 de Plácido de Castro “acertaram” quando disseram que sua cidade integra a Rota do Pacífico e, conseqüentemente, 24 “erraram” ou não souberam responder; enquadram-se nesse grupo, os 12 entrevistados de Rio Branco, pois, na verdade, a cidade que é porta de entrada integra todas as rotas. Pela fala dos entrevistados percebeu-se que o reconhecimento de uma rota em detrimento das outras, é devido ao fato de uma ser mais divulgada que as outras. Uma das entrevistadas como nome Orlene Mendes, que trabalha na Pousada do Seringal Cachoeira em Xapuri, declara na sua simplicidade que a falha é na promoção e divulgação quando declara: “Na verdade, pouco sei sobre esse assunto, acho pouco publicado”. Ao passo que, Maria Auxiliadora Souza Castro, moradora de Brasília, demonstrando conhecer mais sobre o assunto, disse: “A integração da Amazônia com os Andes até o Pacífico veio para ajudar no turismo em ambas as regiões, desenvolver o comércio e colaborar na relação entre os países”. Sendo assim, as falas das entrevistadas mostram que em Xapuri a rota não está sendo divulgada, ao passo que em Brasília isso ocorre com maior intensidade.

Outro fator considerado é a diferenciação de turismo cultural e ecoturismo. A maioria dos entrevistados, um total de 85%, reconhece os atrativos turísticos de sua cidade como sendo do segmento de ecoturismo. Destaca em primeiro lugar o Seringal Cachoeira de Xapuri, em segundo a Pousada Bom Destino de Porto Acre e em terceiro o Parque Chico Mendes de Rio Branco. Só que a referência que fazem ao ecoturismo é com atividades relacionadas à natureza, à integração do homem com a natureza, ideal para aqueles que apreciam a beleza no seu estado natural. Tais afirmativas vão de encontro ao que Beni (2002), referindo-se ao ecoturismo, defende-o: “Denominação dada ao deslocamento de pessoas a espaços naturais delimitados e protegidos pelo estado ou em parceria com associações locais e ONGs [...].

No item que se refere ao reconhecimento de algum bem patrimonial que mereça tombamento, todas as pessoas entrevistadas, ou seja, 100%, responderam que “não” existe nenhum bem que mereça ser tombados para preservação da história e cultura da comunidade. Este resultado merece reflexão sobre a política da educação patrimonial adotada pelo Estado, pois o que se pode perceber por meio dessa pesquisa, é que a população quer e deseja ver seus bens patrimoniais protegidos o que falta, na verdade, para que numa oportunidade como essa ela responda satisfatoriamente, é a compreensão do que vem a ser o tombamento de um bem cultural para sua preservação.

Quanto à sustentabilidade, cuja análise, se refere aos entrevistados da cidade de Rio Branco, foi feita a seguinte pergunta: Considera sustentáveis as ações que estão sendo desenvolvidas pelo poder público? Analisando os resultados, notou-se que 60% disseram “não” e 40% “sim”, esse índice ocorre devido ao fato da população não ter a consciência de que não deve poluir e sujar as ruas, como afirma Dona Silvana Menezes, 36 anos, moradora do Conjunto Tucumã: “Órgãos e prefeituras procuram fazer a parte deles, limpando, fazendo a coleta do lixo, coleta de materiais recicláveis, porém, é a população que joga lixo em locais inapropriados”. A entrevistada continua relatando que em Rio Branco o lixo ainda não é separado e reciclado, existem muitos desmatamentos, poluição dos rios e igarapés. Nesse aspecto, segundo ela as ações não são sustentáveis, porque a população não é conscientizada quanto aos cuidados para com o meio ambiente e por isso não ajuda a prefeitura em manter o ambiente sustentado.

Com relação à preservação e manutenção dos recursos naturais madeireiros e não-madeireiros, dos 12 entrevistados de Rio Branco 60% responderam “sim”, considerando como sustentáveis as ações do poder público municipal, contra 40% que disseram “não”. O entrevistado Eli Ferreira Braga, 45 anos, autônomo, que faz parte dos que disseram “não”, revela que não considera sustentáveis as ações do poder público de sua cidade por que: “São poucas as madeiras que agem de acordo com a lei ambiental sustentável”.

A pesquisa revela ainda, que a comunidade desconhece qualquer projeto de preservação da espécie animal, visto que 75%, disseram “não” conhecer nenhum projeto nesse sentido, enquanto 25% disseram “sim”, porém, quando perguntados sobre qual a espécie e localização de desenvolvimento do projeto, se referiam ao projeto quelônios de Acrelândia³². Dentre os animais mais ameaçados de extinção, aparecem na ordem decrescente, tracajá, pirarucu, onça pintada, arara e, em menor grau o macaco.

No que tange às ações de turismo, a comunidade não considera sustentáveis as ações que estão sendo desenvolvidas pelo poder público para o seu desenvolvimento na região, pois não há projetos evidentes nesse setor, o que poderia ocorrer considerando-se o potencial que o Acre possui. A maioria dos entrevistados diz que não vê iniciativas dos empresários para promoção do setor. Um morador de Epitaciolândia, de 46 anos disse que desconhece qualquer ação do poder público voltadas para a área de turismo no seu município. Em Rio Branco, um morador do bairro Estação Experimental, que se encontrava no centro da cidade na ocasião da pesquisa, afirmou: “Ouvi falar de umas rotas de turismo, mas não sei bem do assunto”. Em Brasileia os moradores se referiam às ações de turismo se reportando somente ao Carnavale. Quanto à dinamicidade da cultura acreana como algo em movimento, entrosado, empoderado, 80% disse “sim” concordando que a cultura motiva e permite mais entrosamento da comunidade, porém se referiam somente às manifestações culturais do tipo danças, festivais tradicionais e outros eventos do gênero.

³² O projeto a que se referem os entrevistados é o projeto SOS Quelônios - Tracajás e laçás que é desenvolvido no município de Acrelândia em parceria com a Associação de Moradores do município de Plácido de Castro.

1.2.2 *Análise da pesquisa sobre o perfil do turista de Rio Branco*

Na busca pela identificação do segmento do turismo que mais se adequa à comunidade de Rio Branco, optou-se por realizar uma pesquisa que possibilite conhecer o perfil do turista, tendo duração de três dias, nos quais se entrevistou 15 turistas que se encontravam no Aeroporto Internacional de Rio Branco e 05 na rodoviária Afonso Amoedo Costa. Os entrevistados tinham entre 17 a 46 anos, o que indica que os equipamentos do turismo receptivo de Rio Branco podem se adequar a essa realidade. As modalidades de turismo que mais se adequam a essa clientela são voltadas a atender turistas jovens e entrando na meia idade. O gasto dos turistas varia entre R\$ 300,00 a R\$700,00 para os entrevistados que se encontravam na rodoviária, cuja procedência é dos municípios acreanos e de R\$ 1.200,00 a R\$ 3.000,00 para os entrevistados no aeroporto.

A origem dos turistas, a última procedência e o próximo destino são fatores que indicam quais são os polos emissores de turistas para a cidade, por meio deles os gestores públicos poderão identificar o perfil do turista de sua localidade e trabalhar as políticas públicas. Em sua maioria, os turistas de Rio Branco são provenientes do nordeste e sudeste brasileiros, já a última procedência e o próximo destino apontam para as atividades que podem ser compartilhadas, bem como os acessos, os meios de transportes e até a concorrência. Neste caso, observou-se que os turistas que vem ao município procedem, em sua maioria, de São Paulo e Curitiba. Os estados de Goiânia, Rio de Janeiro, Brasília, Porto Velho e São Paulo são citados como próximo destino. Estes indicativos apontam que são poucas as cidades da região amazônica que competem com o turismo acreano, portanto, é pouca a concorrência com produtos turísticos similares.

Analisando-se o item Permanência Média, que pode ser visualizado pelo gráfico 1, pode-se observar que 35% dos entrevistados passam até quinze dias na cidade, seguido de 25% que passam de três a cinco dias, 15% uma semana, 10% até dois dias, 10% um mês e 5% mais de um mês. Quanto à Hospedagem, pode-se perceber através do Gráfico 2, que 55% dos turistas procuram casas de parentes e amigos para se hospedarem. Já no item Motivo da Viagem, figura com 50% a visita a parentes e amigos, seguido do turismo de negócios e turismo, ambos com 20%, estudos e pesquisas 5% e os que estão de passagem também somam 5%. O que

significa que o turismo que mais se adequa à realidade do Acre é voltado para os negócios, feiras, exposições de produtos regionais e compras. No que se refere ao item Meio de Transporte, percebeu-se que o mais utilizado pelos turistas é o avião.

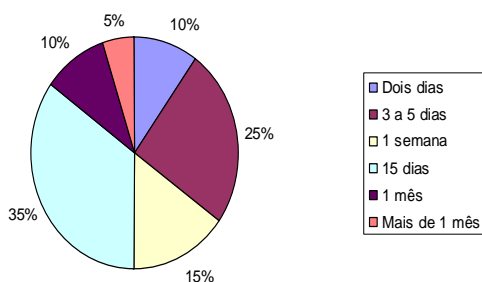


Gráfico 1. Permanência Média
Fonte: Dados da Pesquisa

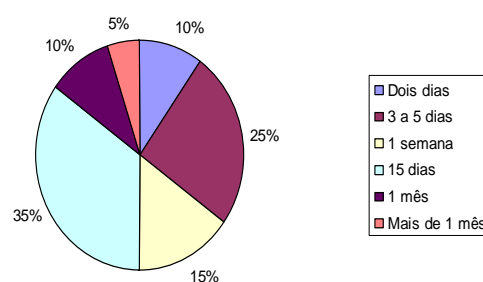


Gráfico 2. Hospedagem.
Fonte: Dados da Pesquisa

No tocante ao estado civil, observou-se que 50% dos entrevistados são casados, porém viajam sozinhos, 35% são solteiros, 10% são viúvos e 5% são divorciados/separados. Sendo que a maioria dos turistas, 60%, ficou sabendo do destino Rio Branco através de parentes e amigos e 30% buscaram informações na *internet*.

No quesito Satisfação com as experiências vividas, 75% responderam que elas atingiram as expectativas, enquanto 25% disseram que não. Quanto às atividades, fica claro, a partir do gráfico 3, o que eles pretendem realizar em Rio Branco e no Acre, 34% disseram que vem para descansar, 23% para conhecer e andar nas trilhas de seringueiros, 16% para apreciar a natureza e visitar os seringais, 13% para conhecer a região amazônica e os demais 14% querem fazer atividades diversas como: tomar banhos em ambientes naturais, participar do esoterismo/misticismo amazônico e produzir estudos e pesquisas, dentre outras.

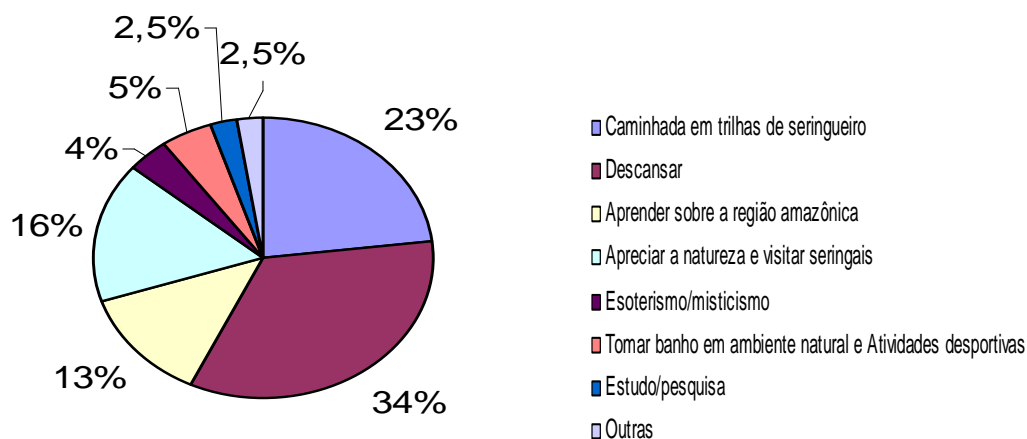


Gráfico 3. Qual atividade pretende realizar ao visitar o Acre?
Fonte: Dados da Pesquisa.

Dessa forma, é possível compreender através do perfil do turista de Rio Branco que as modalidades de turismo mais adequadas para o município é o turismo de aventura, de negócios e de compras e o ecoturismo e turismo cultural. Os nichos de mercado devem ser trabalhados conforme as épocas do ano, apostando nos eventos programados, com rodadas de negócios e compras. Uma sugestão viável é injetar mais investimentos em promoção e marketing dos produtos na região nordeste e sudeste e países vizinhos.

1.2.3 Análise da pesquisa sobre a percepção do visitante de Rio Branco

Na intenção de saber como o visitante percebe a cidade de Rio Branco, realizou-se uma pesquisa no período de 5 a 8 de fevereiro de 2009. Foram realizadas 20 entrevistas com pessoas que se encontravam próximas aos monumentos do Primeiro e Segundo Distritos da capital acreana. Os entrevistados, em sua maioria, 75%, consideraram o acesso a Rio Branco “Bom”, 10% opinaram como sendo “Ótimo”, 10% “Regular” e 5% o acharam “Ruim”. Concernentes às rotas e roteiros turísticos que Rio Branco integra, 45%, a maior porcentagem, opinaram como “Bom” e “Regular”. Quanto à infraestrutura da cidade, a maioria, 55% dos turistas, disse que é “Boa” e somente 2% opinaram como sendo “Ótima” e “Regular”. Além disso, 65% dos entrevistados consideraram o acesso aos atrativos turísticos

“Regular”, demonstrando que o fator acessibilidade aos monumentos históricos e aos atrativos turísticos precisa melhorar.

No tocante à limpeza nos atrativos 45% disseram que é “Boa”, 40% “Regular”, 5% disseram ser “Ótimo”, 5% “Ruim” e 5% “Não opinaram”. Considera-se um percentual baixo para a cidade que é porta de entrada da Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico e das outras rotas turísticas do Estado. Quanto à sinalização para os atrativos turísticos, a pesquisa aponta que apenas 5% a consideraram “Ótima” (menor percentual) e 35% (maior percentual) como “Regular”. Vale destacar que 30% dos entrevistados consideraram as informações turísticas “Ruim”, e os que disseram ser “Péssimo” e “Bom” somaram 25% cada e 20% acham “Regular”. O item Hospitalidade, que diz respeito à receptividade da população residente, foi considerado “Bom” por 60% dos entrevistados e a hospedagem, lugar onde o turista pernoita, foi destacada como sendo “Boa” por 65%, enquanto 5% consideraram “Péssima”.

Nos itens que se referem à identidade, cultura e serviços turísticos, os quais podem ser identificados no Quadro 1, a alimentação foi considerada “Boa” por 60% dos entrevistados, o entretenimento 45% opinaram como sendo “Regular” e 10% acharam “ruim”, o artesanato recebeu 55% dos avaliados como “Bom” e 35% disseram que ele é “Ótimo”, isso significa que o artesanato acreano teve 90% de aprovação. Já os preços foram considerados como “Regular” por 45%, “Bom” para 34%, “Não opinaram” 10%, “Ruim 5% e “Ótimo” 5%.

Itens Pesquisados	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo	Não Opinou
História, Cultura e Identidade Local.	5%	50%	30%	10%	5%	x
Diversidade de Produtos Turísticos	5%	25%	60%	5%	5%	x
Artesanato	35%	55%	5%	5%	x	x
Entretenimento	10%	30%	45%	10%	x	5%
Alimentação	20%	60%	10%	x	x	10%
Preços dos Serviços Turísticos	5%	35%	45%	5%	x	10%

Quadro 1: Avaliação dos elementos de identidade cultural e dos serviços turísticos conforme a percepção do visitante de Rio Branco

Fonte: Informações da Pesquisa.

Quanto à diversidade de produtos turísticos, apenas 5% opinaram dizendo ser “Ótimo”, enquanto 60% disseram ser “Regular”, 25% consideraram “Boa”, 5% opinaram como “Péssimo” e 5% afirmaram ser “Ruim”. E sobre a história, cultura e identidade local, descrita no Gráfico 4, pôde-se perceber que 50% dos entrevistados opinaram dizendo ser “Boa” e 5% a consideraram “Ótima”.

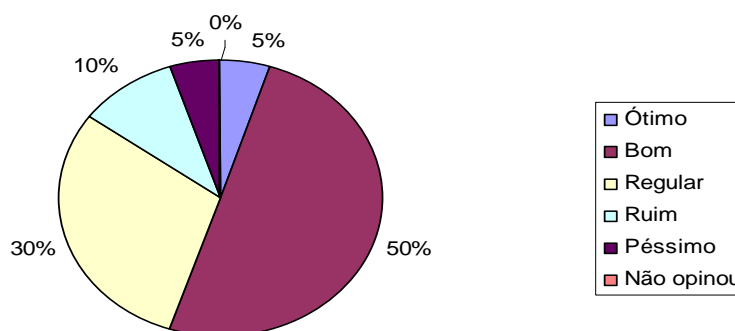


Gráfico 4. História, cultura e identidade local.
Fonte: Dados da Pesquisa.

Para as respostas livres dos entrevistados fez-se a citação das mais freqüentes em ordem decrescente até a 5ª mais citada. Na pergunta: O que mais o (a) impressionou quando visitou a região? As respostas mais freqüentes foram: (a) Que era desenvolvido, pois pensei que só tinha índio; (b) O acolhimento das pessoas; (c) História do desmatamento; (d) História da região; (e) Limpeza da cidade. Sendo que a mais citada foi a primeira e a com menor incidência foi a última. Para a segunda questão: O que mais gostaria de aprender a respeito do local visitado? Em 1º lugar foi citada a história do Acre; em 2º a cultura tradicional local, a história do seringueiro e de Chico Mendes, bem como a história do Santo Daime/misticismo; em 3º Floresta (fauna e flora); 4º Geoglifos e em 5º Lugar a interação do homem com a floresta. Diante das respostas, percebeu-se que apenas uma se refere às atividades que são do segmento de ecoturismo, ao passo que as demais apontam para as atividades realizadas no segmento histórico-cultural.

Já com relação a pergunta “Como gostaria de obter mais informações sobre o local visitado?”, em primeiro lugar foi citado pelos entrevistados a *internet*, seguido do guia turístico, do calendário de eventos, de documentários e de eventos programados. Quanto à aceitabilidade de Rio Branco como destino turístico a cidade recebeu 100% de aceitação uma vez que todos os entrevistados desejam voltar à

região e ainda recomendariam o destino a parentes e amigos. Os guias de turismo foram avaliados como ótimos em 15%, um índice bom, considerando que apenas 15% dos entrevistados tiveram serviços de guiamento. Portanto, infere-se que os serviços de guiamento são ótimos, quando executados.

A última pergunta da entrevista foi direcionada a comentários livres. Por meio das respostas observou-se que todos os entrevistados gostariam de obter mais informações utilizando a internet e outros materiais promocionais e que a cultura tradicional local e a história dos seringueiros juntamente com a de Chico Mendes e do Santo Daime, além de tudo que diz respeito à floresta, é o que mais atrai o turista para o Acre.

Este breve estudo possibilitou conhecer qual a percepção do turista em relação ao Estado e à capital acreana, trazendo o entendimento de que o turista quer e gosta de visitar a região e que os equipamentos turísticos e de apoio ao turismo e o setor de informações turísticas precisam melhorar, visto que receberam menor percentual de aceitação. Destaca-se ainda que a maioria dos entrevistados demonstrou surpresa ao perceber que o Acre é mais desenvolvido do que imaginavam e que os índios existem, mas habitam as reservas. Ficaram impressionados com a receptividade e acolhimento das pessoas, a habilidade dos contadores de histórias tanto dos saberes da floresta como da vida dos extrativistas e do prazer que os cidadãos têm de contar suas histórias de vida.

1.2.4 Avaliação das características fundamentais para o turismo da cidade de Rio Branco

Quando se fala em turismo, fala-se de coisas distintas sob um mesmo rótulo. O termo é conceituado como sendo o fluxo de pessoas para determinados lugares atraídos por variados motivos, frequentemente é utilizado para tratar do turismo em seus vários segmentos e também pode ser associado à imagem e à visão panorâmica no sentido de contemplação de uma paisagem ou cidade.

Sabendo disso, foi produzida uma avaliação da imagem visual, panorâmica para o turismo das cidades do Vale do Acre, nos seus variados aspectos, políticos, físicos, estruturais e visuais, pontuando-os como aspectos positivos e aspectos negativos. Neste estudo cada cidade, integrante da Rota turística internacional Amazônia-Andes-Pacífico, terá um quadro avaliativo da caracterização do município

para o turismo, seguindo alguns tópicos primordiais, como pode ser contemplado no Quadro 2 a seguir:

Aspectos Positivos	Aspectos Negativos
Infra-estrutura turística compatível com a demanda turística existente e de boa qualidade.	Má qualidade na prestação dos serviços turísticos, principalmente nos restaurantes, comércios e eventos.
Existência de um Centro de Atendimento ao Turista e material promocional do turismo.	Inexperiência do “trade” com relação às negociações.
Acesso gratuito aos atrativos turísticos e museus.	Poucas feiras e exposições culturais (produtos regionais, obras de artes, livros, sebos, etc.).
Boa infra-estrutura da cidade (escolas e prédios públicos limpos bem conservados; boa limpeza urbana).	Pouca sinalização básica e turística.
Crédito na política de governo.	Pouca valorização da cultura material e imaterial (faltam restauração e tombamentos da maioria dos patrimônios de identidade do povo acreano).
Empregados dos hotéis e restaurantes prestativos. Bom preço da hospedagem e alimentação.	Nenhum incentivo para a preservação da cultura imaterial (representações e manifestações culturais da população).
Bom aproveitamento do fator sazonal com a realização de festivais fora de épocas.	A Igrejinha de Ferro do Bom Destino de posse do 4º BIS não é apropriada pela população como bem cultural e turístico.
Comunidade local receptiva e festeira.	Pouca valorização da história dos bairros históricos de Rio Branco com criação de centros de memória na comunidade.
Excelência na qualidade do produto artesanal e significativa melhoria da qualidade de vida do artesão.	Pouca aplicabilidade do conteúdo dos cursos de capacitação.
Realizações de capacitações das atividades econômicas da comunidade local (artesanatos, qualidade na fabricação de produtos alimentícios típicos).	Pouca diversificação dos produtos artesanais.
Fábricas de transformação da matéria-prima em produtos de excelente qualidade (Pólo moveleiro de Rio Branco).	Pouco investimento e pouca conscientização da população quanto à educação ambiental.
Interesse econômico da comunidade local no desenvolvimento de atividades turísticas.	Limpeza das cidades forçadas por vontade do poder público, não por vontade da população
Existência de parques e áreas de proteção ambiental.	Insuficiência no sistema de água e esgoto sanitário
Existência de agremiações civis.	Inexistência de dados estatísticos do turismo (estudo da demanda turística nacional e estrangeira, perfil do turista, percepção do visitante, etc.).
Demonstração de práticas tradicionais para o turismo no Parque Capitão Ciríaco (extração do látex).	Ausência de incentivo às obras literárias do turismo e cultura.
Bom uso da terra.	Ausência de laboratório do turismo informatizado para pesquisa da comunidade estudantil.
Cultura da cidade bem assistida pelo poder público estadual e municipal (criação de organismos de assistência, estrutura e proteção à cultura).	Ausência de um Plano Municipal do Turismo.

Quadro 2. Avaliação da caracterização do município de Rio Branco para o turismo.
Fonte: Dados da pesquisa.

2. TURISMO E CULTURA REGIONALIZADOS NAS CIDADES DO VALE DO ACRE INTEGRANTES DA ROTA TURÍSTICA INTERNACIONAL AMAZÔNIA-ANDES-PACÍFICO

O objetivo deste capítulo é identificar as cidades e com elas os elementos de identidades culturais como prováveis bens a serem utilizados para fins turísticos. Iniciar-se-á com a cidade de Porto Acre destacando seus valores históricos culturais, as iniciativas de turismo existentes e as avaliações, sugestões e recomendações resultantes das pesquisas realizadas. Em seguida serão expostas as demais cidades, Bujari; Senador Guiomard, Capixaba, Plácido de Castro, Xapuri, Epitaciolândia, Brasileia, Assis Brasil. Também serão referenciadas, sucintamente, as cidades estrangeiras de Cobija e Vila Evo Morales da Bolívia e Iñapari do Peru, relatando um pequeno histórico e em seguida as avaliações, sugestões e recomendações concernentes a elas.

2.1 Porto Acre e os caminhos da Revolução Acreana: o lugar do turismo das análises e sugestões

A cidade de Porto Acre, é o que se costuma chamar de marco da Revolução Acreana, por ter vivenciado o início da ocupação do território e o ápice da batalha entre brasileiros e bolivianos em disputa pelas terras do Acre. A cidade está localizada à margem esquerda do Rio Acre, com acesso pela rodovia AC-10 km 58. Possui uma área de 260.887,80Km², cerca de 1,59% em relação ao Estado e população de 12.085 habitantes. (ACRE, 2006). Limita-se com os municípios de Boca do Acre-AM Senador Guiomard, Rio Branco e Bujari. A antiga Puerto Alonso é a única cidade do Acre fundada por bolivianos no ano de 1899, para arrecadação de impostos. De alfândega, passou a quartel-general para frear o avanço das tropas brasileiras lideradas pelo caudilho José Plácido de Castro. As tropas combatentes – brasileiras e bolivianas – reconheciam que sua ocupação significaria o domínio da região. Quatro anos depois de sua existência presenciou a assinatura da Ata de Rendição do exército boliviano, em 24 de janeiro de 1903.

O evento de capitulação do exército boliviano contou com a presença do Delegado do Governo da Bolívia D. Lino Romero e oficiais superiores, do Comandante em Chefe do exército brasileiro José Plácido de Castro e oficiais brasileiros, terminando, assim, o período de combates entre as duas nações e iniciando-se a fase das negociações político-administrativas. A pequena Puerto Alonso tornou-se sede do governo nos primeiros dias do Estado Independente do Acre, passando a chamar-se, primeiramente, Cidade do Acre, depois Puerto Acre e, finalmente, Porto Acre. O que mais se destaca nesta cidade é a hospitalidade de sua população, as habitações em sua maioria feitas de madeira de lei, seguem o padrão regional. Como lazer e entretenimento da população destacam-se a participação nos campeonatos desportivos regionais, onde quase sempre o troféu dos melhores é garantido.

Distante de Porto Acre, subindo um pouco pelo rio Acre se encontra o Sítio Histórico e Ambiental do Seringal Bom Destino ³³. Uma área de 42 hectares, desapropriadas pelo governo do Estado no ano de 2002 e tombado em 2005 como patrimônio histórico e cultural do Estado. Nos tempos áureos da borracha o Seringal se destacou como um dos mais promissores da região devido a produção extrativista trazida das “Colocações de Seringueiros”, mas experimentou o declínio da borracha até ser vendido de mãos em mãos. Seu proprietário Joaquim Vítor da Silva ³⁴, um dos líderes da guerra contra os bolivianos, cedeu sua propriedade à Junta Revolucionária da Revolução Acreana para ser quartel general do movimento. As principais edificações do seringal como o Chalé do Proprietário ³⁵, que pode ser visto através da Figura 5, a Casa do Gerente e obras do entorno depois de revitalizadas receberam proteção legal. Nas imediações o governo estadual construiu uma pousada ecológica requintada no estilo regional, para atender o turismo e beneficiar a comunidade com emprego e renda.

³³ Sua exploração se iniciou por volta de 1877, através dos esforços dos irmãos Manoel e José Augusto de Oliveira, ambos vindos na expedição de Manoel Urbano da Encarnação no navio “Anajás”, no qual vieram também, o fundador do município amazonense de Boca do Acre, João Gabriel de Carvalho e Melo e de Xapuri Damasceno Girão, dentre outros desbravadores.

³⁴ Joaquim Victor da Silva, um cearense de Canindé, chegou ao Acre em 1886, com 16 anos, trabalhou no Seringal Bom Destino como empregado, depois como sócio e mais tarde tornou-se proprietário. O Chalé do Proprietário era sua residência.

³⁵ Um museu cujo acervo identifica o estilo de vida nos seringais da Amazônia e artefatos da Revolução Acreana. Próximos a ele se encontram vestígios das habitações do seringal e da guerra como as trincheiras escavadas por brasileiros e um cemitério com indícios de covas coletivas.



Figura 6. Foto do Chalé do Proprietário e Museu do Seringal Bom Destino.
Fonte: SETUL, 2003.

O Seringal Bom Destino, dentre outros legados, imortaliza o passado de glória dos seringais da Amazônia e a sua conseqüente decadência, tendo em vista o descaso com que sempre foram tratadas as riquezas florestais e naturais da Amazônia e do país ³⁶. Para driblar e camuflar os verdadeiros propósitos contrabandistas de recursos naturais, através de artifícios e arranjos políticos, procuram dilapidar as riquezas amazônicas, como foi o caso do *Bolivian Syndicate* que camuflava uma ação depredadora ³⁷. A desinformação reinante na população e que, infelizmente, perdura até aos dias de hoje, favorece a exploração. Quem vive na Amazônia não sabe o valor que ela tem, e quem mora distante dela sabe, e a cobiça. No entanto, quando a população for mais informada surgirá maior zelo por sua riqueza e soberania.

A pesquisa revelou que a comunidade de Porto Acre parece desconhecer as riquezas que seu passado possui. Ao entrevistar em sua casa, uma moradora antiga da localidade, Dona Ester Caruta, de 86 anos, professora aposentada, ela respondeu acertadamente o que entende por turismo, mas embaraçou-se ao fazer referência à luta armada que a cidade vivenciou no passado, que é de grande

³⁶ Cita-se como exemplo de mau tratamento dado às riquezas florestais o caso das sementes de seringa que foram levadas da Amazônia brasileira para a Inglaterra e plantadas na Malásia. Mais informações em MARTINS, Edilson. Chico Mendes: um povo da floresta. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 1998.

³⁷ Mais informações em TOCANTINS, Leandro. Formação Histórica do Acre. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

relevância para história do município, dizendo: “O turismo é uma ‘coisa’ muito boa... Eles (os turistas) vêm em busca de conhecer a história do Acre e ver ‘as trincheiras’ que terminou em Porto Acre”. Em parte a resposta da entrevistada foi coerente na medida em que atrelou o turismo à vinda de pessoas para sua cidade atraídas pela sua história, mas errou ao falar da Revolução Acreana, associando-a as trincheiras como se a guerra tivesse terminado apenas em Porto Acre ³⁸ o que reforça o entendimento de que as pessoas da localidade não conhecem sua história e seu passado.

Na entrevista com os gestores públicos observou-se que existe a vontade política de desenvolver o turismo no município, todos eles demonstraram ter consciência do valor da localidade para a história do Acre. Contudo falta-lhes o reconhecimento do potencial turístico existente, da apropriação e priorização dos elementos de identidade para desenvolvimento local através do turismo.

No que se refere à questão da apropriação da cultura para o desenvolvimento do turismo cultural, Costa (2007, p.27), afirma:

A compreensão de cultura nos ofereceu aporte para reconhecer o seu valor na configuração de um segmento do turismo – o turismo cultural. E, em consequência, entender a importância da preservação da cultura na atividade turística.

Nesse contexto, depreende-se que o município de Porto Acre dispõe de vários elementos de identidade cultural, os quais podem ser transformados em excelentes atrativos turísticos, sendo que o entendimento, em parte, pelo poder público sobre a valorização desse legado é ponto favorável para a localidade, se fazendo necessário trabalhar esses fatores a favor do desenvolvimento do município. Um fato propício ao reconhecimento da comunidade para sua história e cultura foi o trabalho de revitalização e proteção do Seringal Bom Destino, o qual não surtiu maiores efeitos porque a comunidade e outros parceiros públicos (turismo, educação, meio ambiente, infra-estrutura) foram inseridos tardiamente no processo, sem a parceria da comunidade local, principalmente, a ribeirinha, que apenas via as caravanas de turistas passarem diante de seus olhos, como estranhos inacessíveis, essa foi a causa da desaceleração do processo.

³⁸ A Revolução Acreana foi deflagrada em Xapuri, porém, o movimento de insurreição iniciou-se na região de Porto Acre, mais precisamente no Bom Destino e a batalha decisiva se deu em Porto Acre.

Sobre a comunidade e parceiros que não são inseridos nos processos de desenvolvimento de uma localidade, é importante destacar as palavras de Ruschmann (1997, p.87) “[...] a não integração dos planos de desenvolvimento turístico com os problemas sociais, econômicos e físicos, tornam os empreendimentos isolados e nem sempre atingem os objetivos propostos”. A autora defende que o planejamento para o desenvolvimento turístico de uma localidade deve atender a todos, setor público, privado, comunidade local e adjacente, levando em consideração as culturas e os limites geográficos, políticos e administrativos.

O legado histórico-cultural e apelo turístico do município de Porto Acre é o ápice da história acreana e revela potencial turístico por excelência segmentado no turismo cultural. Sua história de lutas armadas e conquistas diplomáticas se igualam às das cidades que foram palcos da II Guerra Mundial, com o diferencial de que ela é, tradicionalmente, uma cidade amazônica de características ímpares e diversas, o que faz com que seu potencial turístico cresça ainda mais. É um município cuja maioria da população reside na zona rural, vive do extrativismo, agricultura e ultimamente da piscicultura nos inúmeros açudes das chácaras existentes ao longo da rodovia de acesso.

Com base nas informações obtidas durante a pesquisa foram feitas observações, sugestões e recomendações que visam contribuir para o desenvolvimento da cidade em relação ao turismo incluindo, distintamente, o Seringal Bom Destino.

Observou-se que um sério agravante para o turismo de Porto Acre é a inexistência de equipamentos turísticos de hospedagem e alimentação, (eles praticamente não existem, o único restaurante sequer consegue atender a demanda turística interna) e de acessos, principalmente para o Seringal Bom Destino³⁹ e a pousada ecológica, já mencionada anteriormente, localiza-se no Seringal Bom Destino, muito distante de Porto Acre. Existe fluxo turístico, a julgar pela presença considerável de visitantes na Sala Memória de Porto Acre⁴⁰, isso foi constatado com

³⁹ Mesmo com a pavimentação do acesso terrestre para o seringal Bom Destino é interessante para o turismo que o trajeto fluvial continue funcionando. É um elemento que agrega valor pelo seu diferencial, permite contemplação das belezas naturais e do cotidiano dos ribeirinhos às margens do rio. Considerando que é um caminho histórico, pois o rio Acre era o acesso mais viável e utilizado por ambas as tropas combatentes durante a guerra do Acre.

⁴⁰ Um pequeno museu em formato de igreja (era a primeira igreja de Porto Acre) cujo acervo reúne peças antigas da época da Revolução Acreana e do cotidiano dos seringais, dentre elas se destaca a corrente colocada por bolivianos de uma margem à outra do rio Acre para barrar seu tráfego. Errado pelo exército de Plácido de Castro foi elemento decisivo na vitória brasileira.

a consulta feita dia 17 de fevereiro de 2009 tendo como base as assinaturas do livro de registro de presença dos visitantes recolhidas durante 30 dias do mês anterior. Verificou-se que nesse período houve um fluxo de 254 pessoas, uma média de 7 a 9 ao dia, dentre elas estão visitantes locais e de outras cidades, como, Rio Branco, Epitaciolândia, Brasiléia, Tarauacá e também de outros estados e países, como, Rondônia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Maranhão, São Paulo, Rio de Janeiro e do Peru. A maioria dos visitantes são estudantes, funcionários públicos, empresários, aposentados, jornalistas, historiadores, professores e outros, os quais visitam o pequeno museu em busca de informações sobre o local dos conflitos conhecido como Revolução Acreana, cujo fluxo acentuou-se com a realização da minissérie Amazônia. Estas informações apontam para o potencial turístico da localidade segmentado no turismo histórico cultural, cujo desafio é planejar e gerenciar esse fluxo turístico, aliado aos recursos potenciais existentes e a historicidade do lugar de modo que se tenha uma melhor oferta turística e, conseqüentemente, um produto turístico excelente e competitivo.

A pousada ecológica existente no Seringal Bom Destino possibilita atender a demanda turística interna e externa, mas é preciso melhorar o acesso a ela, agregar valores identitários locais e incluir equipamentos característicos do lugar, como uma colocação de seringueiros com trilhas de seringas devidamente interpretadas, casa de feitura de farinha, defumador, guia de turismo ou condutor de trilhas e outros entretenimentos típicos. Os componentes físicos e históricos do Seringal Bom Destino por si só, não são suficientes para manter a demanda turística, pois de acordo com Papatheodorou (2006) “[...] os consumidores de turismo preferem uma cesta de mercadoria balanceada, ao invés de uma cesta cujo conteúdo total seja de apenas um tipo de mercadoria”. Isto acontece porque o consumidor de turismo é mais heterogêneo em suas escolhas, do que o consumidor de outros bens e serviços. Eles não consomem o produto em si, mas também as características associadas ao produto. Isto é, comer um prato de caranguejo na própria casa é diferente de comer um prato de caranguejo na praia à sombra de uma barraca.

Porto Acre e a Rota Caminhos da Revolução, integrantes da Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico, possuem muito potencial para se tornar o maior produto turístico acreano do segmento histórico cultural. Sendo, necessário,

portanto, a potencialização dos recursos culturais e turísticos existentes ⁴¹ e a identificação de estratégias de posicionamento mercadológico com vistas à promoção, comercialização e marketing, considerando que a escolha da marca da rota deve ter, sempre, o foco no posicionamento do destino no mercado turístico e sua diferenciação em relação à concorrência. Certamente, os caminhos da Revolução Acreana de caráter cultural, diferem dos caminhos culturais das outras regiões do Brasil, pois o turismo cultural amazônico é seu diferencial. Nesse sentido, o MTur defende que “A identidade cultural da região é um fator relevante na composição da marca que trata de uma característica peculiar da região [...]” (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2006, p.31). Assim, as estratégias de comunicação e divulgação do destino definem o fluxo turístico da localidade.

Quanto ao aspecto visual da cidade para o turismo, visando facilitar a compreensão destacou-se a seguir no quadro 3, a avaliação dos aspectos positivos e negativos da cidade de Porto Acre.

⁴¹ Identificação de espaços culturais que possibilitem conhecer a história do Acre com leituras e vivências culturais locais, como representações teatrais, poesias, cantos, contos, relatos históricos por moradores antigos, feiras, teatro de bonecos, produção de vídeos, circo e outros.

Aspectos Positivos	Aspectos Negativos
Reconhecimento do valor histórico do município pela população local.	Não valorização dos bens patrimoniais locais (falta restauração dos bens tombados do Bom Destino e tombamento e revitalização da área histórica do Platô).
Existência de testemunhos dos fatos históricos do passado (o Platô sua história e vários vestígios históricos alfândega boliviana ou residência de Luiz Galvez).	Pouco investimento e proteção da cultura imaterial (representações e manifestações culturais).
Proteção de objetos antigos como elementos de identidade patrimonial guardados na Sala Memória.	Não aproveitamento da área do Centro de Atendimento ao Turista e do Cais para o desenvolvimento de atividades turísticas.
Realização de eventos e manifestações culturais de resgate cultural, esportivos e festivais típicos.	Comunidade de Porto Acre a “ribeirinha” aliada do turismo do Seringal Bom Destino.
Equipamento turístico de excelente qualidade – a pousada ecológica.	Falta de experiência da comunidade na área de turismo.
Construção do cais de embarque e desembarque de turistas para o Bom Destino.	Ausência de produção artesanal.
Realizações de capacitações das atividades econômicas da comunidade local (artesanatos, comidas típicas, serviços de atendimento aos turistas).	Pouca aplicabilidade do que aprendem nos cursos de capacitação.
Interesse econômico da comunidade local no desenvolvimento de atividades turísticas.	Infra-estrutura turística incompatível com a demanda existente.
Espaço reservado para a construção do Centro de Atendimento ao turista.	Sinalização básica insuficiente e ausência de sinalização turística.
Acesso gratuito aos atrativos turísticos.	Ausência de educação turística e ambiental.
Aproveitamento da mão-de-obra local na Pousada Ecológica do Seringal Bom Destino.	Pouca urbanização e precária limpeza das ruas.
Comunidade local receptiva.	Insuficiência no sistema de água e esgoto sanitário.
Preço razoável da alimentação.	Serviços básicos razoáveis (agências bancárias, correios, transporte, saúde, educação, etc.).
Presença de agremiações de classes como a cooperativa de pescadores	Presença de mão-de-obra ociosa.
Construções características da região.	

Quadro 3 – Avaliação da caracterização do município de Porto Acre para o turismo.
Fonte: Dados da Pesquisa.

2.2 Bujari: manejo de pastos e manejo florestal

O município de Bujari, Integrante da Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico, localiza-se às margens da BR-364, distante 22 km da capital Rio Branco. Limita-se com os municípios de Rio Branco, Sena Madureira, Porto Acre e Boca do Acre-AM. Seu território está estimado em 303.728,82 km², com uma população de 8.423 habitantes (ACRE. 2006), sendo que a maioria habita a zona rural. O município que antes era uma “colocação de seringueiros” pertencente ao

antigo Seringal Empresa conhecido como “Seringal do Governo” Torres (2002, p.13), começou a se desenvolver depois de ter servido como acampamento para os trabalhadores da rodovia no trecho entre Rio Branco e Sena Madureira em 1969. O nome Bujari é de origem desconhecida, alguns dizem ser de origem indígena, ou oriundo de uma planta chamada “Buji” em abundância na região, outros afirmam que originou-se dos macacos “Buggios”, sempre presentes na região, na verdade, não se sabe ao certo sua origem, o que importa é que a cidade é promissora e próspera.

A pecuária é a principal atividade econômica, os pastos existentes são de ótima qualidade, ocupam grandes áreas e a técnica empregada para sua criação é a de manejo de pastos, que consiste em separar os locais de pastagens para consumo enquanto a outra parte se renova. Essa técnica evita a necessidade de constantes derrubadas para o plantio do capim ou alimentação industrializada. Outra atividade que se destaca no município é a exploração sustentável dos produtos madeireiros e não-madeireiros com impacto reduzido ⁴². Os produtos são retirados, em sua maioria, da região do rio Antimary, das reservas extrativistas e das florestas estaduais. Nesse sentido, se destaca as atividades desenvolvidas na Floresta Estadual do Antimary (FEA), onde a exploração, realizada em parceria com a comunidade local, promoveu desenvolvimento econômico e melhoria da qualidade de vida.

Ela que abrange uma área de aproximadamente 77.000 hectares do município de Bujari, no qual o Projeto PD 94/90 ITTO ⁴³ implantou o Plano de Manejo de Uso Múltiplo tendo como objetivo a promoção e o desenvolvimento integrado da Amazônia Ocidental com base nos recursos florestais, empregando tecnologia sustentada. O modelo implantado na FEA promoveu desenvolvimento econômico da região e melhoria da qualidade de vida dos moradores. Na fase inicial foram desenvolvidos muitos trabalhos técnicos e científicos, como inventário

⁴² Consiste na exploração racional sustentável de madeira e outros produtos como borracha, castanha-do-Brasil, copaíba, urucum, sementes e ervas medicinais. A técnica do impacto reduzido executado na exploração da madeira compreende estudo sobre o local da queda da árvore que deverá causar o menor dano possível às árvores e aos animais, pássaros e insetos menores habitantes dela e ao seu redor.

⁴³ Projeto financiado pela International Tropical Timber Organization (ITTO), Fundação Ford do Brasil no Programa PROREDES, Organização Internacional de Madeiras Tropicais (OIMT) e Ministério do Meio Ambiente (MMA), Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), Universidade Federal do Acre (UFAC), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Universidade de Brasília (UnB), Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e outros.

florestal, estudos sobre o solo, a fauna, a situação socioeconômico, os seringais nativos, as bacias hidrográficas e etnobotânico, os ecossistemas e botânica econômica, dentre outros, buscando garantir o sucesso do empreendimento e da manutenção e preservação da área (FUNDAÇÃO DE TECNOLOGIA DO ESTADO DO ACRE, 2004, p.11).

O projeto foi executado durante dez anos, nesse período a comunidade, que é composta de 109 famílias, recebeu atendimento à saúde inclusive tratamento odontológico nos três postos de saúde da comunidade, realização de exames de malária e cobertura vacinal. Na área da educação as quatro escolas atendem 86% da população, contribuindo para a redução do índice de analfabetismo que era de 90,04% e reduziu para 22%. Além disso, cada morador integrado ao projeto recebe casa nova. Nesse período foram extraídos aproximadamente 14.000 m³ de madeira certificada de mais de trinta espécies. Após isso a área descansará por pelo menos 20 anos, quando se iniciará outra fase do projeto.

Os demais habitantes da zona rural do Bujari, a exemplo dos habitantes da FEA tem como principal fonte de renda a exploração de produtos madeireiros e não-madeireiros, além da agricultura de subsistência, porém sem a assistência que outra comunidade teve em decorrência do projeto e cujos equipamentos construídos são de usufruto dela, como os postos de saúde, as escolas e as instalações da área administrativa. Já os moradores da zona urbana em sua maioria são funcionários públicos e outros vivem do comércio.

Outra atividade econômica que tende a crescer é a piscicultura que produz peixes nos açudes de boa qualidade. Como relata o gestor público de cultura Moisés Torres, 54 anos, morador e escritor:

Ultimamente uma atividade que tem se destacado muito é a piscicultura, tem muita gente investindo nesse ramo, o município tem mais de 150 piscicultores que produzem mais de 600 mil quilos de peixes por ano, um de nossos maiores eventos depois do de agropecuária é a Feira do Peixe.

Assim, o município consorcia atividades econômicas de grande poder de degradação ambiental como a pecuária e outras sustentáveis como a de manejo madeireiro e não-madeireiro de impacto reduzido. Destas práticas afirma-se que há um amadurecimento por parte do poder público municipal e dos parceiros no sentido

de continuar investindo na exploração de atividades econômicas muito impactantes e de alto valor econômico com ações minimizadoras dos danos que são provocados.

A pesquisa conseguiu apontar que a cultura e turismo do município se destacam muito timidamente. As atividades turísticas existentes são propícias ao desenvolvimento do ecoturismo nos ambiente naturais existentes, de estudos e pesquisas e de realizações técnicas na Floresta do Antimary. Destacam-se na cidade dois eventos importantes a Expobuja, uma feira de agropecuária que divulga a principal atividade econômica, e a Feira do Peixe de grande concorrência principalmente porque ela acontece nos dias que antecedem a Semana Santa, com perspectiva de crescimento e melhor aproveitamento do produto. Quanto à sua inserção na rota Amazônia-Andes-pacífico nenhum morador tinha conhecimento algum sobre o assunto. Por fim, realizou-se a análise da caracterização do município mediante o turismo, avaliando os pontos positivos e negativos em todos os setores administrativos e também a caracterização da cidade para o turismo, como é possível ver no Quadro 4.

Aspectos Positivos	Aspectos Negativos
Infra-estrutura turística de Bujari compatível com a demanda turística existente.	Demais comunidades de Bujari alijada do processo de manejo sustentável da Floresta Estadual do Antimary.
As edificações correspondem com as características das construções da região.	Sub-utilização das casas construídas pelo Projeto PB 94/90 – ITTO (Inadaptabilidade dos moradores).
Comunidade local receptiva.	Ausência de projetos similares ao da FEA em outras reservas enquanto a floresta se recupera no antimary.
Presença de técnicas de manejos sustentáveis e minimizadores da degradação ambiental.	Ausência de cursos de qualificação na prestação dos serviços turísticos.
Interesse econômico da comunidade local no desenvolvimento de atividades turísticas.	Ausência de fabricação de artesanatos.
Criação de áreas de proteção ambiental.	Ausência de educação turística e ambiental.
Exploração adequada de produtos madeireiros e não madeireiros.	Insuficiência no sistema de água e esgoto sanitário
Acesso gratuito aos atrativos turísticos potenciais.	Pouca sinalização básica e turística.
Uso adequado da terra.	Instalações e limpeza dos equipamentos turísticos (hospedagem e alimentação) precários.
Realização de eventos para divulgação da produção local.	Prédios públicos mal conservados.
Preços da hospedagem e alimentação razoáveis.	Presença de mão-de-obra ociosa.

Quadro 4. Avaliação das características do município do Bujari para o turismo.
Fonte: Dados da Pesquisa.

2.3 Senador Guiomard: cidade do amendoim e da água mineral

Saindo da capital Rio Branco no trajeto da Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico, indo sentido ao Peru encontra-se Senador Guiomard, mais conhecida pelos moradores como Quinary. A origem desse nome ainda é desconhecida, alguns estudiosos acreditam ser proveniente de uma árvore por nome “Quina” muito utilizada pelos índios para combater a Malária ⁴⁴. A troca do nome Quinary para Senador Guiomar é em homenagem ao ex-governador do antigo Território do Acre na década de 50, José Guiomard dos Santos. Distante 24 quilômetros da capital Rio Branco. O município possui uma área de 232.063,35 km², com população de 20.505 habitantes e estabelece limites com Acrelândia, Plácido de Castro, Capixaba, Rio Branco, Porto Acre e Boca do Acre-AM (ACRE, 2006).

Na economia se destaca a pecuária, o extrativismo, a produção de amendoim e de derivados do leite. Sua ocupação começou com a aquisição da área para fins de assentamentos das famílias oriundas do nordeste brasileiro, e de japoneses (nipônicos) vindos do Oriente. O povoamento tinha como objetivo o desenvolvimento econômico da região pela agricultura e a pecuária. No turismo o município se destaca pelos eventos que realiza atraindo grande quantidade de pessoas, principalmente, durante as amostras musicais no Canta Quinary que conta com a presença de cantores e bandas do Acre e região, a feira de agropecuária e a venda de amendoim de excelente qualidade cultivados pelos japoneses desde o final da década de 50. Outro produto que se destaca na economia do município é a água mineral, em abundância nas diversas fontes do município. Segundo estudos isso ocorre em razão da proximidade com o aquífero existente na região ⁴⁵.

Por meio das entrevistas realizadas com moradores, foi possível observar que a cidade tem potencial para o turismo, necessita, no entanto, de maior investimento no setor, principalmente, na otimização dos atrativos turísticos culturais e eventos culturais como o canta Quinary, festival do amendoim, feira de agropecuária,

⁴⁴ Mais informações em VALE, Nuno; MOREIRA, Rui; GOMES, Paula. Quimioterapia da malária: um século no desenvolvimento de antimaláricos. 2005. Disponível em http://www.spq.pt/boletim/docs/boletimSPQ_099_057_09.pdf

⁴⁵ Mais informações em COSTA, Ana Cristina Morais da; SANTOS, Marco Aurélio dos. A gestão dos recursos hídricos no Brasil e a questão da água subterrânea. Disponível em: <http://www.ivig.coppe.ufrj.br/docs/articleaguasub.pdf>

festivais caipiras e as áreas de entretenimentos que outrora foram muito concorridas pela comunidade local e adjacente, Paraíso e Quinoá. Estes eventos são percebidos pelo viés cultural e esportivo e não pelo turismo, o que se dá não por falta de apropriação da comunidade, mas pela falha na representatividade municipal junto aos órgãos competentes do turismo para a divulgação e promoção dos eventos que realiza.

No que tange a cultura e turismo, existe consenso quanto à existência de lugares apropriados pela população que se perderam no tempo. Nesse sentido o gestor público Klowsbey Pereira, quando entrevistado, cita uma área verde utilizada pelas famílias e pelo público jovem para pequeniques e banhos: “Esse lugar não existe mais, derrubaram a mata ao redor e aí as águas secaram, além do mais agora está dentro de uma propriedade particular...”. Concordando com ele em relação aos usos e costumes, Dona Raimunda Medeiros, 68 anos, relembra com saudosismo a “cacimba”, uma vertente com a qual a população se abastecia de águas: “‘Cedinho’ e à tardinha aparecia gente de toda parte, com as latas ‘pra’ pegar água... Eu ia também... Era bom porque a gente encontrava um conhecido ‘pra’ conversar...”. Ao dizer tais palavras os entrevistados revelam locais de lazer que a degradação ambiental destruiu e costumes como o bate-papo entre vizinhos, que se perderam na pós-modernidade ⁴⁶.

Dentre os bens da cultura material merecedores de proteção através de tombamento, dois dos três entrevistados, citou a seringueira localizada às margens da rua principal da cidade, uma árvore frondosa e antiga e o Projeto de Assentamento Moreno Maia, no Ramal do Batata. Quanto ao produto que identifica o município destaca-se o amendoim e a água mineral. Com relação à Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico, todos disseram que a cidade está no caminho do pacífico porque aquele era o percurso para quem queria entrar no Peru e não sabiam dizer mais nada sobre o tema. Durante a entrevista aproveitou-se para observar a caracterização da cidade no aspecto visual, paisagístico, organizacional e a infra-estrutura básica e turística, o que foi exposto a seguir no Quadro 5, que possibilita analisar os pontos positivos e negativos do município.

⁴⁶ Mais informações em FILHO, João Freire. Mídia, consumo cultural e estilo de vida na pós-modernidade. In: ECO-PÓS - V.6, nº 1, jan-jul. 2003. Mídia, consumo cultural e estilo de vida na pós-modernidade. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003. pp. 72-97. Disponível em: <<http://www.pos.eco.ufrj.br/ojs-2.2.2/index.php/revista/article/viewPDFInterstitial/199/205>>.

Aspectos Positivos	Aspectos Negativos
Interesse econômico da comunidade local no desenvolvimento de atividades turísticas.	Sítios arqueológicos degradados e sem proteção legal.
Comunidade local receptiva.	Ausência de elementos identitários da cultura no município.
Existência de produção econômica identitária do município (amendoim).	Poucos cursos de qualificação na prestação de serviços turísticos.
Desenvolvimento econômico com exploração de recursos naturais (água mineral).	Pouca participação nos cursos de qualificação na prestação de serviços turísticos.
Boa urbanização e limpeza das ruas.	Pouca aplicabilidade do que aprendem nos cursos de capacitação.
Apoio ao esporte e eventos culturais	Ausência de artesanatos.
Realização de feiras, festivais e amostras de produtos econômicos locais.	Pouca urbanização e razoável limpeza das ruas.
Existência de estudos nos sítios arqueológicos (geoglifos) para sua proteção.	Descaracterização da paisagem natural (presença de grande extensão de pastos para criação de gado)
Existência de área auto-sustentável na região (sítio do senhor Chico abacate).	Insuficiência no sistema de esgoto sanitário.
Preços (alimentação) razoáveis.	Ausência de educação turística e ambiental.
	Pouca sinalização básica e turística.
	Não-valorização de áreas naturais que apresentam iniciativas de ações sustentáveis.

Quadro 5. Avaliação das características do município de Senador Guimard para o turismo
Fonte: Dados da Pesquisa.

2.4 Capixaba: folia do Cachimbo de Aço

Após a cidade de Senador Guimard encontra-se o município de Capixaba, localizada às margens da BR-317 e distante 68 quilômetros da capital acreana. Possui área de 169.649,98 km², população de 7.067 habitantes e faz fronteira com Rio Branco, Xapuri, Senador Guimard, Plácido de Castro e com o país da Bolívia (ACRE, 2006). A vila originou-se do antigo Seringal Gavião, passando a se chamar mais tarde Vila Gavião que era habitada, principalmente, por ex-seringueiros. Na década de 70 com incentivo do governo federal, a região passou a ser ocupada por pecuaristas vindos das regiões centro-oeste, sudeste e sul do país que povoaram a localidade. Na ocasião veio uma família do estado de Espírito Santo que se instalou às margens da rodovia, montou uma pequena serraria. Esta pequena serraria e o gentílico do proprietário, que era por muitos conhecido como Capixaba, durante muitos anos serviu como ponto de referência para os que transitavam naquele local.

Logo a localidade passou a se chamar Vila Capixaba, e como havia dissidência quanto ao nome da Vila, decidiu-se que uma votação definiria a situação,

o curioso foi a metodologia adotada, pois conforme acordados, os votantes que escolhessem o nome Gavião para a localidade deveriam depositar na urna um grão de milho e os que escolhessem Capixaba colocariam na urna um grão de feijão. Ao final da votação os grãos de feijões superavam os de milhos e a cidade até hoje se chama Capixaba. Ultimamente, na busca pelo desenvolvimento, o poder público municipal investiu no plantio experimental da cana-de-açúcar para abastecer a Usina de Beneficiamento Álcool Verde da Alcobrás que iria desenvolver o projeto “álcool verde”, mas devido a várias questões dentre elas a ambiental o projeto se encontra paralisado.

O principal propulsor da economia ainda é o poder público seguido da pecuária e extrativismo, sendo esta a cultura impregnada na população. O turismo é pouco desenvolvido, no entanto, durante as festas juninas a cidade é referência com a motivada e organizada Quadrilha Cachimbo de Aço ganhadora de vários festivais e o centro da doutrina Santo Daime onde natureza, fé e dramaturgia no seio da floresta atraem os visitantes. Além do mais o município é ponto de parada quase obrigatório na rota turística, os passageiros param para fugir da fadiga da viagem ou para saborear deliciosos quitutes, como o quibe de macaxeira, arroz, trigo, tapioca, cuscuz, cremes e sucos de frutas regionais, etc.

O termo turismo também se refere aos seus desdobramentos associados à imagem, à visão panorâmica no sentido de contemplação de uma paisagem ou cidade. Nesse contexto, se avaliou as características da cidade para o turismo, pontuando seus aspectos positivos e negativos, como pode ser contemplado no Quadro 6.

Aspectos Positivos	Aspectos Negativos
Interesse econômico da comunidade local no desenvolvimento de atividades turísticas	Infra-estrutura turística (hotéis e restaurantes) mal conservada
Bons serviços de lanchonete e banheiro	Pouco comparecimento nos cursos de qualificação na prestação de serviços
Presença de grupos sociais comunitários	Pouca aplicabilidade do que aprendem nos cursos de capacitação
Preços de hospedagem e alimentação razoáveis	Ausência de artesanatos
Bons serviços de energia elétrica	Descaracterização da paisagem natural (presença de grande extensão de pastos para criação de gado e plantio de cana-de-açúcar).
	Pouca urbanização e limpeza urbana
	Mal acondicionamento do lixo
	Presença de mão-de-obra ociosa
	Insuficiência no sistema de água e esgoto sanitário
	Ausência de informação turística e ambiental
	Ausência de sinalização turística
	Pouca sinalização básica
	Comunidade local decepcionada com a Fábrica de processamento da cana-de-açúcar
	Poluição sonora constante
	Razoáveis serviços básicos (agências bancárias, correios, transporte, saúde, educação, etc.)

Quadro 6. Avaliação da caracterização para o turismo da cidade de Capixaba.
Fonte: Dados da Pesquisa.

2.5 Plácido de Castro: homenagem ao herói da Revolução Acreana

Integra também a rota turística em estudo o município de Plácido de Castro, cujo nome homenageia o herói da Revolução Acreana. Distante 100 quilômetros de Rio Branco, se localiza à margem direita do rio Abunã, possuindo uma área de 194.526,28 Km² e um total de 16.691 habitantes. Limita-se com os municípios de Capixaba, Senador Guiomard, Acrelândia e com a República da Bolívia. (ACRE, 2006). Nela predomina a cultura das populações tradicionais extrativistas e ribeirinhas. A localidade surgiu de uma pequena “colocação de seringueiros”, antigo depósito de castanha do seringal São Gabriel nas imediações da Igreja do Bom Jesus do Abunã.

Após alguns anos o lugar recebe o nome de Pacatuba, depois se torna Vila Pacatuba e no ano de 1922 é nomeada como Plácido de Castro. As suas terras, antes de propriedade particular são cedidas ao Território Federal do Acre pela

família Ferreira Lima cujos descendentes ainda residem no município. Sua emancipação política efetivou-se em 30 de março de 1977. O surgimento do município se deu em decorrência da posição estratégica para a compra de produtos da floresta em especial, a borracha e a castanha-do-Brasil através do rio Abunã que favorecia a escoação da produção para os grandes centros do país.

A economia do município é proveniente, em sua maioria da administração pública, seguida do extrativismo, cuja produção de borracha e castanha ainda é uma das maiores no estado. O comércio se desenvolveu, em parte, pela produção extrativista e pelo comércio e venda de produtos importados eletro-eletrônicos existentes no vilarejo de *Montevidéo* na Bolívia localizado na outra margem do rio Abunã. Tal comércio ajudou na economia dos dois países, enquanto Vila Montevidéo vendia os produtos importados, Plácido de Castro no lado brasileiro oferecia serviços de restaurante, hospedagem, entretenimento e diversão. Hoje, esta vila boliviana mudou-se para outro local em decorrência de um incêndio que consumiu as casas comerciais, todas feitas sobre palafitas, e continua vendendo seus produtos importados. Renovada, recebeu outro nome Vila Evo Morales em homenagem ao presidente boliviano que a visitou em solidariedade ao sinistro que destruiu o povoado.

Em relação ao turismo o prefeito Paulo César da Silva, 40 anos, declara durante entrevista, que o município ainda não está preparado para o turismo, porque tem muitas atividades e atrativos turísticos que ainda não foram trabalhados, sendo o mais premente a qualificação dos serviços turísticos:

... Temos o básico para começar a dar andamento a essa questão do turismo, ainda tem que ser trabalhado muita coisa, no meu entendimento ainda temos muitas atividades, alguns atrativos turísticos que ainda não foram trabalhados e não foi dado o tratamento para a devida exploração. Temos algumas deficiências que precisam melhorar como a qualificação dos serviços para a recepção dos turistas, então tem algumas coisas que precisam ser consolidadas.

O prefeito ainda afirmou que a questão da vocação natural do município é para o ecoturismo, porém, sem aproveitamento para o segmento, porque as áreas naturais existentes ainda não estão equipadas adequadamente para a visitação turística. A cultura é muito rica tem a questão do seringueiro, a interação dele com a floresta, o modo como lida com ela, isso se destaca da cultura de outras regiões. A

rigor, observa-se que potenciais turísticos existem muitos e não se trata somente de adequar a área à visitação turística, mas de transformá-la em um produto turístico sustentável, para que sua conservação seja atribuída também à coletividade, uma vez que esses espaços são partes integrantes essenciais do capital explorado pelos produtores turísticos, como defende Ruschmann (1997, p.130).

O hoteleiro “vende” um panorama, os clientes “compram” o usufruto de grandes espaços, os publicitários utilizam imagens de espaços virgens para conquistar o público, porém, são as coletividades que devem arcar com os recursos para a gestão dos espaços e das paisagens.

Seja qual for o turismo explorado e a vocação turística da localidade, não é possível tratá-la como fato isolado, separado dos demais, ele é da coletividade, estão interligados e se completam. No momento em que o entrevistado mostra sua preocupação com os serviços turísticos que serão prestados no seu município, sua preocupação é com todos os segmentos da atividade turística; quando faz referência ao ecoturismo e fala de exploração turística em áreas naturais cita atividades do cotidiano e vivência das pessoas que podem perfeitamente serem trabalhadas pelo segmento do turismo cultural. Citando o ecoturismo como vocação natural do município também faz referências à boa relação socioeconômica e cultural que Plácido de Castro tem com a Vila Evo Morales, como no exemplo dos festejos da Virgem de Copacabana, padroeira da vila boliviana, teoricamente faz parte do turismo cultural, mas devido a cultura amazônica regional pode ser trabalhada, efetivamente, pelos produtores turísticos nos seus variados segmentos.

Dentre os atrativos turísticos que se destacam na cidade, encontra-se o Parque Ecológico de Plácido de Castro uma área natural que possui 34 hectares de floresta virgem, destinada para fins científicos, culturais, educativos e preservacionistas da fauna e flora regionais, onde se encontram 111 espécies de árvores catalogadas e grande variedade de animais, aves e insetos típicos da Amazônia, o rio Abunã, um dos mais preservados da região, o Igarapé Visionário que tem, dentre as várias possibilidades de atrativos turísticos, a visualização de botos da espécie cor-de-rosa e jacarés, o Projeto SOS Tracajás e laças de preservação e manutenção das espécies ameaçadas de extinção que é desenvolvido pela Associação de Moradores de Plácido de Castro em parceria com a prefeitura do município de Acrelândia, e também as festas típicas e os festivais de verão como o Festival de Praia e *Motocross*. Citou-se como bem passível de

tombamento e revitalização a antiga rua do comércio nas imediações do depósito de castanha.

Com vistas à caracterização da cidade para o turismo realizou-se uma avaliação, focalizando os pontos positivos e negativos, os quais foram expostos na figura 7 para favorecer a compreensão.

Aspectos Positivos	Aspectos Negativos
Infra-estrutura turística compatível com a demanda turística existente	Instalações e limpeza dos equipamentos turísticos (hospedagem e alimentação) precários e mal conservados
As edificações correspondem com as características das construções da região	Despreparo ao lidar com o fator sazonal, no período de verão, quando acontecem os festivais de praia e durante as festas religiosas (a oferta turística torna-se inadequada, ineficiente e insuficiente)
Comunidade local receptiva e festeira	Não exploração turística da Barranca dos Papagaios em conjunto com a Bolívia
Cuidado com a preservação de espécies em extinção (Tracajás & laçás)	Pouca aplicabilidade do que aprendem nos cursos de capacitação
Prioridade no investimento para a educação formal da comunidade	Pouca venda de produtos artesanais
Existência de associações e cooperativas de segmentos sociais	Pouca urbanização e precária limpeza das ruas
Existência de equipamento turístico de boa qualidade como a Pousada da Floresta	Ausência de educação turística e ambiental
Setores públicos administrativos bem distribuídos	Ausência de sinalização turística
Crédito na política de governo municipal	Falta de experiência da comunidade na área de turismo
Profissionalização de práticas cotidianas (fabricação de produtos alimentícios típicos e artesanatos)	Falta de interação cultural com população da Vila Evo Morales - Bolívia
Realizações de capacitações das atividades econômicas da comunidade local	Pouca sinalização básica
Interesse econômico da comunidade local no desenvolvimento de atividades turísticas	Insuficiência no sistema de água e esgoto sanitário
Acesso gratuito aos atrativos turísticos	Prédios públicos mal conservados
Criação de áreas de proteção ambiental	Serviços básicos razoáveis (agências bancárias, correios, transporte, saúde, educação, etc.).
Boa interação social e comercial com a população da vila Evo Morales - Bolívia	Má conservação dos rios e lagos da região
Bom Preço da hospedagem e alimentação	Não aproveitamento quanto ao marketing pelo fato do município levar o nome de um dos grandes heróis da pátria Plácido de Castro
Bons serviços de energia elétrica	Pouca valorização da cultura patrimonial (ausência de monumentos tombados e/ou revitalizados)
Presença de muitos lagos piscosos na região	Comunidade má informada quanto ao turismo
Apoio ao Esporte local	Parque Ecológico degradado

Quadro 7: Avaliação da caracterização do município de Plácido de Castro para o turismo.
Fonte: Dados da Pesquisa.

2.6 Xapuri e os caminhos da consciência ambiental.

A cidade de Xapuri, distante 188 quilômetros da capital Rio Branco, recebeu esse nome em homenagem aos seus antigos habitantes os índios *Xapurys*. Sua área é de 534.695,24 km², somando 13.693 habitantes. Limita-se com as cidades de Brasiléia, Epitaciolândia, Capixaba, Rio Branco e com a República da Bolívia (ACRE, 2006). Fundada oficialmente em 22 de março de 1903, sua história remonta o século XIX, ano de 1883 quando se iniciou a abertura dos seringais da Amazônia para exploração extrativista. O município viveu seu período de apogeu durante o primeiro e o segundo ciclos da borracha, despontando como um dos seringais mais prósperos do Acre devido à quantidade de borracha e castanha produzida nas colocações de seringueiros. Para se ter uma idéia da riqueza vivida por Xapuri, os materiais de construções, mobílias e utensílios domésticos eram importados dos países europeus, atualmente muitas dessas peças compõem os acervos dos museus.

Com a decadência dos seringais da Amazônia a economia da cidade não teve a mesma fluidez, passou a viver da agricultura de subsistência. Na década de 70 com a política de “Ocupação da Amazônia” e a conhecida corrida às “terras baratas do Acre”, moradores de várias localidades, principalmente, pecuaristas do centro-sul do país, compraram suas terras com a intenção de criar gado e para isso, começaram os desmatamentos desordenados e com eles as discórdias e conflitos entre pecuaristas e extrativistas cujo ápice foi o assassinato do sindicalista Chico Mendes ⁴⁷. Sua morte teve repercussão na mídia nacional e, sobretudo internacional. Mais tarde o sonho do líder seringueiro se realizou com a criação das Reservas Extrativistas (RESEX) e dos Projetos de Assentamentos Agroextrativistas (PAE), na verdade, ela é a reforma agrária almejada pelo seringueiro ⁴⁸.

Xapuri e o Seringal Cachoeira são símbolos da luta pela preservação dos costumes tradicionais extrativistas dos seringueiros e castanheiros pelas terras que hoje habitam. Eles que lutavam pela manutenção de seus modos de vida tradicionais e conseqüentemente, a conservação da floresta em pé com a criação

⁴⁷ Em 22 de dezembro de 1988 Chico Mendes foi morto em sua própria residência, apesar da guarnição policial.

⁴⁸ Mais informações em ZANONI, M. H. Allegretti. *Os seringueiros: estudo de caso em um seringal nativo do Acre*. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, 1979. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/made/article/view/13423/9048>>.

das reservas tiveram seus direitos reconhecidos. Sobre esse assunto, Canclini (1996, p. 99), refere-se como sendo as “marcas de distinção” que identificam simbolicamente as representações e formas sociais de exclusão. Xapuri é uma cidade acreana conhecida no mundo inteiro, pela identidade revolucionária dos seringueiros, companheiros e amigos da época dos “empates”⁴⁹, nas áreas de desmatamentos.

Tais movimentos sociais tinham a adesão incondicional das mulheres, atitude pouco divulgada, mas já referenciada em trabalhos acadêmicos como o de Woortmann (1998) que relata o caso das mulheres seringueiras como executoras das atividades de extração do látex na ausência dos maridos.

A seringueira se distingue das mulheres esposas de seringueiros. Estas exercem a função de ‘cortar seringa’, mas são incorporadas no discurso como donas de casa, mulheres de seringueiros. Mesmo no caso em que o marido é incapacitado (epiléptico; deficiente físico), ocupando-se apenas das “contas” enquanto o trabalho de produzir borracha é feito pela mulher, esta é apenas referida pelo homem como dona de casa. (WOORTMANN, 1998, p.105).

Apesar da contribuição efetiva, em posições de mando, a mulher dificilmente entra no discurso e o crédito de suas ações vai para o marido. Elas participavam ativamente dos “empates” e muitas vezes eram as articuladoras e motivadoras da presença dos homens nos enfrentamentos, no auge dos conflitos foram posicionadas na linha de frente do confronto, juntamente com seus filhos, com a intenção de sensibilizar os executores dos desmatamentos. Sobre esse assunto Dona Vicência Mendes, hoje com mais de 80 anos, moradora do Seringal Cachoeira, relembra o episódio dos “empates” e a participação das mulheres:

Todas as minhas filhas participavam dos empates... Levavam também os filhos, marido e tudo... Eles davam proteção a elas caso precisassem usar a força. Porque o empate era assim... iam as mulheres e crianças na frente e mais atrás vinham os homens. Eu que era mais velha ficava junto com as outras... Preparando a comida e pedindo proteção pra Deus e pra todos os santos para que tudo desse certo.

⁴⁹ Os empates eram movimentos sociais pacíficos, onde mulheres e crianças seguiam em cortejo para as frentes de desmatamentos, no sentido de sensibilizar os “jagunços dos desmatamentos” para que parassem com a derrubada das matas. Mais informações em MARTINS, Edilson. Chico Mendes: um povo da floresta. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 1998.

A respeito dos enfrentamentos pacíficos nas frentes de desmatamentos, o relato do entrevistado Nilson Mendes, comprova a presença das mulheres acreanas nos empates, como pacificadoras e participantes ativas. Emocionado, lembrando a ocasião em que foi com a família para as frentes de desmatamentos, nesse momento a situação indicava acirramento dos ânimos ao ponto de sair do âmbito da sensibilização e convencimento para terminar em tragédia, mas de acordo com ele um fato emocionante aconteceu:

Uma das mulheres que estava junto no “empate”, percebendo a situação que traria maiores consequências, começou a cantar o Hino Nacional Brasileiro, em voz alta e forte que ecoava na mata... quando os outros companheiros a viram cantar, começaram a cantar também... Nisso os “peões” que executavam a derrubada, desceram das máquinas, tiraram o chapéu e cantaram o hino com a gente. Nesse dia o “empate” foi um sucesso”.

Hoje, a pacata Xapuri, não necessita mais dos “empates” para declarar sua vontade de ver seu meio ambiente preservado, mas guarda nas lembranças e memória os nomes dos companheiros que perderam suas vidas pela causa, e se sentem satisfeitos ao narrar suas histórias, porque sabem que os acontecimentos são exemplos de vitória. O Seringal Cachoeira é sede do Projeto de Assentamento Agroextrativista Chico Mendes (PAEX) da Reserva Extrativista Chico Mendes (RESEX) no Alto Acre, distante 197 km de Rio Branco, a mesma abrange uma área de 24.898 hectares desapropriadas pelo Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), sob a Portaria nº 158/89. Seu acesso se dá pela BR-317 (no sentido Rio Branco – Assis Brasil) até o local conhecido por “entroncamento”, onde mais adiante entrando à esquerda no Ramal do Cachoeira se chegará ao núcleo do Seringal, a Fazendinha, com várias habitações de moradores e a pousada ecológica.

Sua cultura se baseia no conceito de sustentabilidade sócio-ambiental da cadeia produtiva, proporcionando a construção de uma mentalidade voltada para o respeito e valorização das riquezas florestais e dos saberes tradicionais dos povos da floresta. Dentre as atividades sustentáveis do local se encontra a de exploração racional dos recursos madeireiros e não-madeireiros, que, grosso modo, é a técnica de selecionar para derrubada, somente árvores com mais de 40 cm de diâmetros e que tenham ao seu redor, outras mais novas para dar continuidade à espécie, ou seja, derruba-se a “mãe” e deixa-se uma “filha” e duas “netas” de pé. Os outros

produtos não-madeireiros, como: seringa, castanha, copaíba⁵⁰, semente e ervas são coletadas racionalmente, obedecendo à época propícia, deixando-se uma parte para alimentação dos animais silvestres.

Os estudantes e pesquisadores procuram os moradores para saber como se deram os conflitos sociais na área e como é feita a exploração madeireira sustentável. Vale salientar que com a madeira são fabricados móveis com certificação ambiental no pólo moveleiro de Xapuri, cujo projeto beneficia a população jovem em grupo de risco, dando-lhes ocupação e oportunidades profissionais. Os subprodutos são aproveitados na fabricação de artesanatos e móveis pela própria comunidade.

O processo de extração do látex é um atrativo turístico à parte, o que era feito pelos seringueiros no método tradicional simplificado, com o “coalhamento” químico do leite também, cada um processando e vendendo seu produto isoladamente. Depois da construção da fábrica de preservativos masculinos, o trabalho simplificou ainda mais, a produção tem compra garantida e continua atraindo turistas para ver o processo de coleta do produto e a produção industrial, isto é, foi adicionado ao produto turístico um diferencial à parte, integrando visitação aos seringais e ao processo e confecção dos preservativos. Ultimamente, a atividade produtiva dos seringueiros atrelada ao turismo melhorou com a constru o da pousada ecológica, como diz Gleison, o seu administrador: “Acho que os moradores deste local (Seringal Cachoeira) vivem em melhores condi es de vida do que muita gente que vive na cidade. Aqui, eles moram no que   deles, compram o que querem, são saudáveis”.

Outro fator importante que merece destaque e foi identificado durante a pesquisa   a qualidade na presta o dos serviços, uma necessidade, que certamente, não acontece por falha dos órgãos responsáveis pelas capacita es⁵¹. O problema reside no fato dos estabelecimentos comerciais, hotéis e restaurantes serem de tradi o familiar, não havendo, portanto, interesse ou concorrência nos cargos, s lrios e fun es. Os funcionários se capacitam os donos e gerentes não. Os que são capacitados não encontram espaços para pôr suas idéias em funcionamento e por isso, restam-lhes duas alternativas: concordar com o sistema

⁵⁰ árvore que produz  leo medicinal cujo princípio ativo   o antibiótico. Conhecido como o antibiótico natural da Amazônia.

⁵¹ SEBRAE, SENAC, SESI, SENA, SETUL, e outros.

inoperante ou procurar outro emprego. A maioria decide pela segunda opção. Acredita-se que a falha está no conteúdo programático dos cursos, para estas localidades devem ser personalizados e não adaptados, além de considerar o fator tradicionalidade.

Nesse sentido o MTur (2006, p. 09), declara que “O uso turístico deve sempre atuar no sentido do fortalecimento das culturas”. Argumento compartilhado por Ruschmann, (1997, p. 27) “[...] o turismo de qualidade pode tornar-se viável, desde que associado à [...] excelência dos serviços e equipamentos oferecidos” e Petrocchi (2001, p. 99) o qual defende: “As atividades turísticas devem conduzir-se em harmonia com as especificações e tradições das regiões [...]”.

No tocante aos patrimônios da cultura material e imaterial do município que merecem proteção e tombamento, destacam-se o Museu Casa Branca, local onde a tropa do exército brasileiro sob o comando de Plácido de Castro rendeu a guarda do exército boliviano, no dia 06 de agosto de 1902. O prédio é tombado como patrimônio do município desde 1985, porém paira sobre ele controvérsias quanto aos fatos históricos que fizeram com que fosse protegido como tombamento municipal. Durante a pesquisa ela foi o monumento mais citado pela comunidade como digno de proteção e apesar de alguns moradores dizerem que a casa nunca foi Intendência Boliviana e sim um hotel-cassino. Ao primeiro olhar se verifica que apesar de ser uma casa antiga, as características da construção não são compatíveis com aquelas do final do século XIX. Certo ou não, o tombamento existe, e a população a considera e dela se apropria, principalmente, do espaço para representação teatral e do museu, conforme explicita Filho (2006, p. 19) “[...] o caráter do patrimônio passa de caráter individual para o de posse da coletividade”. A própria história do museu merece ter sua história mantida, destacada e valorizada pelos poderes públicos e comunidade.

Enfim, o que caracteriza o turismo nesses caminhos de Chico Mendes e seus companheiros é a consciência ecológica, ambiental, elementos identitários de sua cultura capazes de oferecer aos visitantes lições do vivido histórico-culturais, de preservação do ambiente natural e da vida em harmonia do homem com o *habitat* natural.

Por meio de análise das informações contidas nesse trabalho foi possível identificar as políticas de investimentos para o setor, providenciando melhorias nos equipamentos e treinamentos de pessoal gerando melhores e novos produtos. E

também refletir sobre a política de promoção (*marketing*), trabalhando autenticidade e originalidade nos equipamentos turísticos e, sobretudo, valorizar o amadurecimento da população no tocante à preservação ambiental. Buscando melhoria sistemática na qualidade dos produtos, elementos fundamentais na atração fundamental para os produtores turísticos, bem como, a imagem visual, panorâmica da cidade, capaz de aumentar fluxo e demanda para a localidade.

Nesse contexto, através do quadro 8, apresenta-se uma avaliação da imagem visual, panorâmica considerando os aspectos políticos, físicos, estruturais para o turismo em Xapuri, estruturando-os em pontos positivos e negativos.

Aspectos Positivos	Aspectos Negativos
Infra-estrutura turística compatível com a demanda turística existente.	Instalações e limpeza dos equipamentos turísticos (hospedagem e alimentação) precários e mal conservados.
As edificações correspondem com as características das construções da região.	Despreparo para o fator sazonal, no período de verão, quando acontecem os festivais de praia e durante as festas religiosas, nesse período a oferta turística torna-se inadequada, ineficiente e insuficiente.
Comunidade local receptiva.	Pouca produção artesanal.
Empregados dos hotéis e restaurantes prestativos.	Pouca aplicabilidade do que aprendem nos cursos de capacitação.
Fábricas de transformação da matéria prima em produtos de excelente qualidade com extrativistas e jovens aprendizes em grupo de risco social.	Prédios de equipamentos turísticos (hotéis e restaurantes) de aspectos descuidados.
Existência de associações e cooperativas dos vários segmentos sociais.	Pouca urbanização e precária limpeza das ruas.
Pousada ecológica do Seringal Cachoeira de excelente qualidade	Escolas e prédios públicos mal conservados.
Setores públicos administrativos bem distribuídos.	Presença de mão-de-obra ociosa.
Crédito na política de governo municipal.	Insuficiência no sistema de água e esgoto sanitário.
Profissionalização de práticas cotidianas.	Ausência de educação turística e ambiental.
População esclarecida sobre o papel de Chico Mendes no processo de criação das reservas extrativistas.	Ausência de sinalização básica e turística.
Interesse econômico da comunidade local no desenvolvimento de atividades turísticas.	Aquisição e utilização de bens auto impactantes por moradores de áreas protegidas, como a utilização de motocicletas no corte da seringa.
Criação de áreas de proteção ambiental.	Comunidade local descontente e alijada do processo de vitória da família Mendes.
Uso adequado de produtos madeireiros e não madeireiros.	Falta de reconhecimento dos companheiros de Chico Mendes que lutaram pela manutenção das atividades extrativistas e da floresta em pé durante os conflitos sociais das décadas de 70 e 80.
Acesso gratuito aos atrativos turísticos.	Falta de experiência da comunidade na área de turismo.
Em período de transição do turismo informal para turismo formal, com a presença de condutores de turistas em ambientes naturais com visitas guiadas e cobradas.	Mudança de práticas tradicionais para demonstrações turísticas.
Equipamento turístico administrado pela comunidade local com é o caso da pousada ecológica do seringal Cachoeira.	Ausência de realização de feira e exposições da produção local.
Capacitações das atividades econômicas da comunidade: artesanato, alimentícios típicos, serviços turísticos.	
Preços de hospedagem e alimentação razoáveis.	

Quadro 8. Avaliação da caracterização do município de Xapuri para o turismo.
Fonte: Dados da Pesquisa.

2.7 Epitaciolândia: cidade do poeta da fronteira

Localizada à margem direita do Rio Acre, com acesso pela BR-317 a uma distância de 220 quilômetros da capital Rio Branco, o município tem uma área de 165.504,42 Km², população de 13.782 habitantes. Limita-se com os municípios de Brasiléia, Xapuri e com a República da Bolívia. (ACRE, 2006). A origem do município remonta ao Seringal Bela Flor de propriedade do senhor Antônio Bartha, antigo Centro Brasileiro do Extrativismo Vegetal de Castanha e Borracha. O desenvolvimento do Centro, na década de 50 atraiu migração de várias pessoas de outras localidades em busca de trabalho e melhores condições de vida, provocando o surgimento de uma pequena comunidade. Nela foram se instalando pequenos comércios, igrejas e escolas. Mais tarde, em 1958, a localidade foi elevada à vila e passou a se chamar Vila Epitácio Pessoa em homenagem, ao Ex-presidente da República ⁵². Ganha emancipação política em 28 de abril de 1992, e desmembrada de Brasileia passa a se chamar Epitaciolândia ⁵³.

Seu desenvolvimento sócio-econômico tem forte ligação comercial com a cidade vizinha da República da Bolívia, Cobija, no Departamento de *Pando*, com a qual faz intercâmbio comercial, através da Ponte Internacional sobre o Igarapé Bahia que une as duas cidades (Epitaciolândia e Cobija) ⁵⁴, sendo, este, portanto um fator de desenvolvimento do município, seguido da pecuária em crescente desenvolvimento, da agricultura e do extrativismo e, ultimamente a cidade tem experimentado acentuado crescimento e desenvolvimento na área comercial com a venda de produtos de consumo. A cidade de Epitaciolândia dispõe de infraestrutura turística, possuindo hotéis e restaurantes que oferecem hospedagem e, principalmente, alimentação de ótima qualidade, durante os feriados e finais de semana a movimentação é grande na cidade durante o horário das refeições, ao passo que nos outros horários a movimentação se dá em Cobija no shopping center de produtos importados.

⁵² A escolha do nome é em homenagem ao Presidente da República no período de julho de 1919 e novembro de 1922, Epitácio Lindolfo da Silva Pessoa.

⁵³ Mantém o nome do antigo presidente da república (Epitácio) acrescido do termo “lândia” que corresponde à ocupação de grande extensão campestre de terras.

⁵⁴ A Ponte foi construída em 1977 pela Bolívia no governo de *Alberto Saenz Klinsky*.

Cidade de tradições católicas, no mês de janeiro, se enche de fiéis vindos de todas as partes, para o Novenário de São Sebastião na pequena capela que leva seu nome, e onde curiosamente, a missa é celebrada, em dois idiomas, português e espanhol, simultaneamente, por sacerdotes brasileiros e bolivianos. O gestor público de meio ambiente e turismo da cidade há 5 anos, José Menezes Cruz, em entrevista para este estudo, expressa sua preocupação com a efetivação da Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico devido aos impactos socioeconômicos, ambientais e culturais que ela pode causar. Porém, ressalta que ela, certamente, trará desenvolvimento em todos os setores, inclusive o município já conta com a participação da população da cidade boliviana de Cobija durante as festas de Epitaciolândia e manifestações culturais.

Com relação ao turismo observa-se que o turismo de compras, e o turismo cultural são os mais praticados pela população. Porém o Gestor diz: “São atividades que ainda não se pode dizer que promovem o turismo no município porque são feitas muito timidamente”, essa questão tem sido trabalhada com a parceria da secretaria de turismo estadual, buscando a implementação de políticas públicas e estruturas turísticas e com os outros parceiros como SEBRAE e SENAC que promovem as capacitações para qualificação dos serviços turísticos. Cita ainda o Parque Ambiental Wilson Pinheiro e o Orquidário *Bei Fiori* como locais para possíveis realizações de estudos, pesquisas e experimentos científicos. Segundo o entrevistado, os balneários, Rio Acre, Igarapé Encrenca, Igarapé Bahia são recursos naturais históricos que necessitam de ações mais emergentes visando recuperá-los da situação de degradação que se encontram. E quanto à sustentabilidade, ressalta que a localidade e a gestão pública precisam trabalhar melhor tanto no que se refere às políticas públicas como a própria comunidade como parceira do processo.

Ao final da entrevista, o Gestor refere-se à cultura como sendo muito dinâmica em seu município, necessita, no entanto, “aparecer mais, ser mais ousada, buscar resgatar o que se tem perdido”. Nesse sentido cita o poeta da fronteira Raimundo Nonato Rocha – “Raimundinho”, que contribuiu muito com a cultura de Epitaciolândia. Assunto também relatado na entrevista com a gestora de cultura da cidade, Gislene Salvatierra, moradora de Brasília, mas grande conhecedora dos eventos culturais de Epitaciolândia, que argumenta:

O Raimundinho era a referência em cultura no município, ajudava em todas as demandas, tanto escrevia como treinava os jovens para as peças teatrais, foi quem levou o grupo de teatro daqui para o festival em Rio Branco e trouxe o prêmio de melhor colocado. Gostaria de ver a residência onde morou transformada em museu de cultura.

2.7.1 O poeta da fronteira: ativista e produtor cultural

Durante a pesquisa observou-se que a figura do poeta da fronteira foi muito referenciada pelos entrevistados (dos 5 entrevistados de Eptaciolândia 3 mencionaram seu nome e dos 8 de Brasileia, 3) como sendo um dos principais incentivadores e articuladores dos eventos culturais e produção cultural de Eptaciolândia, razão pela qual resolveu-se pesquisar mais a seu respeito. Buscaram-se na literatura acreana obras que falassem sobre ele e encontrou-se na revista *Outraspalavras* (2001), uma matéria cujo título se resumia em “Da Guerrilha para o Teatro” (autoria desconhecida) que registra um pouco da vida desse personagem. Sua casa simples que ainda existe distante menos de cinquenta metros da ponte sobre o Igarapé Bahia, é testemunho de sua existência, além das obras literárias que deixou quando partiu para sempre.

Raimundo Nonato da Rocha, um acreano de mente brilhante, audacioso, comunista “militava nas linhas das esquerdas internacionais”, figura franzina, vestes simples e olhar dissimulado encobrem o espírito revolucionário. Registra-se na revista a seguinte expressão, “A militância nos movimentos de esquerda lhe deu consciências da importância do povo preservar a própria cultura” (p. 13). Tinha na poesia cordelista uma aliada para denunciar as artimanhas da Ditadura Militar e as injustiças sociais. Dentre suas obras encontram-se, poemas, peças de teatro, contos cordelistas e os hinos cívicos de Brasileia e Eptaciolândia. A partir de um recorte de jornal, cedido por uma das entrevistadas, foi possível identificar outras obras do poeta como: “A Guerrilha do Araguaia”, uma homenagem aos que lutavam por cidadania e democracia no sul do Pará, “A Peleja do Sapato com a Bota” uma sátira contra a Ditadura Militar, “Nós os Pobres Vocês os Ricos”, “Canto a Neruda”, “Quimera”, “Hino ao Seringueiro”, “Espártaco”; “João da Mata”. E em 1980 escreveu

“Os dois Astros” exaltando o valor do sol para o seringueiro e sua obra derradeira: “Canto à Princesa do Acre”⁵⁵.

Segundo informações, a obra que mais o emocionou teria sido a peça de teatro intitulada “Angelina Gonçalves, a Seringueira Heroína” escrita e ensaiada por ele mesmo com o grupo de teatro Castanheiras. Escreveu-a em 30 páginas, das três linhas registradas de um episódio histórico da Revolução Acreana, única referência à participação da mulher na batalha do Acre. Conforme anteriormente mencionado o grupo e seu mentor intelectual e produtor receberam o primeiro lugar no II Festival Estudantil de Teatro em Rio Branco. É dele a criação da “Balsa I” e “Balsa II”, uma sátira contra os políticos derrotados nas eleições da região, em todos os municípios das redondezas a sátira adotada como costume, que perdura até hoje. Os políticos derrotados sofrem o constrangimento de descer na balsa “de bubuia”⁵⁶, com destino a algumas cidades dos rios Purus e Solimões (Lábrea, Manacapuru e outras), isso acontece com os candidatos que ao serem derrotados, independentemente do partido político; se perder as eleições, no dia seguinte desce na balsa, figurada, mas registrada e satirizada por todos, inclusive pelos meios de comunicação.

Conforme reportagem de um jornal fornecido durante as entrevistas, cuja matéria é assinada por José Cláudio Mota Porfiro doutor em Filosofia e História da Educação pela Universidade de Campinas (UNICAMP), muitas figuras atuais do cenário nacional, uns “in memoriam” outros não, militavam na esquerda, juntamente com o poeta, dentre eles Chico Mendes e outros “camaradas” e companheiros. No ano de 1979, Rocha foi preso em Brasileia por portar material “subversivo”, obras literárias de ideais comunistas, por isso foi torturado e maltratado, só recebeu a liberdade quando o Brasil concedeu anistia a seus presos políticos no início dos anos 80. Um homem adiante de seu tempo, incompreendido, angustiado, entregou-se à bebida, morreu sem reconhecimento ou homenagem. Enfim, sua residência e histórico de vida merecem ser estudados como possíveis bens materiais que devam ser tombados como testemunhos de uma cultura e de uma época do povo.

Certamente, um bem valorizado atrai turistas interessados em conhecer a importância da cultura ou do monumento para a localidade onde se encontra,

⁵⁵ PORFIRO, José Cláudio Mota. Raimundo, o poeta da fronteira. [s.n.t]

⁵⁶ A Balsa dos políticos derrotados do Acre e das cidades do Sul do Amazonas é um meio de transporte rudimentar, improvisado com madeira roliça sem propulsão motorizada que desce com destino aos rios caudalosos da Amazônia ao sabor das correntezas.

portanto, faz-se necessário preparar a cidade para a recepção desse fluxo turístico. Pensando dessa maneira fez-se uma avaliação da cidade de Epitaciolândia com vistas à recepção turística, considerando os pontos positivos e negativos da localidade, como se vê no quadro 9.

Aspectos Positivos	Aspectos Negativos
Interesse econômico da comunidade local no desenvolvimento de atividades turísticas.	Instalações e limpeza dos equipamentos turísticos (hospedagem) precários e mal conservados.
Edificações características da região.	Pouca aplicabilidade dos cursos de qualificação na prestação de serviços nos hotéis.
Comunidade local receptiva.	Ausência de produtos artesanais.
Bom atendimento nos restaurantes da cidade.	Morosidade nos serviços de atendimento alfandegário (a prática de interrupção no atendimento, para o almoço prejudica o turismo).
Comparecimento nos cursos de qualificação dos serviços turísticos.	Ausência de educação turística e ambiental
Existência de associações e cooperativas dos vários segmentos sociais.	Pouca urbanização e precária limpeza das ruas
Preços de hospedagem e alimentação razoáveis.	Falta de resgate da cultura no município (representações e manifestações culturais).
Restaurantes com comida de boa qualidade.	Serviços básicos e de infraestrutura precários.
Infra-estrutura turística compatível com a demanda turística existente.	Prédios públicos mal conservados.
Existência de eventos culturais e religiosos com participação da população dos países vizinhos.	
Presença de áreas ambientais protegidas legalmente como o Parque Wilson Pinheiro.	
Interesse em realização de estudos e pesquisas nas áreas ambientais do município.	

Quadro 9. Avaliação da caracterização do município de Epitaciolândia para o turismo.
Fonte: Dados da Pesquisa.

2.8 Brasília: cidade da alegria do Vale do Acre

Localizada na fronteira do Brasil com a República da Bolívia às margens do Rio Acre, distante 222 quilômetros da capital acreana, possui uma área de 391.827,62 Km², população de 17.721 habitantes, limitando-se com os municípios de Assis Brasil, Epitaciolândia, Xapuri e com a Bolívia (ACRE, 2006). A cidade originou-se do antigo Seringal Carmem. Em 21 de dezembro de 1938, a pequena Vila Brasília foi elevada à categoria de município, sendo nomeada de Brasília. Cujas origens procedem da junção do nome “Brasil” com “hiléia”, uma referência à floresta amazônica e sua biodiversidade, resultando no gracioso nome de Brasília. Antes se

chamava Brasília, mas abdicou-se dele em função da capital federal do Brasil. Assim como a maioria dos municípios acreanos nas primeiras décadas do século XX, a cidade vivenciou o apogeu da borracha, depois, vindo à decadência e o declínio na indústria de exportação, passou a se manter da cultura de subsistência.

Atualmente, o município se destaca na agropecuária e no turismo, sendo que a maioria dos habitantes são criadores de gado leiteiro e de corte, uma vez que a carne acreana tem boa aceitação como produto de exportação. Uma das causas da boa qualidade da carne bovina acreana, segundo especialistas, é o fato do gado pastar em terrenos planos e ter alimentação saudável à base de capim natural, adquirido com o mesmo sistema de manejos de pastos adotado por Bujari, o chamado “boi verde”. É importante salientar que as áreas de pastos existentes no município, a exemplo de Bujari, são procedentes de áreas já degradadas desde as décadas de 70 e 80 quando a região recebeu grandes quantidades de imigrantes, pecuaristas, na época foram desmatadas grandes áreas, atualmente, ação como essa, devido a leis ambientais, não é mais permitida, porém, estas áreas são utilizadas pelos criadores de gados e compõem os cenários cultural e paisagístico do Acre contrastando com a cultura florestal extrativista e que atraem a atenção de turistas e ambientalistas.

Devido a suas belezas naturais, eventos culturais e à proximidade com a cidade boliviana de Cobija, Brasiléia recebe grande fluxo de turistas internos que se deslocam de Rio Branco e das cidades vizinhas, sobretudo nos feriados e finais de semana para fazer compras no comércio ali existente. O intercâmbio comercial entre os dois países gera uma parceria espontânea, Cobija, cidade boliviana, dispõe de artigos eletroeletrônicos importados com preços acessíveis devido a baixa taxa tributária em relação ao real – moeda brasileira, mas tem alimentação e hospedagem deficiente, ao passo que, as cidades brasileiras, Brasileia e Epitaciolândia, não possuem os mesmos produtos de Cobija, mas dispõem de melhor infra-estrutura para recepcionar os turistas e visitantes, no tocante à hospedagem, alimentação e entretenimentos.

A cidade de Brasiléia se destaca das demais da região do Vale do Acre, com exceção da capital Rio Branco, pelos eventos que realiza de inverno e verão, com bandas e cantores convidados de renome nacional e os cantores da terra atraem multidões para os festivais como o Carnavale, uma espécie de carnaval-fora-de-época, o Festival da Castanha no qual se podem degustar durante dois a três dias

os pratos feitos dessa iguaria amazônica, e também os festivais gastronômicos são bastante concorridos pelos “chefs” da cozinha regional. Destaca-se também, a beleza de sua paisagem com seus casarios das décadas de 20 e 30, as ruas como Odilon *Pratagy*, mais conhecida como rua *Las Palmeiras*, que se constitui como cartão postal da cidade com as fileiras de palmeiras imperiais intercaladas entre bancos para descanso e a rua Rolando Moreira e com seus benjamins modelados e ainda a bela Ponte Wilson Pinheiro, construída com tecnologia de ponta, em homenagem ao primeiro mártir da luta preservacionista na região.

2.8.1 *Sítio histórico de Brasiléia: belos casarões das décadas de 20 e 30*

Dentre os elementos culturais de Brasiléia merecem destaque os vários e belos casarões das décadas de 20 e 30, época em que eram comuns as casas dos centros urbanos das cidades dessa região da Amazônia, serem construídas em madeira de lei. Devido a abundância da matéria prima, amplitude dos terrenos e mão-de-obra “barata” e de qualidade, as casas eram espaçosas, altas com vários cômodos conjugados, características da vida social daquele momento histórico. Com o tempo, a maioria dessas habitações foi se deteriorando, outras foram demolidas e substituídas por construções “mais modernas” em alvenaria, acompanhando o progresso. Porém, no centro da cidade de Brasiléia esses casarões permanecem como testemunhos da história e cultura de seu povo. As várias construções dessa época, incólumes, protestam contra o tempo e se mantêm de pé, desafiando a modernidade.

Centenas delas, todas habitadas e conservadas por seus moradores, localizam-se nas ruas Rolando Moreira, onde estão as mais preservadas e que sofreram menos interferências na estrutura física, Odilon *Pratagy*, Genny Assis e adjacências. A zona de influência do sítio histórico é ampla, abrangendo a casa das irmãs Cordeiro, porém seu núcleo concentra-se entre a Ponte Wilson Pinheiro e o Hotel Júnior atingindo as ruas paralelas e travessas, neste local as habitações antigas são dignas de revitalização e tombamento para preservação da identidade cultural da região.

Em entrevista com os moradores percebeu-se o anseio dos moradores de verem suas propriedades valorizadas como bens culturais do município, dentre eles entrevistou-se as irmãs Cordeiro e o senhor Adauto Nazário, de 53 anos,

descendente de sírio-libaneses, morador antigo de um dos casarões, o qual concorda que casas como a de sua família devem ser preservadas, porque representam o estilo de vida de seus antepassados. Seu desejo é poder vê-la tal qual era quando nova, mas seu poder aquisitivo não lhe permite. Ele relata que:

Essa casa era dos meus avós, tenho boas recordações dela, muitas pessoas vêm aqui em casa e diz: Aauto e essa casa velha? Não vai reformar não? E eu digo que não, porque gosto dela assim. Lembra a minha família.

Assim como a casa do senhor Aauto existem mais de 40 delas em ambos os lados da Avenida Rolando Moreira, que margeia o rio Acre desde a Ponte Wilson Pinheiro até o final da rua. Sendo que as casas de um dos lados são mais preservadas do que da outra.

O Tombamento de um bem cultural que se quer proteger pode ser feito através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), por meio do Governo do Estado através do órgão estadual de cultura ou pelas prefeituras que dispuserem de leis específicas. O processo de tombamento não altera as características anteriores da propriedade, especialmente a compra, a venda e a hereditariedade que são fundamentais para a propriedade privada. Porém, no caso de venda da propriedade seu dono terá por obrigação notificar, previamente, a instituição que efetuou o tombamento para que a mesma altere seu cadastro. Sobre esse assunto Lewgoy (1992) expõe a utilização do tombamento como instrumento de restauração de um conjunto de casas como uma reconstrução da memória local, das relações sociais, dramas, reflexões, memórias e identidade. Nesse sentido, Tomaso (2002) discute a oficialização do tombamento e a incorporação dos direitos culturais como fundamentais para o tombamento dos bens culturais.

Quando se fala de turismo, fala-se também de paisagem cultural de uma localidade. Nesse contexto, foi elaborado o Quadro 10 que traz uma avaliação da imagem visual, panorâmica para o turismo da cidade de Brasília nos seus variados aspectos, políticos, físicos, estruturais e visuais, pontuando os aspectos positivos e aspectos negativos do município para o turismo.

Aspectos Positivos	Aspectos Negativos
Infra-estrutura turística compatível com a demanda turística existente.	Equipamentos turísticos insuficientes para recepcionar a clientela durante grandes eventos (Carnavale, Festival da Castanha e outros).
Comunidade local receptiva e festeira.	Falta de experiência da comunidade na área de turismo.
Existência de um Centro de Atendimento ao Turista – CAT.	Pouca aplicabilidade do que aprendem nos cursos de capacitação.
Empregados dos hotéis e restaurantes prestativos.	Pouca educação ambiental e turística .
Maturidade turística ao lidar com o fator sazonal (realização do Carnaval-Fora-de-Época e outros festivais típicos).	Pouca sinalização turística.
Existência de associações e cooperativas dos segmentos sociais.	Falta de valorização das produções artísticas locais (produções literárias, artes plásticas, manifestações culturais representativas, outras).
Existência de equipamento turístico de excelente qualidade como a pousada ecológica Vila Brasília.	Pouca valorização da cultura material (falta restauração das construções que representam um povo em determinada época como os casarões do sítio histórico da Av. Rolando Moreira e adjacências)
Setores públicos administrativos bem cuidados e bem distribuídos.	Pouca valorização da história do Sindicato de Brasília e seus representantes.
Crédito na política de governo municipal	Ausência de patrimônios culturais tombados.
Fábricas de transformação da matéria-prima em produtos de boa e excelente qualidade.	
Boa limpeza urbana.	
Interesse econômico da comunidade local no desenvolvimento de atividades turísticas.	
Existência de áreas de proteção ambiental.	
Realizações de capacitações das atividades econômicas da comunidade local, como artesanatos, fabricação de produtos alimentícios típicos.	
Acesso gratuito aos atrativos turísticos.	
Escolas e prédios públicos bem conservados.	
Bom Preço da hospedagem e alimentação.	

Quadro 10. Avaliação da caracterização do município de Brasília para o turismo.
Fonte: Dados da Pesquisa.

2.9 Assis Brasil: bem-vindo ao Peru

Situado entre os Rios Acre e Iaco na fronteira do Brasil com o Peru e a Bolívia e distante 340 km da capital Rio Branco está o município de Assis Brasil, que possui uma área de 497.663,26 km², população de 5.063 habitantes e limita-se com os municípios de Sena Madureira, Brasília e com os países Peru e Bolívia. (ACRE, 2006). O antigo Seringal Paraguaçu desbravado pelos irmãos Belarmino, Durval e Policarpo Freire pertencia à jurisdição de Brasília até 1958 quando passou à

condição de vila com o nome de “Assis Brasil”, em homenagem a Francisco de Assis Brasil, secretário do Ministro das Relações Exteriores o Barão do Rio Branco. Logo depois, obteve autonomia político-administrativa em 14 de maio de 1976. A cidade se destaca pela posição geográfica que ocupa na Estrada do Pacífico, última cidade em território brasileiro antes de atingir a “*Carretera Interoceânica*” ou Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico.

É ponto de parada obrigatória para os serviços de alfândega e favorece o intercâmbio socioeconômico, cultural e comercial internacional. Abriga grande parte da Reserva Extrativista Chico Mendes onde existem várias famílias de seringueiros que sobrevivem da extração do látex, cuja matéria-prima está sendo exportada para a fabricação de sapatos na França, além de outras atividades turísticas tradicionais. Um evento que se destaca em Assis Brasil é a romaria ecológica ao Santuário da Santa Alma do Bonsucesso, concorrida por romeiros dos três países, Brasil, Peru e Bolívia, que consiste em uma caminhada percorrendo mais de cinco quilômetros na mata rumo ao local de adoração.

É ponto de visitação turística o Marco Rondon, uma área histórica na qual Marechal Rondon instalou uma torre de telégrafo no ano de 1929, época da instalação desse sistema em território brasileiro, bem como o Monumento da Integração em que foram fixadas as três bandeiras dos países fronteiriços, mais conhecido pela população como mirante devido ao favorecimento da visão panorâmica da cidade. É importante salientar que dentre os elementos culturais dignos de tombamento se encontra o Marco Rondon que corre o risco de ser levado pela erosão do rio Acre.

Conforme pode ser visto no Quadro 11, tal qual nas outras cidades, realizou-se uma avaliação das características da cidade pontuando os aspectos positivos e negativos da cidade para o turismo.

Aspectos Positivos	Aspectos Negativos
Interesse econômico da comunidade local no desenvolvimento de atividades turísticas.	Instalações e limpeza dos equipamentos turísticos (hospedagem e alimentação) precários
Comunidade local receptiva.	Pouca produção de artesanatos.
Realizações de capacitações das atividades econômicas e turísticas.	Pouca aplicabilidade do que aprendem nos cursos de capacitação.
Prédios públicos bem cuidados e bem distribuídos.	Ausência de educação turística e ambiental.
Crédito na política de governo municipal.	Ausência de sinalização turística.
Existência de áreas de proteção ambiental.	Pouca sinalização básica.
Boa interação social e comercial com a comunidade peruana de Iñapari.	Presença de mão-de-obra ociosa.
Boa assistência às nações indígenas do território (existência do Centro de Florestania Icuriã).	Pouco investimento na cultura imaterial (representações e manifestações culturais).
Escolas bem cuidadas.	Pouca valorização da cultura (inexistência de bens tombados, ausência de grupos de teatro e danças).
Existência de evento eco-religioso como a Romaria Ecológica ao Santuário da Santa Raimunda Alma do Bom Sucesso.	Preço da hospedagem incompatível com as instalações.
Espaços públicos restaurados (praças, jardins e monumentos).	

Quadro 11. Avaliação da caracterização do município de Assis Brasil para o turismo.
Fonte: Dados da Pesquisa.

2.10 As cidades estrangeiras: *Cobija, Villa Evo Morales, Bolpebra (Bolívia) e Iñapari (Peru)*

As informações sobre essas cidades são provenientes de busca nas literaturas próprias, nos conhecimentos adquirido durante as visitas técnicas às cidades vizinhas brasileiras, na observação participante e nas entrevistas com moradores, como é o caso da senhora Bady Libny, de 75 anos, nascida em Cobija e moradora de Brasileia há muitos anos, que declarou em seu depoimento:

As cidades de Brasileia e Cobija mudaram muito com a construção dessa ponte, antigamente, as pessoas sofriam muito para subir e descer o barranco com suas compras [...], ainda lembro de uma escada que fizeram de madeira quadrada, era um sofrimento, doía os pés e quando chovia ficava aquele “meladeiro” [...], agora não; ficou melhor, mas muita coisa boa também se perdeu, como a função dos catraieiros que não tem mais, acabou-se os passeios de barcos [...].

A entrevistada refere-se às boas conquistas obtidas com o desenvolvimento da região nos últimos anos, mas lamenta a perda de uma atividade que compunha o cenário cultural do povo, as catraias, pequenas embarcações que serviam de meio de transporte de pessoas de uma margem à outra do rio Acre. Tais costumes

acabaram-se devido a inauguração da ponte, mas perduram na memória da maioria da população. Dona Bady lembrou-se de elementos diferentes que marcaram seu tempo, a construção da ponte e o tempo das catraias, para ela os dois marcam períodos significativos, o presente e o passado. Isso remete a elementos simbólicos de identidade presentes na região que independem de nacionalidades.

A participação das cidades bolivianas e peruanas na rota turística incide em valoração da cultura, identidade e também em ameaças e degradações como já foi tratado, mas o ganho maior é a interação sócio, econômica e cultural que a região experimenta.

Cobija, a Capital do Departamento de Pando da Bolívia, possui população estimada de 26.872 habitantes. Está situada à margem esquerda do rio Acre. Foi fundada em 09 de fevereiro de 1906 com o nome de Puerto Bahía, em 1908 passou a se chamar Cobija em homenagem ao antigo porto de mar boliviano Cobija Lamar no Oceano Pacífico e para diferenciar da Bahia cidade brasileira, uma vez que isso na época causava confusão na entrega de mercadorias. Como todas as cidade da região, também originou-se da atividade extrativista de látex e da castanha, experimentando seu apogeu “nos tempos áureos da borracha”, nos tempos da “goma” ou “caucho” como era chamado pelos bolivianos. (PEREZ, 2004, p.29).

Ela é festiva e hospitaleira, destacando-se pela quantidade de monumentos dedicados a seus heróis (bustos, esfinges e estátuas), presentes nas ruas e praças, quase todos estes monumentos e estátuas são dos “mártires” da batalha do Acre, sendo que as ruas receberam nomes de combatentes da “*Campaña del Acre*”. Além disso, existem muitos casarões antigos preservados e áreas naturais de rara beleza.

A Villa Evo Morales originou-se da antiga Villa Montevideu consumida pelo fogo em 28 de abril de 2007. O sinistro não provocou somente a mudança de nome do pequeno vilarejo, mas a localização. Das construções residenciais e comerciais construídas à margem do rio Abunã, sobre palatífis só existem memórias. Reconstruída em terra firme a população sobrevive do extrativismo e do comércio de produtos importados, conta com a ajuda do governo brasileiro para o consumo de energia elétrica a construção de uma ponte sobre o rio Abunã unindo os dois países.

Do outro lado do rio Acre, em território boliviano, em frente à cidade de Assis Brasil, encontra-se o vilarejo de *Bolpebra*, com aproximadamente 10 famílias, que vivem do extrativismo florestal, caça e pesca. Destacando-se no turismo de aventura

pela existência de uma pista de chão batido muito utilizada pelos amantes do turismo de aventura, ciclismo, *motocross* e outros.

Outra cidade peruana que merece destaque é a pequena *Iñapari*, um município com menos de mil habitantes, o qual dispõe de um pequeno comércio que possibilita compra de produtos regionais e artesanatos peruanos. Sua participação na rota é muito importante, pois ela é porta de entrada para o Peru, tem um posto aduaneiro, ponto de parada obrigatória para serviços aduaneiros (carimbos de passaportes, vistoria de veículos e outros) e câmbio de moedas. A maioria da população vive do extrativismo de produtos madeireiros e não-madeireiros, principalmente a castanha, a madeira e o látex.

Vale ressaltar que todas as cidades dos três países em questão, relacionadas e estudadas tem características quase idênticas, em relação à biodiversidade e potencial para o desenvolvimento do turismo, porém as cidades bolivianas, em menor, apesar do grande potencial, não participam da integração, colocam-se à margem do processo. Por outro lado, as cidades peruanas integralizadas demonstram maior interesse na efetivação do projeto turístico e comercial da rota, possuindo um consumo mais desenvolvido do turismo ecológico na região de *Madre de Dios*. Destacando que *Cuzco*, capital da cultura sul-americana, e outras dos altiplanos peruanos são parceiras na integração dos países. Não poderia ser diferente uma vez que são principais polos receptores de turismo internacional.

Por meio das análises desse capítulo, fez-se a identificação das cidades envolvidas na rota, dos elementos de identidade presentes, considerando aqueles que necessitam de preservação, manutenção ou tombamento com vistas a manter sua perenidade, e avaliações positivas e negativas de suas características para o turismo.

3. O ACRE E SUA HISTÓRIA E AS IDENTIDADE CULTURAIS PRESENTES NA MEMÓRIA E NO TURISMO

O intuito deste capítulo é trazer à discussão determinados fatos da história do Acre, os quais são símbolos de identidade cultural presentes na memória e que se destacam como principais agentes potencializadores do turismo regional, sendo esse o terceiro objetivo específico delineado nessa dissertação. Para tanto, organizou-se o estudo dialogando com autores como Michael Pollak (1992), Costa (2007), Tocantins (1979), Cardoni (1996), Beni (2002), além dos registros do MTur (2007) constantemente consultados, para em uma perspectiva turística, sociológica e histórica considerar, discutir e analisar a história acreana de lutas e conquistas do território hoje habitado e sua relação com a cultura e o turismo. Optou-se por relatar os fatos históricos que legitimam a cultura no estado e que se identificam como elementos capazes de promover “o deslocamento de pessoas em busca do conhecimento do legado histórico do homem em distintas épocas”, como defende Beni (2002), referindo-se ao turismo cultural, e sendo também esta a modalidade de turismo que mais se adequa ao objeto de estudo.

Para uma análise mais aprofundada iniciou-se a discussão com os temas memória, esquecimento e silêncio na visão de Pollak, (1992), que ressalta as referências da memória nos acontecimentos e interpretações do passado, os quais se quer salvaguardar na atualidade inserindo-os na indústria do turismo. O autor reforça a existência dessas referências e sentimentos de pertencimentos quando declara:

A memória essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, [...] em tentativas mais ou menos conscientes de definir e reforçar sentimentos de pertencimentos [...]. Quando vemos esses pontos de referências de uma época longínqua, frequentemente os integramos em nossos próprios sentimentos de filiação e origem, de modo que certos elementos são progressivamente integrados num fundo cultural comum a toda humanidade. (POLLAK, 1992, p.9).

Seguindo tais concepções, sobre memória e identidade, destaca-se a questão do compromisso de desenvolver o turismo com responsabilidade e sustentabilidade

sociocultural, para que não se comprometam as melhorias duradouras da qualidade de vida das pessoas. Com base no que defende Costa (2007, p.19-27):

Essa sustentabilidade que se pauta em amenizar a relação conflituosa entre homem e natureza tem, na pós-modernidade, sua importância aumentada pelo vertiginoso crescimento que o turismo tem tido no Brasil e no mundo [...]. Nesse sentido a destruição do patrimônio e do meio ambiente é camuflada. A compreensão de cultura nos ofereceu aporte para reconhecer o seu valor na configuração de um segmento do turismo – o turismo cultural. E, em consequência, entender a importância da preservação da cultura na atividade turística.

Considerar-se-á a importância da relação turismo, cultura e comunidade local, a promoção e manutenção de sua dinâmica e permanência no tempo como símbolos de memória e de identidade, assim como registra o MTur em parceria com o MEC e o IPHAN:

A utilização turística dos bens culturais pressupõe sua valorização, promoção e a manutenção de sua dinâmica e permanência no tempo como símbolos de memória e de identidade. Valorizar e promover significa difundir o conhecimento sobre esses bens e facilitar seu acesso e usufruto a moradores e turistas. Significa também reconhecer a importância da cultura na relação turista e comunidade local, aportando os meios para que essa tal relação ocorra de forma harmônica e em benefício de ambos (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2006, p.11)

Relaciona-se o Acre e sua história como motivação para o turismo, sobretudo por vivenciar os fatos históricos nos seus patrimônios culturais de bens materiais e imateriais da cultura, representados nos espaços físicos de memórias: os museus, salas de memórias, exposições permanentes que contam uma raça, um estilo, um povo; representações e manifestações culturais: os eventos culturais programados típicos; e, principalmente, nos saberes, dizeres e fazeres do povo sejam naqueles moradores das cidades tipicamente amazônicas de costumes globalizados ou nos habitantes da floresta com suas identidades culturais “florestanas”, todos, indistintamente, têm suas identidades simbolizadas na floresta amazônica.

Os habitantes da região do Vale do Acre têm sua cultura entranhadamente florestal, mas identificados na história de lutas e conquistas do território que hoje

habitam. Estes símbolos de identidade e de memória conferem dignidade e orgulho ao povo acreano, que ostenta com altivez sua bandeira e canta com amor seu hino oficial e da mesma forma apresenta com igualdade de conceito o “*modus vivendi*” dos habitantes da floresta: o extrativista, o indígena e o ribeirinho, principais formadores da cultura tradicional acreana. Para aprofundamento nessa temática dos fatos históricos como símbolos de identidade cultural presentes na memória destacando-se como principais agentes potencializadores do turismo, faz-se necessário conhecer a formação histórica do Acre, seus heróis, conflitos e percalços, bem como, os progressos, conquistas e realizações na atualidade.

3.1 A história do Acre e os elementos identitários

O Estado do Acre é conhecido como uma parte do território brasileiro outrora pertencente à Bolívia, incorporado ao Brasil em 1903, com a assinatura do Tratado de Petrópolis⁵⁷. Sua população é originária do norte e nordeste brasileiro, composta em sua maioria por cearenses, comerciantes sírio-libaneses e os índios que aqui habitavam antes da chegada do homem branco.

Situa-se no extremo oeste brasileiro e sudoeste da Amazônia brasileira, com altitude média de 200 m, entre as latitudes de 7°06'56"N a 11°08'41"S e longitude 73°48'05"N a 68°42'59"S, compondo o quadro dos 27 estados brasileiros. É o 15º em extensão territorial, possuindo uma área de 164.221,36 Km², correspondente a 4,26% da Região Norte e a 1,92% do território nacional. Os limites do Estado são formados por fronteiras internacionais com Peru a Oeste, Bolívia ao sul e por divisas estaduais com os estados do Amazonas ao Norte e Rondônia a Leste. Rio Branco, Cruzeiro do Sul, Feijó, Tarauacá e Sena Madureira são as cidades mais populosas. (ACRE, 2006).

Acredita-se que o nome Acre originou-se de “Aquiry” palavra procedente da nação indígena *Apurinã* do tronco lingüístico *Aruak*, (utilizando a pronúncia proparoxítone, na língua indígena), conforme explica Tocantins (1979, p.17-18) em

⁵⁷ Acordo assinado em 17 de novembro de 1903 com o objetivo de encerrar o litígio entre Brasil e Bolívia pelas terras do Acre. Mais informações em CALIXTO, Valdir de Oliveira. Plácido de Castro e a Construção da ordem no Aquiri: contribuição à história das idéias políticas. Rio Branco: FEM, 2003.

nota explicativa. A história do estado começa a se definir em 1895 com a demarcação dos limites territoriais entre o Brasil e a Bolívia, com base no Tratado de *Ayacucho* em 1867⁵⁸. Nesse processo constatou-se que do ponto inicial da linha divisória, na nascente do rio Javari, as terras exploradas por brasileiros pertenciam à Bolívia. Ao saber disso o país se mobilizou para tomar posse da terra, instalando aduaneiras⁵⁹ e passando a dominar o comércio dos rios e a cobrar impostos da produção dos brasileiros com medidas restritivas como, cobrança de altos impostos, demarcação dos seringais, opressão aos nativos e abertura dos rios amazônicos ao comércio internacional. Esse período ficou conhecido na história como os "Cem dias de *Paravicini*".

Com a viagem de *Paravicini* para Belém permanece em seu posto Moisés *Santivañez*. Os proprietários de seringais, seringueiros e comerciantes da região aproveitam o período de fragilidade para discutir a tomada do poder dos bolivianos. A primeira reunião revolucionária aconteceu no seringal Bom Destino, de Joaquim Vitor, na qual decidiram pela criação da Junta Central Revolucionária liderada por José Carvalho em 30 de abril de 1899. A insurreição em si desponta no dia 1º de maio do mesmo ano, quando a Junta rende e expulsa, sem armas ou tiros, os bolivianos de Puerto Alonso, os quais se retiram para Manaus em 03 de maio de 1899. Mais tarde, os implicados no movimento são demitidos de seus cargos, por serem funcionários do governo do Amazonas no município amazonense de Floriano Peixoto, vizinho à região das terras em litígio.

Em análise podemos compreender que a história do Acre exemplifica a força da memória coletiva como referências que estruturam as memórias, inserindo-se nas da coletividade a que pertence, esses são os lugares da memória, denominados por Pollak (1992) em que o patrimônio arquitetônico, os lugares, as datas, os personagens históricos, as tradições e a culinária são referências que acompanham as pessoas para o resto da vida. A cultura existente se desenvolve com base na memória coletiva; apostando que ela se beneficia da memória da coletividade, não basta pôr seus testemunhos à mostra, é preciso que ela continue concordando com as memórias e referências individuais. A sociedade acreana associa suas memórias

⁵⁸ Acordo internacional celebrado entre a Bolívia e o Brasil em 27 de março de 1867 para demarcar suas divisas territoriais, fixando como linha demarcatória, a confluência do Rio Beni-Mamoré no sentido Leste.

⁵⁹ As alfândegas, como são conhecidas no idioma espanhol. Um lugar utilizado para a cobrança de impostos na região de fronteira.

a estes lugares como meio de reforçar sentimentos de pertencimentos e fronteiras sócio-culturais⁶⁰.

Pollak (1992) cita a tradição metodológica durkheimiana que trata os fatos sociais como coisas e possibilita tomar diferentes pontos de referências como indicadores empíricos da memória coletiva como uma memória estruturada com suas hierarquias e classificações, evento que define o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento.

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recorda, possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. (POLLAK, 1992, p.4)

Segundo o autor, não basta a seletividade da memória, para conciliar a memória coletiva com a memória individual, necessita, também, da inversão dos trabalhos de memórias atuais e lembranças reconstruídas sobre base comum daquelas coletivizadas do passado. Não se trata de analisar os fatos sociais do passado no Acre como simples movimentos, eles por si só são referências, mas de analisar como estes fatos sociais se tornaram representativos, como e por que são solidificados e dotados de duração e estabilidade. A ocupação do Acre pelos cearenses, a brutalidade para com os nativos, a apropriação da força de trabalho, da produção da terra pelos amazonenses e desbravadores e a presença e opressão boliviana, ressurgem mais tarde, como uma memória subterrânea, indignada e insubordinada na luta armada que é a Revolução Acreana.

A população de cearenses e outros ocupantes do Acre, no ano de 1899, no momento em que se rebela contra o domínio boliviano se reunindo secretamente no chalé do coronel Joaquim Vítor para criar a Junta Central Revolucionária, que rende e expulsa os bolivianos de Puerto Alonso, é o que Pollak (1992) chama de memória subterrânea, que vem dos marginalizados, excluídos e das minorias. Ela permanece latente na memória coletiva através da oralidade, podendo emergir momentaneamente, é parte integrante das culturas minoritárias, dominadas e geralmente, se opõe à “memória oficial”, ou memória nacional. A atitude de insurreição dos colonizadores do Acre foi um posicionamento de contestação à

⁶⁰ Mais informações em ANSARA, S.2000). Repressão e Lutas Operárias na Memória Coletiva da Classe Trabalhadora em São Paulo: Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. São Paulo: PUCSP, 2000.

ordem nacional vigente. O poder boliviano foi aceito até o momento em que o silêncio reinava, a partir do momento, que a crise se acentua, a ordem é quebrada, surgem a revolta, os conflitos e disputas de territórios.

Ao estudar as memórias subterrâneas o autor cede espaço para destacar o turismo, como fator de perpetuação da identidade e símbolos de memória, dado o valor da história oral. Em alguns lugares, pela ausência ou falha na implementação da memória oficial a atratividade se reside na história oral, os fatos abordados pela oralidade tornam-se atrativos turísticos, sejam eles, o caso do matuto sertanejo, das doceiras da cidade de Goiás, das paneleiras do Maranhão ou dos seringueiros soldados da borracha no Acre ⁶¹, as histórias contadas sem registro oficial são muito atraentes para o turismo. A prática de valorizar os contadores de causos possibilita conhecer fatos só existentes nas memórias individuais contextualizadas, abordando elementos presentes nas subterrâneas que afloram quando for necessário.

Descobrem-se de maneira sintética, os elementos identitários das populações tradicionais do Acre presentes nos fatos, lugares e personagens da história:

[...] os proprietários de seringais, seringueiros e comerciantes da região insatisfeitos com as normas bolivianas de profundas implicações sócio-econômicas, reguladoras da vida social, extrativista, e indignados com o decreto que abria os rios ao comércio internacional, decidem lutar contra o domínio boliviano. (CARDONI, 1986, p.3).

Percebe-se que é um ato de defesa de suas identidades processadas nos viveres e saberes constituintes da vida cotidiana. Os habitantes do Acre defendiam, naquele momento, suas relações cotidianas e o apreço pela terra, como territórios legítimos, restavam-lhes defender o vivido, os valores simbólicos culturais materiais e imateriais de sua época. Neste sentido, a defesa era por territórios tradicionais de séculos de ocupação efetiva, onde a longa duração dessas ocupações fornece um peso histórico às suas reivindicações territoriais. O fato de seus territórios ficarem

⁶¹ Durante a Segunda Guerra Mundial no período de 1942 a 1945 a Europa foi protagonista do episódio que mudaria para sempre a história política, econômica e social do mundo moderno. Os americanos preocupados com a produção de matérias-primas para manutenção da guerra, assinaram acordo com o Brasil para fornecimento da borracha vegetal. Foram convocados mais de 50 mil brasileiros, oriundos do Nordeste do Brasil, para o serviço militar e encaminhados à Floresta Amazônica. Estes se tornaram os “Soldados da Borracha”. Mais de 20 mil morreram. Até hoje os sobreviventes da conhecida “Batalha da Borracha”, buscam o reconhecimento do Governo brasileiro como ex-combatentes de guerra, uma vez que prestaram serviço militar para a vitória dos Países Aliados. Mais informações em CÂMARA DOS DEPUTADOS CENTRO DE FORMAÇÃO, TREINAMENTO E APERFEIÇOAMENTO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO Mariete Pinheiro da Costa. O PARLAMENTO E OS SOLDADOS DA BORRACHA NO LIMAR DA 2ª GUERRA MUNDIAL. Brasília, 2007. Disponível em: <<http://apache.camara.gov.br/>>.

fora do regime de propriedade da época, não faz com que a coletividade a identifique como ilegítima, pelo contrário, mostra força, resistência e persistência cultural. Pois, como expressa Little (1994), “a expressão de territorialidade, não reside na figura de títulos de propriedades, mas se mantém viva nos bastidores da memória coletiva que incorpora símbolos e identidades”⁶².

Os principais valores constituintes da população acreana caracterizam-se por vincularem-se à preservação proveniente da inter-relação com a fauna e a flora amazônica e uma boa dose de territorialidade, no sentido de defender o que é legítimo: o seu lugar e os seus pertences. Dessa inter-relação, surge uma população impregnada de saberes tradicionais, política forte, vibrante e orgulhosa de seu passado. Esta presença é manifestada para os turistas no seu “saber-fazer”, na sua cotidianidade, nos usos medicinais das plantas na culinária e na manutenção das representações sociais ligadas à preservação das atividades produtivas, que permite a sobrevivência com honradez, em que o simples “viver e comer do suor do seu rosto” lhe dignifica a vida e o torna feliz e satisfeito.

Compreende-se que a produção social e cultural do espaço vivido pelas populações tradicionais expressa os elementos identitários constituídos pelos saberes e inter-relação das pessoas com o meio ambiente. A definição e redefinição destes elementos pode causar uma dissociação entre as técnicas, a cultura e o meio ambiente, mas, com certeza, suas identidades impregnadas de lutas e conquistas propiciam o ambiente favorável ao retorno das origens, como reflexos distantes, mas possíveis na figura de heróis, como Galvez, Plácido de Castro, e outros estadistas que deram autonomia para o Acre em uma época de direitos políticos limitados. Certamente estes símbolos provocarão um retorno aos valores socioculturais identitários, caso afastem-se de seus lugares de memórias.

⁶² Mais informações em LITTLE, Paul E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. 2002. In.: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 23^a, Brasília: UnB, 2002. Disponível em: <<http://www.unb.br/ics/dan/Serie322empdf.pdf>>

3.2 O Estado Independente do Acre e a República de Luiz Galvez: uma representação da memória

À luz de Tocantins (1979) e Cardoni (1986) o estudo abordará os fatos históricos referentes ao Estado Independente do Acre, associando-os ao que defende Pollak (1992, p.9) como “[...] constatações que se aplica a toda memória, individual e coletiva, familiar, nacional e de pequenos grupos” e a Halbwachs (1990, p.51) que ao falar de lembrança individual como limite das interferências coletivas, defende a memória individual como um ponto de vista sobre a memória coletiva que muda conforme o lugar que ocupa [...]”.

Iniciar-se-á por relatar os acontecimentos de junho de 1899 quando entra no cenário da Revolução do Acre o jornalista Luis Galvez ⁶³, que nessa época embarcou em Manaus com destino a Floriano Peixoto, trazendo seringueiros e autoridades nomeadas pelo governo do Amazonas em substituição daqueles demitidos em decorrência da oposição ao governo instituído. Na verdade, ao embarcar naquele navio o fazia com o intuito de atender ao pedido reservado do governo de chefear um movimento ofensivo para expulsão dos bolivianos das terras de fronteiras. Logo que chegou, uniu-se à Junta Revolucionária e decidiram pela tomada da região em 14 de julho de 1899, quando foi proclamado o Estado Independente do Acre.

Seu espírito aventureiro e simpatizante dos movimentos sociais do século XVIII, como a Queda da Bastilha que pôs fim à Revolução Francesa no dia 14 de julho fez com que essa fosse a data escolhida por Galvez para a tomada do poder aos bolivianos. No dia seguinte à proclamação da república, Luiz Galvez como presidente aclamado, assinou decreto oficializando o Estado Independente do Acre, tendo Puerto Alonso, hoje Porto Acre, como sua capital, enviou cartas a vários países pedindo reconhecimento do novo país da América do Sul. Dentre os decretos

⁶³ De origem espanhola, Luiz Galvez Rodrigues de Arias era repórter de Manaus e da “Província do Pará” em Belém. Em 1899 declarou o Estado Independente do Acre, sendo seu primeiro governante. Além de repórter era também funcionário do consulado da Bolívia em Belém, e devido a essa função descobre a trama da Bolívia e dos Estados Unidos para exploração das reservas naturais do Acre. A Bolívia receberia ajuda dos EUA para incorporar o território do Acre ao seu território e em caso de guerra os EUA apoiariam militarmente a Bolívia. A denúncia de Galvez através dos jornais da época, choca e mobiliza a opinião pública e a transação é abortada, ou melhor, adiada, pois até hoje esta investida de apropriação das reservas naturais ainda acontece, de uma forma ou de outra.

por ele assinados destaca-se a criação da Bandeira do Estado Independente do Acre, idealizada e desenhada por ele próprio, com as seguintes formas: dois triângulos retângulos ligados pela hipotenusa, o superior de cor verde e o inferior de cor amarela, com uma estrela vermelha solitária no vértice superior, abaixo da linha verde ⁶⁴.

Essa Bandeira do Acre foi utilizada por todos os governantes até o ano de 1921 no governo de Epaminondas Jácome, quando foi adotada oficialmente como a Bandeira do Estado do Acre, sofrendo poucas modificações, ficando da seguinte maneira: “Dois triângulos retângulos ligados pela hipotenusa, o superior de cor amarela e o inferior de cor verde, tendo no vértice superior uma estrela vermelha, solitária” Cardoni (1986, p.5). A única diferença da bandeira antiga para a atual é a posição dos triângulos retângulos, em que o verde ficou abaixo do amarelo. Este símbolo oficial está muito presente não somente nos registros e documentos oficiais, mas também é adotado para muitos usos, como em procissões religiosas, em adesivos de automóveis, como *souvenirs* e até como adornos pessoais (broches, anéis, brincos).

No ponto de maior atração turística, o complexo de lazer Calçadão da Gameleira, a bandeira se encontra desfraldada em tamanho gigante no Monumento ao Centenário da Revolução Acreana, ostentando as seguintes medidas: mastro com 62 metros de altura e a bandeira 11,70 x 16,70 metros. Seu tamanho e localização permitem alcance visual de várias partes da cidade, demonstrando a todos, o orgulho que o povo tem de ser acreano e brasileiro ao custo da força das armas. Mas, ela que é motivo de orgulho, gera também especulações e indagações como – O que representa a estrela vermelha solitária? O que Galvez quis sinalizar com esta estrela na época em que foi confeccionada? Seriam os ideais socialistas de seu idealizador? Muitos acreditam ser esta a sua simbologia, tendo em vista sua simpatia pela Revolução Francesa e a escolha do dia 14 de julho para a tomada do poder.

Galvez foi muito amado pelos acreanos, mas nem todos se agradaram das medidas institucionais tomadas por ele, sobretudo, os seringalistas, aviadores e exportadores de Manaus e Belém, com isso foram aparecendo focos de resistências ao seu governo, dissidências e ameaças de uma revolta. O golpe fatal foi a

⁶⁴ Essa Bandeira do Estado Independente do Acre se encontra em exposição permanente no Palácio Rio Branco em Rio Branco-AC.

decretação do Estado de Sítio, momento em que a produção se amontoa nos barracões e os seringueiros começam a ficar desgostosos. Assim, estando o fim de seu governo iminente, apareceu um coronel seringalista mais ousado e Galvez foi destituído do cargo.

No dia 28 de dezembro de 1899 coronel Antônio de Souza Braga é aclamado presidente do Acre, fato pitoresco para a história acreana. A República sob comando desse seringalista fora administrada a maior parte do tempo a bordo do navio “Rio Afuá”, percorrendo rio abaixo, rio acima, até receber do governo boliviano uma ofensiva militar e pedir apressadamente à Galvez que retomasse o poder. Porém, em 15 de março de 1900, após oito meses de governo, Galvez é banido e deixa para sempre o Acre, que permanece sob o comando das forças federais, como registra Tocantins (1979, p.359-360):

... Galvez fez o manifesto da rendição e do adeus aos companheiros que com ele se uniram para criar o Estado Livre do Acre. [...]. E chegou, finalmente, a hora da partida. Pela madrugada, Luiz Galvez muito magro, pálido e trôpego, foi para bordo do batelão que conduzia o pequeno grupo de pessoas até a um ponto mais abaixo, no Purus, onde se encontravam os navios da Expedição.

Com Galvez destituído o Acre voltou ao domínio Boliviano, todavia o governo do Amazonas tinha pretensões de anexar as terras ao seu estado, por isso decidiu, oportunamente, financiar uma expedição chamada Floriano Peixoto ou Expedição dos Poetas composta por boêmios, poetas e profissionais liberais de Manaus. O grupo expedicionário chegou em *Puerto Alonso* em 29 de dezembro de 1900 e foi imediatamente derrotado, e retornando a Manaus humilhado. No ano seguinte, 1901, a Bolívia arrenda o Acre por 30 anos para capitalistas norte-americanos e ingleses, que instalaram o *Bolivian Syndicate*, a qual consistia em uma ameaça velada à soberania do Brasil⁶⁵. Diante disso, o governo federal, finalmente, percebe os riscos de possíveis perdas e interfere nas negociações, que associada à indefinição da soberania daquela área e dos conflitos internos associados aos limites

⁶⁵ Organização composta por um grupo financeiro de Londres e o grupo Vanderbilt dos Estados Unidos, criado com o objetivo de explorar as riquezas naturais do Acre por um período de trinta anos. Cujos lucros seriam divididos 60% para a Bolívia e 40% para o sindicato. O sindicato agiria quase soberanamente, explorando as riquezas naturais da terra sem a interferência de nenhuma ação governamental direta. Seu poder de atuação permitia manter polícia, força armada e navios de guerra, para a defesa dos rios e conservação da ordem no lugar de sua interferência. Era a força americana na Amazônia no início do século XX.

da terra, faz com que o sindicato se ponha hesitante nas negociações e cancele o contrato com a Bolívia.

Em análise, o fato de Galvez ter desenhado a bandeira do Acre e colocado uma estrela vermelha, associado a escolha do dia 14 de julho para a tomada do poder dos bolivianos por ser o dia da Queda da Bastilha, pode ser considerado à referência de Pollak (1992) sobre a função do “não dito”, o silêncio dos deportados e dos recrutados à força, cujas lembranças são forçadas ao esquecimento:

[...] Mas a linguagem se condena a ser impotente porque organiza o distanciamento daquilo que não pode ser posto à distância. É aí que intervém, como todo poder, o discurso interior, o compromisso do não-dito entre aquilo que o sujeito se confessa a si mesmo e aquilo que ele pode transmitir ao exterior. (POLLAK, 1992, p.9).

Em segundo lugar, o fato de Galvez ter desenhado na bandeira – que por si só é um pendão, exposto – cheia de brasilidade pelas cores adotadas – contrastando com a estrela vermelha, notável e solitária, concorda com a legitimidade das lembranças individuais, que se opõem à memória coletiva, nacionalizada. Essas lembranças pode até passarem despercebidas no cotidiano, mas são zelosamente guardadas em seus lugares e símbolos de memórias, nos silêncios e “não-ditos” existentes, cujas fronteiras, não permanecendo paradas, manifestam-se no presente pela angústia de não encontrar uma escuta e não poder se manifestar, de ser punido, de correr o risco de se expor ao mal entendido. É nessa medida que o “não-dito” intervém fazendo aflorar o “dito”, o vivido, o acreditável, como expressa o autor:

O problema que se coloca em longo prazo para as memórias clandestinas e inaudíveis é o de sua transmissão intacta até o dia em que elas possam aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar do “não-dito” à contestação e à reivindicação. O problema de toda memória oficial é o de sua credibilidade, de sua aceitação e também de sua organização. (Pollak, 1992, p.8).

A distinção entre o “não-dito” e o “dito” – sendo o primeiro o ideal revolucionário comunista, fez com que a estrela solitária, tornasse uma incógnita, sem uma explicação oficial, mas presente pelo “não dito”, clandestino até o dia em que elas possam invadir o espaço público e passar à contestação e à reivindicação explícitas, como se mostrava presente na filosofia de vida de seu idealizador que, ao escolher o 14 de julho para a tomada de poder dos bolivianos, denuncia seus ideais

revolucionários. Até hoje, Galvez continua sendo uma figura de muitos mistérios à sua volta, gerando vários questionamentos: Como um espanhol, com sotaque boliviano, conseguiu o crédito da população que via no idioma a língua de seus oponentes? Por que saiu da embaixada boliviana e veio declarar o Estado Independente do Acre? Por que denunciou a trama da Bolívia e dos Estados Unidos de se apossar da Amazônia? Que lhe sucedeu depois da deportação? Nesse sentido, o que coloriu um passado acreano distante pode colorir o presente.

Estas representações da memória, que dizem respeito à historicidade, às memórias individuais e coletivas, são possíveis de serem percebidas nas literaturas acreanas, vistas pelos turistas nos contos dos seringueiros, versos e poesias por eles publicadas e em especial nos relatos dos soldados da Borracha que moram nos seringais ou nos centros urbanos. Em Rio Branco, no Parque Urbano Capitão Ciríaco, existe um seringueiro que extrai durante todos os dias úteis da semana, o látex das inúmeras seringueiras existentes ali, enquanto conta os causos e casos da sua vida nos seringais, sua história e de seus parentes pela ingratidão da pátria para com os soldados da borracha, também fala de sua paixão e diversão, a dança da Marujada, da qual é o comandante. E é nesse contexto que Halbwachs (1990) salienta que existe uma defesa da memória individual sobre a memória coletiva que é passível de mudança conforme o lugar que ocupa.

3.3 A Revolução Acreana e José Plácido de Castro: referenciais identitários e sentimentos de pertencimentos ⁶⁶

A Revolução Acreana, uma luta armada entre brasileiros e bolivianos, foi liderada pelo caudilho José Plácido de Castro no final do século XIX e início do século XX ⁶⁷, deflagrada em 06 de agosto de 1902 em Xapuri ⁶⁸, tendo como desfecho, a rendição do exército boliviano e a anexação das terras do Acre ao território brasileiro. Conforme Cardoni (1996), Plácido de Castro, com uma tropa de 33 homens, cercou a Intendência boliviana e chamou o intendente que dormia; este, ainda sonolento, disse: “*É cedo para a festa*”, ao que Plácido respondeu: “*Não é festa, senhor Intendente, é revolução*”. Nesse momento se iniciava a luta armada sem nenhum tiro. Após prender as autoridades bolivianas, Plácido fez um discurso acalorado, conclamando a todos para a luta e como ato cívico foi hasteada a bandeira do Acre, diante da qual todos tiraram os chapéus e com muito respeito a acompanharam com os olhos, até ao topo do mastro ao som de uma corneta.

Atendendo ao apelo de Plácido, em uma semana Xapuri teve 150 homens recebendo treinamento militar e assim foi sucedendo por todas as localidades, as adesões ao movimento cresciam e se fortaleciam. A batalha prosseguiu havendo confrontos em vários locais como em Volta da Empresa (atual segundo distrito de Rio Branco), no seringal Bom Destino, no Telheiro, Panorama, em Alto-Acre, Alto-Purus, em *Porvenir* e em outros, mas foi em Volta da Empresa que um fortim improvisado pelos bolivianos acirrou mais a batalha, pois o navio “Rio Afuá” cheio de

⁶⁶ Todas as informações históricas dessa seção têm por base a obra de CASTRO, Genesco. O Estado Independente do Acre e J. Plácido de Castro: excerptos históricos. Brasília: Senado Federal, 2002.

⁶⁷ Plácido de Castro nasceu na cidade de São Gabriel – RS, de família tradicional de militares, servira na Revolução Federalista. Por ocasião do início dos conflitos entre brasileiros e bolivianos estava no Acre medindo seringais. Jovem de apenas 27 anos de idade liderou e deu treinamento de guerra a simples extrativistas e com eles enfrentou o exército boliviano de 400 combatentes vencendo a batalha que resultou na anexação do Acre às terras brasileiras, consolidadas pela diplomacia do Barão do Rio Branco com a assinatura do Tratado de Petrópolis em 17 de novembro de 1903. Foi governador do Acre em 1906. Morreu em 9 de agosto de 1908, vítima de emboscada no Seringal Benfica em Rio Branco, com 35 anos de idade. O crime permanece impune. Seus restos mortais se encontram na cidade natal de São Gabriel RS. Em 17 de novembro de 2004 seu nome foi incluído no Livro de Aço dos Heróis Nacionais junto aos heróis como Tiradentes, Zumbi dos Palmares e outros, no Panteão da Pátria, em Brasília.

⁶⁸ 06 de agosto é o dia da Independência da Bolívia, essa data foi escolhida pontualmente por Plácido de Castro, utilizando-se do elemento surpresa, pois os bolivianos costumam comemorar a véspera e o dia do feriado.

pélas de borracha encajado no porto do rio Acre, permitia defesa para o exército boliviano. Com a resistência de Plácido, os bolivianos se renderam e o exército brasileiro tomou o navio.

Com a subida das águas do rio Acre, já em Puerto Alonso, Plácido usou o mesmo navio para transpor uma corrente colocada pelos bolivianos com o intuito de impedir que a embarcação do exército de brasileiros alcançasse outro navio que estava mais abaixo do rio com munições e víveres alimentícios. Os bolivianos haviam colocado uma grossa corrente de uma margem a outra do rio em frente à *Puerto Alonso*. Em uma manobra bastante arriscada e debaixo de artilharia acirrada por ambos os lados, a corrente foi finalmente serrada, dando passagem ao exército de Plácido. Abastecidos de víveres e munições, o exército boliviano sitiado resistiu o quanto pôde, porém rendeu-se, debilitado e enfraquecido, em 22 de janeiro de 1903.

Após a rendição formal, Plácido dirigiu-se às trincheiras bolivianas, sendo recebido com as formalidades de praxe. Cardoni (1986) relata que ao ser apresentado aos oficiais superiores, um deles, o coronel Ruiz, exclamou: *“Mas o Senhor é muito jovem!”*, ao que Plácido respondeu: *“A idade mais adequada às aventuras da guerra!”*. Em 24 de janeiro de 1903 foi assinada a Ata de Rendição do exército boliviano por seu comandante Dom Lino Romero, sendo dispensado por Plácido de Castro o recebimento das espadas dos oficiais, dizendo que o conforto de seu coração estava em conseguir a independência do Acre. Dia 27 de janeiro houve aparato militar em Porto Acre e o povo festejou com muita alegria e animação a nova república do Acre.

Plácido de Castro tendo terminado sua missão foi nomeado governador do Acre Meridional e quando terminou seu mandato resolveu dedicar-se às suas propriedades adquiridas no Acre, mas, antes disso, foi nomeado prefeito do Alto Acre em Xapuri, cargo que ocupou somente por oito meses, pois pediu se afastamento saiu da vida pública para se dedicar exclusivamente aos seus seringais. Era um homem de grande prestígio, impunha presença e respeito por onde passava, entretanto, suas atitudes administrativas como governante não agradou a todos, enquanto como seringalista, despertava inveja. Certo dia, avisado de uma trama para matá-lo não deu ouvidos e quando retornava em seu cavalo de Rio Branco – Antiga Volta da Empresa – para sua casa no seringal Benfica, foi vítima de uma emboscada que o fez agonizar por três dias em uma casa sitiada por agressores e sem poder procurar ajuda médica, morreu dia 09 de agosto de 1908.

Seus restos mortais se encontram sepultados no jazigo da família, na cidade de São Gabriel no Rio Grande do Sul. O governo do Acre erigiu um monumento, com estátuas em tamanho natural, representando a emboscada. Hoje existem vários os locais e monumentos em sua homenagem, um município, um bairro, um teatro e a eterna gratidão e reverência dos acreanos.

Em análise, o fato de Plácido de Castro após prender as autoridades bolivianas, fazer um discurso acalorado, conclamando a todos para a luta, bem como o ato cívico de hastear a bandeira do Acre, implica na análise da memória expressa nacional e se para os revolucionários presentes o ato significou respeito e honra à pátria, para Plácido de Castro pode ter significado muito mais, como defende Pollak (1992, p.8):

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades [...]. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis.

Os sentimentos nacionalistas que ajudam a manter a coesão do grupo, distanciam as posições em contrário e criam fronteiras nacionais na coletividade. Aquele ato cívico dos revolucionários acreanos significou, naquele momento, o fornecimento de referências que, frequentemente, são trazidas para o interior das pessoas como sentimentos de filiação, pertencimentos e integrantes de uma mesma cultura. Geralmente, as lembranças são os meios mais eficazes de trazer à memória as referências do passado, sejam através da visão, dos cheiros, sabores, dos estilos ou barulhos.

É comum na área de turismo a exploração da culinária, de artesanatos, e de outros atrativos que possibilitam ao turista reportar-se a alguns lugares referenciais, como por exemplo, a visitação a uma feira gastronômica faz com que ao provar determinada iguaria, sua memória o leve ao lugar onde degustou alimento semelhante. Da mesma forma os monumentos e traços arquitetônicos propiciarão a ele uma referência ao lugar de origem da obra.

3.4 A diplomacia do Barão do Rio Branco: uma busca pela identidade.

Uma nova fase surgia no Acre em 1902, a da diplomacia. Em 15 de novembro assume a presidência do Brasil Rodrigues Alves que nomeou como Ministro do Exterior o Barão do Rio Branco⁶⁹, que assumiu o posto em 03 de dezembro de 1902, sendo sua primeira preocupação a solução para a situação do Acre. Para tanto, procurou afastar da região o *Bolivian Syndicate* e, como se tratava de uma área litigiosa, abandona a idéia de resolver o caso com a demarcação dos limites, preferindo adotar a diplomacia. Sendo assim, enviou o general Olímpio da Silveira para ocupar a região e deu início às negociações com a Bolívia, no entanto, para o sucesso das negociações era imprescindível, para Rio Branco, manter uma posição de força, ou seja, manter em armas o exército acreano e ao mesmo tempo ocupar militarmente e de forma oficial, o território conquistado.

Por um lado estavam resolvidos os conflitos externos do Acre, mas por outro, se avolumavam os internos. O Barão do Rio Branco não podia imaginar que estava colocando em risco as conquistas dos revolucionários acreanos ao enviar o general Olympio da Silveira à frente das tropas do exército brasileiro. O general, que havia participado da Guerra de Canudos não admitia dividir o poder com Plácido de Castro e o desautorizava sempre. Rio Branco, vendo que essa situação não se resolvia, decidiu pela retirada do general, vindo a fortalecer Plácido de Castro. No lugar de Olympio Silveira, nomeou o general Cunha Mattos que, de forma mais flexiva, soube o que fazer para acalmar os ânimos dos dois exércitos acreanos e brasileiros.

Para pôr fim à tensão que se agravava, o Barão do Rio Branco dirigiu as negociações diplomaticamente, resultando no Tratado de Petrópolis. Em troca o Brasil pagou à Bolívia a quantia de 2 milhões de libras esterlinas e indenizou o *Bolivian Syndicate* em 110 mil libras pela rescisão do contrato de arrendamento, firmado em 1901 com o governo boliviano. Cedia ainda, algumas terras no Mato Grosso e comprometia-se com a construção da Estrada de Ferro Madeira- Mamoré

⁶⁹ José Maria da Silva Paranhos Júnior nasceu no Rio de Janeiro em 20 de abril de 1845, e faleceu na mesma cidade, em 10 de fevereiro de 1912. Foi professor, político, jornalista, diplomata, historiador, biógrafo. Ocupou vários cargos importantes no alto escalão do governo. Mas se destacou mais ao solucionar questões territoriais litigiosas favoráveis para o Brasil. Como a questão do Amapá e do Acre. Utilizava-se do "*uti possidetis solis*" para dirimir as questões com quase todos os países da América do Sul.

para escoar a produção boliviana pelo Rio Amazonas. À época, foi de grande valia o esforço que o Brasil fez para permanecer com essa parte da floresta amazônica, pois afinal, a borracha produzida no Acre ajudou a construir os belos palácios, praças, alamedas e avenidas das grandes cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Manaus, e também patrocinou muitos saraus e exposições artísticas, sendo ainda fundamental para a vitória dos aliados durante a Segunda Guerra Mundial.

No entanto, permaneciam os resquícios do período de guerra, enquanto o governo do Amazonas reclamava as terras do Acre para si, o Peru alegava que o Acre lhe pertencia devido aos títulos cedidos nos tempos do acordo entre Portugal e Espanha no ano de 1777, a saber, o Tratado de Santo Ildefonso⁷⁰, e por isso protestavam diplomaticamente junto ao Brasil e à Bolívia. Vale ressaltar que esse fato foi o mais difícil de se resolver, tendo em vista que o Peru forçava a ocupação instalando alfândegas em vários pontos do território acreano, nas zonas mais distantes como Alto-Juruá e Alto Purus, que já eram terras brasleiras ocupadas.

Para a solução final dessa situação criou-se duas comissões, composta por dois brasileiros e dois peruanos, uma para o alto Juruá liderada pelo general Belarmino Mendonça e outra para o Alto Purus liderada por Euclides da Cunha que se apresentavam como representantes do Peru e Brasil em investigação conjunta. Como resultado desse levantamento social e geográfico verificou-se que a maioria da ocupação havia sido feita por brasileiros, significando que a posse, efetivamente, era brasileira. Nessa fase da história ocorreram vários confrontos armados entre peruanos e brasileiros devido a questões locais e/ou decisões militares desastrosas, o que quase provocou o rompimento do acordo feito pelo Barão do Rio Branco com o Peru. Por fim, a peleja com os peruanos findou em 1909 com o Tratado do Rio de Janeiro.

Os sentimentos de pertencimentos ultrapassam as fronteiras sociais entre a coletividade. O que acontecia no Acre no momento em que o Barão do Rio Branco busca regulamentar a terra para os brasileiros nos remete ao que diz Pollak (1992) sobre “as memórias coletivas fortemente constituídas” que implica em compreender como essa memória coletiva, com todos seus acontecimentos e interpretações orgânicos e legítimos, será guardada e defendida. Elas procuram salvaguardar os

⁷⁰ Acordo assinado em 01 de outubro de 1777 na cidade de San Ildefonso com o objetivo de encerrar a disputa entre Portugal e Espanha pela posse da colônia sul-americana do Sacramento, situação que se prolongava desde a Paz de Utrecht e a guerra de 1735-1737.

sentimentos de pertencimentos e as referências do passado, se apropriando da possibilidade de coesão de uma sociedade ou grupos, para se fortalecer, ou seja, o Barão do Rio Branco procurou “manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tinha em comum”, os sentimentos de pertencimentos atrelados à cultura local.

3.5 Movimento Autonomista: memória subterrânea, silêncio e poder

A luta pela independência que desencadeou a Revolução Acreana só veio se realizar sessenta anos após a luta armada ocorrida em 1903, quando o caudilho José Plácido de Castro juntamente com extrativistas, conquistaram o território do Acre para o Brasil. No dia 15 de junho de 1962, o presidente da República João Goulart assinou em Brasília a Lei 4.070, que elevou o território à categoria de Estado. Com isso, o Acre conquistou a autonomia para escolher seus dirigentes, arrecadar impostos e estabelecer suas leis, um prêmio bem merecido por tudo o que enfrentou sem o apoio do governo federal. Essa é a segunda data mais importante da história do Estado do Acre.

O Movimento dos Autonomistas foram sintomas sociais de visíveis contestações diante da decisão do governo federal em manter o Acre na condição de território federal. Por diversas vezes os acreanos se revoltaram e deram início a movimentos de contestação, uns mais radicais outros mais brandos, sempre pedindo, sobretudo, a autonomia política, pois queriam ter os mesmos direitos de qualquer outro brasileiro. Os movimentos foram muito marcantes para a sociedade, quase uma terceira revolução, se considerarmos a primeira, como a fase da declaração do Estado Independente do Acre, a segunda a Revolução Acreana, a terceira seria o Movimento Autonomista.

Este movimento não aconteceu só com um grupo de políticos em 1962, mas já vinha acontecendo desde 1900. Às vezes os fatos sociais provocaram uma irrupção na memória em estágio de esquecimentos, sendo que estes na verdade são ressentimentos acumulados no tempo que tentavam sobressair sem sucesso, como explicita Pollak (1992, p.4):

Uma vez rompido o tabu, uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória, no caso, as reivindicações das diferentes nacionalidades.

Após alguns conflitos internos de tentativas de libertação do estágio de silêncio, a memória contida e reprimida se sobressai, tornando-se notória, ocupando seu espaço no lugar da memória. Porque um longo silêncio sobre o passado, não significa esquecimento, mas a resistência de uma sociedade sobre um fato sob domínio oficial. Quando essa memória emerge vem com a força de uma revolta e rebelião. Por um lado, significou vitória para a história oficial que conseguiu silenciar neste particular os movimentos sociais, por outro, registrou a força das reivindicações como instrumentos de disputa e vitória.

3.6 Conflitos entre pecuaristas e seringueiros: identidade, memória e resistência

Os conflitos agrários no Acre, a partir das décadas de 70 e 80 apresentaram modificações consideráveis em relação aos anos anteriores e que custaram a vida de muitos trabalhadores e de lideranças como Chico Mendes, Wilson Pinheiro, Ivair Higino, dentre outros. A figura do seringalista opressor desapareceu e surgiram os pecuaristas, conhecidos como “paulistas”, que vieram de todas as partes, em sua maioria do centro-sul do país. Prenunciava-se uma nova fase na sociedade acreana, a da disputa pela terra. A população subjugada passava agora a existir na figura dos seringueiros ⁷¹, os quais não tinham amparo algum, pois eram extrativistas, viviam da coleta do látex das seringueiras para a fabricação da borracha e de outros produtos florestais como a castanha-do-Brasil.

⁷¹ O seringueiro é o trabalhador que extrai a borracha da árvore chamada seringueira - *hevea brasiliensis* - Trabalha oito meses por ano, de abril a novembro, quando começa a floração. Se levanta todos os dias às três da madrugada, deixa no fogo a panela de feijão e sai para “cortar seringa”. Ou seja, fazer os cortes nas seringueiras espalhadas pela floresta e colocar as tigelas para aparar o leite. Essa tarefa leva de três a cinco horas, dependendo do percurso de sua “estrada”. Quando retorna a casa almoça, e volta para colher o leite colocando-o em um balde, feito de flandres. Retorna para casa ao entardecer.

A situação na região se modificara desde a falência dos seringais, no momento em que a incorporação da Amazônia no processo de acumulação de capital interno passa a ser mecanismo de negociações, tornando-se metas prioritárias do governo da época. O problema era quebrar o isolamento e o imobilismo da região motivando os agentes internos e externos para a aceleração da economia. Para tal, o governo federal propôs um conjunto de medidas institucionais chamadas de “Operação Amazônia”, por meio da qual criou a Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia – SUDAM, O Banco da Amazônia S/A, uma sortida e variada cesta de incentivos e isenções fiscais e investimentos em propagandas, constituindo-se de elementos eficazes para transformar a Amazônia em alvo de grandes e variados investidores.

No contexto estadual na década de 70, o setor extrativista não dispunha de meios para sobreviver com sua atividade tradicional, tendo em vista a competição com a borracha que era produzida pela Malásia e a borracha sintética industrializada em larga escala à partir dos derivados de petróleo. Diante disso, a maioria dos seringais decretou falência e seus donos endividados vendiam suas propriedades por quantia irrisórias. A partir desse momento criou-se um ambiente favorável para a expansão da agropecuária na Amazônia. Sabendo disso, os pecuaristas chegavam de todas as partes e regiões do país, os “paulistas”, como eram chamados, traziam a documentação da terra e a mão-de-obra para preparar o terreno para as pastagens, visando a criação de gado em grandes proporções, precisando retirar toda a cobertura vegetal nativa existente.

Os “paulistas” estavam conscientes de que teriam que enfrentar obstáculos e se encontravam preparados para isso. Dentre muitos, o maior seria os posseiros extrativistas – os seringueiros – moradores da terra por longas décadas e que possuíam suas propriedades passadas dos pais para os filhos durante várias gerações. Os seringueiros sofreram toda sorte de pressão para abandonar a terra, uns não resistindo, venderam suas casas e foram morar nas cidades e sobreviverem com subempregos, viam suas vidas sendo modificadas e com isso vinham as depressões, as degradações da família e outros problemas sociais. Aqueles que resistiam, repentinamente tinham suas casas e pertences incendiados.

Os seringueiros se encontravam desprovidos de ajuda, organização e representação legal, somente a igreja – Prelazia do Acre e Purus – desenvolvia um trabalho com as comunidades, mesclando ensinamentos cristãos e idéias de

resistência pela leitura do catecismo da terra através das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Em meados de 1975 é formada a Comissão Pastoral da Terra (CPT) que auxiliava na Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais (CONTAG), que por sua vez ajudou a fundar os sindicatos e formar os movimentos sindicais na região. Foram formados vários Sindicatos dos Trabalhadores Rurais (STRs), inclusive o de Brasília e de Xapuri.

Dessa forma, com a representatividade legal do sindicato e orientação jurídica da CONTAG, os seringueiros dão início às atividades coletivas no sentido de impedir os desmatamentos que aconteciam de forma devastadora. Nesse contexto, surge no cenário a liderança de um homem simples, filho de seringueiro, que cortava seringa com seu pai quando criança e passa a liderar o movimento, porém, de modo diferente dos seus heróis do passado, aconselhava o povo a não pegar em armas, mas vencer com a palavra, com o sentimento pela floresta em que habitava e produzia seu sustento. Assim, congregava os companheiros em torno dele e debatiam a forma mais adequada de barrar o desmatamento, surgindo, assim, os empates.

Esses acontecimentos, ocorridos na década de 80, coincidiram com a elevação das organizações dos movimentos ambientalistas nos países da Europa e nos Estados Unidos, com debates em encontros com personalidades do mundo inteiro, cuja preocupação era com o futuro do planeta e das grandes áreas de reservas ambientais, como a Amazônia e outros biomas. Durante esses fóruns surgiram as denúncias de financiamentos do Banco Interamericano de Desenvolvimento como co-autor de projetos que causavam a degradação dos ambientes naturais, como o que estava acontecendo em Rondônia, no nordeste com o Movimento dos Sem-Terra (MST) e no norte com os seringueiros e a floresta desmatada.

No ano de 1985, o MST realizou em Brasília, o I Congresso da classe, com a participação de mais de 1.500 delegados com o propósito de criar a reforma agrária no país e em Xapuri é criado o Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS) que, mais tarde, consegue a aprovação para a criação das reservas extrativistas, através do Decreto 92. 676 de 19 de maio de 1986, compreendida como a reforma agrária dos seringueiros, ressaltando que, por meio desse movimento adquiriu-se também a credibilidade e respeito à profissão do seringueiro.

Os seringueiros viviam em clima de tensão, que favorecia um confronto iminente. “Encontravam-se desprovidos de ajuda, organização e representação legal”. Este fato nos remete ao estudo de Pollak (1992), sobre memória, esquecimento e silêncio, visto que os seringueiros após um longo período no subjugo do patrão seringalista, enfim, encontram o estopim necessário para se fazerem notados, emergem quase espontaneamente, mas sustentados na força da liderança sindical. Era uma luta legitimada, consciente, em que os seringueiros recebiam a instrução sobre os direitos da terra pela Pastoral da Terra e pela CONTAG que os apoiava juridicamente, embora na época isso não fosse respeitado. Faltavam-lhes a representação, a referência, o símbolo e isso foi possível na presença das lideranças, os presidentes dos Sindicatos, que encampavam a luta e a garantia de sucesso.

Essa era a dosagem necessária para que a classe rompesse o tabu e invadisse o espaço público, aqui entendido como o campo da associação, agremiação e liderança, partindo para a posse daquilo que entendiam serem seus por direito. Como declara Pollak (1992, p.4-5):

... essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. [...]. Ele consiste muito mais na irrupção de ressentimentos acumulados no tempo e de uma memória da dominação e de sofrimentos que jamais puderam se exprimir publicamente.

Os seringueiros uniram suas memórias não respeitadas pelo poder constituído, que favorecia os donos das terras (fazendeiros estrangeiros) os quais os expulsavam de seu lugar de origem e se somaram ao silêncio dos desprezados (soldados da borracha), vítimas por excelência, esquecidos pela pátria, mas integrados em uma rede de sociabilidade comum. E referindo-se ao silêncio e esquecimento, Pollak (1992, p.5) postula que “O longo silêncio sobre o passado longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao discurso oficial”.

Tudo isso ainda não seria suficiente se não houvesse o agente deflagrador na força do líder. Encontrou-se este particular nos presidentes dos sindicatos dos trabalhadores rurais como Ivair Higino, Wilson Pinheiro, Chico Mendes e outros. Eles foram peças fundamentais no sucesso dos movimentos sociais do Acre da década

de 70 e 80, mas sozinhos nada poderiam fazer se o povo não tivesse coeso, defendendo os mesmos ideais. Embora os líderes seringueiros jamais os tenham incitado à luta armada, a presença deles fortalecia os movimentos, emersos de suas memórias subterrâneas acumuladas no tempo. Estas convulsões trouxeram sofrimentos, desestabilidades, perdas de bens e até a morte dos líderes, mas junto a isso vieram os ganhos, a demarcação de suas terras com fins extrativistas, a reforma agrária do seringueiro.

4. A CULTURA E O LUGAR DO TURISMO CULTURAL, DA SUSTENTABILIDADE SOCIOCULTURAL DO TURISMO E DO ECOTURISMO NAS CIDADES DA ZONA DE INFLUÊNCIA DA ROTA TURÍSTICA INTERNACIONAL AMAZÔNIA-ANDES-PACÍFICO

Neste capítulo se insere o debate sobre a cultura e o seu lugar no turismo, tendo em vista, a riqueza da cultura religiosa existente na Amazônia. Haverá também algumas discussões sobre a sustentabilidade sociocultural do turismo no ambiente onde a tendência de seu desenvolvimento converge para o ecoturismo. A busca é por elementos que permitam a identificação da vocação turística do Acre. Os assuntos serão debatidos à luz de autores como Geertz (1975); Costa (2007); Beni (2002); Guatarri (1996), dos documentos técnicos do Ministério do Turismo (MTur) e do Ministério do Meio Ambiente (MMA), junto com alguns depoimentos da comunidade local.

4.1 O Lugar do Turismo Cultural

A compreensão do turismo cultural, em linhas gerais, vem do conjunto de valores de cada localidade, da forma de se conviver com o passado, de conhecer um patrimônio e resgatar as culturas existentes, não apenas para o bem da cidade, mas para a satisfação de todos. Este entendimento que é compactuado pelo MTur (2006) como um dos fundamentos do turismo cultural da seguinte maneira:

O Turismo Cultural compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens da cultura material e imaterial da cultura. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2006, p. 10)

Com essas afirmações, o turismo cultural pode ser visto como uma ferramenta utilizada para o resgate histórico e cultural da comunidade visitada, e não apenas como uma atividade econômica, utilizada para gerar renda ou alguma outra forma de lazer para a população, sendo o grande mérito desse segmento do turismo a promoção e preservação da cultura.

As características principais de uma localidade que tem potencial para o turismo cultural podem ser percebidas pelo interesse que o turista demonstra em conhecer sua história, costumes, crenças e tradições. Geertz (1975, p.22) afirma que “a cultura é pública porque o significado o é”, de uma maneira sutil e ao mesmo tempo significativa, o autor fala de uma cultura existente, mas não tão explícita. Ele quer dizer que a cultura será identificada como cultura, se alguém que a identifique saiba dizer o que há naquela localidade que possa ser chamada de cultura. A cultura existe e é percebida pelo seu significado, tornando-se pública pela significação. Assim, percebe-se a cultura na história acreana porque existe uma demonstração, existem referenciais, significações, pois, a cultura de uma localidade se dá de forma espontânea porque é a identidade local revelada.

No entanto, percebe-se que não há um amadurecimento por parte da população para identificar a própria cultura, em sua essência. Algumas pessoas, mesmo tendo certo grau de conhecimento, ainda sentem dificuldades para falar sobre o assunto. Durante a entrevista, o assunto que obteve respostas rápidas e acertadas foram aquelas que se referiam ao turismo, mesmo para os entrevistados de mais idade, o entendimento sobre turismo era fácil. Ao passo que o tema cultura obteve a maior dificuldade de respostas. Observou-se que, dos 12 entrevistados de Rio Branco, 3 pessoas disseram não saber responder nada sobre cultura. Uma respondeu que a cultura revela os costumes da região e o restante referiu-se a cultura como sendo os monumentos e atrativos turísticos físicos de Rio Branco ou respondiam obviamente assim: “Cada cidade tem uma cultura diferente” ou “As pessoas viajam para conhecer a cultura de outros lugares”.

Nesse contexto, Geertz (1975) explicita, á luz da antropologia, o conceito de cultura como universo amplo do discurso humano onde a instrução, a diversão, o conselho prático e o avanço moral são “Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis” que “[...] expõe sua normalidade sem reduzir sua particularidade”. A cultura não é um poder ao qual se atribui acontecimentos diversos “[...] ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível [...]” Geertz (1975, p.24). A cultura não pode ser qualquer “coisa”, tem que ter consistência, processos densos e inteligíveis. No entanto e infelizmente, “produtos culturais” arranjados, são reproduzidos somente para agradar, mas, no fundo, são superficiais. Esses “produtos” são muito identificados no turismo tornando as culturas locais em meras caricaturas. A cultura confirma o histórico do lugar e é

percebida em todo o contexto local. Um exemplo disso é quando as pessoas das grandes metrópoles procuram conhecer lugares e modos de vida diferentes dos seus, buscando exatamente pontos turísticos que identifiquem a cultura local. Dessa forma, é possível identificar o lugar e o surgimento do turismo cultural.

Ultimamente, essa modalidade de turismo tende a ganhar outro nome – turismo experiencial ou vivencial, pois se evidencia pela vivência, ou seja, pela prática do turista com a população da localidade, reforçando a identificação do turismo cultural como aquele que tem como interesse principal o modo de vida de um povo, sua história e costumes no seu “todo”. Isso, de alguma forma, amplia o conceito de ICOMOS (1976)⁷² que define o turismo cultural como “[...] aquela forma de turismo que tem por objetivo, entre outros fins, o conhecimento de monumentos e sítios histórico-artísticos.” O movimento desses turistas são motivados essencialmente por interesses culturais, como representações artísticas, festivais e visitas a lugares e monumentos históricos, viagem de estudos, folclore, arte ou peregrinação e outros eventos culturais que identifiquem o povo e o lugar.

Por outro lado, existe também o que Guatarri (1996, p.19) chama de “cultura-mercadoria” quando passa a ser vista pelo turista como um bem de consumo sem considerar os sistemas e valores nelas contidos. Tais pressupostos, induzem a produção e reprodução da cultura com fins econômicos. Esse tipo de cultura é denominada por Lickorish (2000, p.109) de “pseudo-cultura”, uma cultura artificial, sem valor cultural algum, nem para o visitante, nem para a cultura da própria comunidade. Essas definições são diferentes do turismo cultural que se pretende no Acre, pois busca-se um turismo cultural identitário regionalizado, como a comunidade deseja e como o ambiente amazônico permite.

Ao desenvolver projetos voltados para o turismo cultural, faz-se necessário uma reflexão sobre o significado e o valor da cultura como símbolos de identidade para a sociedade e a relação existente entre o meio no qual está inserido, para não incorrer em riscos de criar atrativos culturais com fins econômicos, que podem até agradar os turistas, mas não conseguir a aprovação e apropriação da comunidade local. Com projetos bem elaborados que contemplem realmente a cultura local e a participação da comunidade em todas as suas etapas, evita-se que uma manifestação cultural como festa religiosa, rituais, danças, culinária e outros bens

⁷² ICOMOS. Carta de Turismo Cultural. 1976. Disponível em: http://www.revistamuseu.com.br/legislacao/turismo/tur_cultural.htm

culturais sejam banalizados e percam sua característica própria, enquanto manifestação legítima, dentro de um contexto histórico e social.

Por conseguinte, se o turismo cultural causa dano ao patrimônio, quando visto como mero comércio, que dizer do uso turístico do patrimônio ou dos bens culturais transformados em mercadoria, sem os componentes simbólicos e identitários? Será preferível ver o patrimônio como um bem de consumo ou ser deteriorado pela ação do tempo? Ambas as questões merecem respeito, pois, se por um lado, o uso turístico de um bem forjado com exclusividade para o turista, que no presente pode ser farsa, no futuro poderá ser incorporado à história local e receber incentivos para sua preservação, por outro lado, o bem turístico transformado em mercadoria, remete ao descaso público para com o patrimônio histórico local, sendo mais propensas a serem prejudicadas por falta de incentivos financeiros governamentais para sua preservação, conservação e manutenção.

Ademais, o turismo cultural compreende todos os conceitos estudados sobre o turismo convencional, como aquele que verdadeiramente em sua dinâmica consta atividades turísticas relacionadas à vivência, à interação do turista com o patrimônio sociocultural e histórico, que busca conhecimentos, experiências participativas, contemplativas e de entretenimentos, de maneira a manter-se no presente, respeitando o passado para que as próximas gerações possam desfrutar delas. Porém, Beni (2002) observa no que concerne ao turismo cultural com experiências participativas, que eles devem ser avaliados com profundidade para que os impactos negativos que possa causar nas populações tradicionais, comunidades religiosas de costumes rigorosos sejam respeitados, mesmo que essas comunidades aceitem a presença de turistas, seus usos e costumes tradicionais e religiosos devem ser respeitados.

4.1.1 O Lugar da Cultura e do Turismo Religioso

O Turismo Religioso é uma desinência do turismo cultural, conforme define o MTur (2006, p.11) “[...] são recortes no âmbito do turismo cultural e podem constituir outros segmentos para fins específicos [...]”, contanto que se preserve as características e especificidades de cada segmento. Ele está relacionado à busca espiritual e prática religiosa, realizadas em locais, espaços e eventos próprios para o exercício da fé, das religiões institucionalizadas e dogmatizadas nos preceitos

religiosos que levam a crença e práticas de culto com devoção e sobrenaturalidades, sejam de natureza espírita, evangélica, católica, afro-descendente ou orientais. No Brasil, o sincretismo religioso ⁷³ também é manifestação cultural, tendo em vista a diversidade existente, comprovando-se pelos rituais dos cultos celebrados pelas religiões afro-descendentes, onde se misturam divindades africanas com os santos do catolicismo, como por exemplo, São Jorge ⁷⁴ do catolicismo é Ogum na Umbanda.

No Acre, o sincretismo se faz presente nos cultos do Santo Daime⁷⁵, seita religiosa fundada por Raimundo Irineu Serra ⁷⁶, no início do século XX, cujos símbolos e liturgia integram venerações aos santos do catolicismo e símbolos do xamanismo que é adoração às entidades da natureza, possuindo ainda tendências ao espiritismo e aos rituais dos cultos de seitas africanas nos preceitos da seita da floresta. Essas religiões e seitas baseiam suas crenças numa oposição entre sagrado – domínio da vida religiosa que segue os preceitos de cada religião e o profano – tudo que não faz parte do domínio da vida religiosa.

O sincretismo doutrinário do Santo Daime ganhou novos adeptos e passou a sofrer influência de diversas tradições espiritualistas e a dar origem a outras vertentes, se distanciando da doutrina do Mestre Irineu ao penetrar em áreas onde é grande a influência de religiões afro-brasileiras, acentuando-se as de influência negra que já estavam presente em menor escala na doutrina, como a Umbanda que passou a utilizar o chá em alguns pontos de seus rituais.

⁷³ A fusão de concepções religiosas diferentes, ou a influência de uma religião nas práticas de uma outra. Nas vertentes filosóficas é o sincretismo filosófico.

⁷⁴ Bravo guerreiro da época das cruzadas. No catolicismo é padroeiro da guerra e da tecnologia, protege os líderes e operadores metalúrgicos. Abençoa abrindo novos caminhos e alargando as fronteiras. Na umbanda é Ogum, orixá que vence demandas, rei do ferro e protetor dos que lidam com metal, escolhido para ser comandante de todos, proteger os filhos e guardar a casa de devotos.

⁷⁵ O Santo Daime cuja palavra originou-se do rogativo Dai-me Amor, Dai-me Firmeza; é conhecido como a religião da floresta. Consistem em uma doutrina espiritualista, que tem como sacramento básico o uso de uma bebida enteógena com o fim de catalisar processos interiores e espirituais sempre com o objetivo de proporcionar cura e bem-estar ao indivíduo, sendo o autoconhecimento e internalização os meios de obter a sabedoria.

⁷⁶ Um maranhense da cidade de São Vicente Ferrer que embarcou para o então Território do Acre para trabalhar nos seringais, onde se estabeleceu próximo à cidade de Brasiléia, na fronteira com a Bolívia. Foi ali que teve sua iniciação com a ayahuasca (bebida resultante da infusão feita do cipó Jagube com a folha da planta chamada Chacrona, sacramento fundamental da seita), recebendo através de uma visão a missão de espiritualizar o ritual de beberagem do cipó, de uma entidade feminina associada à Virgem Maria (Nossa Senhora da Conceição ou Rainha da Floresta) para expandir a doutrina e utilizar todo o conhecimento nela inserido com o propósito de cura em todos os aspectos, físicos e espirituais.

Ocupa lugar de destaque a existência de diversos cultos espalhados pelo Brasil e pelo mundo que utilizam a Ayahuasca ⁷⁷, um chá de ervas amazônicas, como sacramento. A Ayahuasca foi liberada pelo conselho Federal de Entorpecentes para uso religioso e terapêutico em 2 de junho de 1992, resultante de investigações desenvolvidas desde 1985, levando em conta as análises antropológicas, sociológicas, psicológicas, culturais e fotoquímicas ⁷⁸. O fundamental para a liberação do Daime foi o comportamento dos praticantes dessa religião e a seriedade dos centros religiosos disseminadores da doutrina que utilizam o chá em seus rituais.

A comercialização do chá é terminantemente proibida, sendo sua distribuição de responsabilidade dos centros, devendo suas propriedades curativas serem vinculadas à cura espiritual.

Nos grandes centros do país, a religião da floresta passou também a ser praticado por grupos de pessoas adeptas de crenças alternativas, como as religiões orientais, porém, sem a originalidade da doutrina e a crença nas divindades e seres da floresta. Apesar disso, as linhas autênticas de daimistas, geralmente ligados ao CICLU ⁷⁹ e ao CEFLURIS ⁸⁰, estão empenhados e comprometidos em manter e preservar as tradições do Santo Daime forma como a doutrina se iniciou na floresta, sem a intenção de difundir a doutrina para outras partes do mundo.

O fator fé, promove a cultura da religião, sendo um dos segmentos do turismo religioso que envolve negócios, empreendimentos, lucros, gerando emprego e

⁷⁷ Bebida resultante da infusão do cipó Jagube e da folha da planta chamada Chacrona, originários da Amazônia. Depois de fervidos são distribuídos aos fiéis durante os rituais doutrinários do Santo Daime. Os indígenas também costumam consumi-los em seus rituais de purificação. A discussão sobre o uso ritual de substâncias psicoativas como a da ayahuasca vem sendo discutida em vários países. No Brasil, a legislação permite o uso quando atrelado aos rituais do culto, mas o assunto ainda é bastante polêmico.

⁷⁸ Mais informações em Rodrigues, Luciana Boiteux de Figueiredo. Controle penal sobre as drogas ilícitas: impacto do proibicionismo no sistema penal e na sociedade. 2006. 273f. Tese (Doutorado) Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.comunidadessegura.org.br/files/controlpenalsobredrogasilicitas.pdf>> Acesso: jul. 2009.

⁷⁹ Centro de Iluminação Cristã Luz Universal – CICLU. Este Centro se localiza no Alto Santo, na APA Irineu Serra nos arredores de Rio Branco – AC é dirigido pela viúva do Mestre Irineu, Peregrina Gomes Serra.

⁸⁰ Centro Eclético de Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra – CEFLURIS fundado pelo amazonense de Eirunepé Sebastião Mota Melo que registrou o Centro em 1974 na cidade de Rio Branco – AC como um centro espírita responsável pela organização da doutrina e pela feitura e distribuição da bebida ayahuasca utilizada nos rituais dos cultos da doutrina e estruturado sob a forma de sociedade religiosa sem fins lucrativos.

renda, criando opções de lazer, divulgando cidades e rotas turísticas. Andrade (2000) assume que os eventos que causam deslocamentos de peregrinos motivados pela fé são como um tipo de turismo religioso, quando se refere a ele como “[...] o tipo de turismo que mais cresce é o religioso, porque [...] as religiões assumem o papel de agentes culturais importantes [...]”. Ao passo que Beni (2002, p.422) diz que “este tipo de demanda tem características únicas levando, por isso, alguns autores a não os considerem nos estudos de Turismo”. O turismo religioso provoca um tipo de demanda que só existe por causa da fé.

O que se pode afirmar é que, sem se importar com os conceitos que afirmam se o segmento é turístico ou não, milhares de fiéis de Aparecida do Norte reverenciam Nossa Senhora Aparecida com pagamento das bênçãos recebidas, através de romarias de várias partes do país. Em Belém, os devotos de Nossa Senhora de Nazaré se aglomeram durante a procissão do Círio de Nazaré, homenageando a santa. Em Juazeiro do Norte, o padre Cícero Romão Batista, embora não aceito como santo pelo Vaticano, recebe romeiros de vários lugares com muita fé e devoção. Em Assis Brasil, no Acre, a romaria ecológica da Santa Raimunda do Bonsucesso leva milhares de eco-romeiros do Brasil, Peru e Bolívia para o interior da floresta amazônica para reverenciar a santa milagreira, da mesma forma que são reverenciados o São João do Guarani e São Sebastião em Xapuri. Os milhares de turistas e devotos da Ayahuasca, que surgem de várias partes do mundo, e se dirigem ao Céu do Mapiá em Boca do Acre-AM e para os centros daimistas de Rio Branco (Alto Santo, Barquinha e outros), fazem assim, imbuídos pela fé, propiciando uma religiosidade que gera turismo, cultura e renda para a comunidade.

Porém, os centros daimistas do Acre possuem um diferencial, a culturalidade envolvida, pois, segundo os seguidores só se ingere a Ayahuasca quando associada à religiosidade e à fé, uma obediência aos ensinamentos do fundador da seita Mestre Irineu Serra. A obediência aos critérios doutrinários da seita é rigorosamente seguida por toda a comunidade daimista, principalmente a do Alto Santo, que é a mais tradicional, pois, de acordo com os adeptos, sua finalidade é a cura para o corpo e a mente. A religião daimista assume um exemplo de cultura que é pública porque o seu significado a torna assim. Isso é visto na doutrinação e obediência dos seguidores, nos rituais, nos bailados, no som dos maracás, nos cânticos e até nos testemunhos de cura. Em Rio Branco, existe resistência por parte das seitas

daimistas e o relacionamento dela com o turismo, por ser agente de cura e fé, e não de espetáculos. Os centros que se opõem a participação do turista como espectadores devem e são respeitados, já os centros que são acessíveis interagem com os gestores públicos do turismo no sentido de otimizar roteiros e visitas programadas aos centros da doutrina.

Os eventos culturais assumem a característica de religiosos quando os deslocamentos de pessoas ocorrem movidos pela religiosidade e fé, nos quais há celebrações litúrgicas, festas, comemorações religiosas, peregrinações, romarias, apresentações artísticas de caráter religioso, e outros, cujas motivações provoquem realização de itinerários roteiros e percursos espirituais motivados pela fé no sagrado e sobrenatural. Entretanto, existem lugares que representam importante legado artístico e arquitetônico, de religiões e crenças que são compartilhados pelos turistas como de interesses culturais, para apreciação da estética do fenômeno ou espaço religioso, e isso não é considerado como turismo religioso apesar da visita se dar no espaço religioso, sendo identificado é essencialmente como turismo cultural⁸¹.

A cultura é a base para os desdobramentos do turismo cultural, pois quanto maior a diversidade de opções e atividades culturais, maiores as possibilidades de criar produtos diferenciados que estimulem a promoção e comercialização e, conseqüentemente, maior permanência do turista na região visitada. O turismo cultural tem o fator tempo a seu favor, não dependendo de condições climáticas para se desenvolver, como no caso do turismo de sol e praia, que tem data certa e ocasião propícia para acontecer. Neste aspecto, devem-se identificar os atrativos que produzam o diferencial, pois o turista valoriza a cultura em todas as suas complexidades e particularidades, buscando conhecer e obter informações de elementos e/ou símbolos, memórias e identidade da localidade, valendo para isso, a visita de grupos da comunidade que transmitam a memória através de relatos orais, individuais ou da coletividade.

4.2 Sustentabilidade Sociocultural do Turismo

⁸¹ Mais informações em CRHISTOFOLLI, Ângelo Ricardo. Turismo e religiosidade no Brasil. 2007. 145f. Tese. (Doutorado) Universidade do Vale do Itajaí. Centro de Educação em Balneário Camboriú, Santa Catarina.

Concebe-se a sustentabilidade sociocultural do turismo como a harmonização entre o ambiente preservado, cultura e comunidade local, em que a autenticidade e conservação dos valores sociais e culturais são fundamentais para o desenvolvimento e garantia do êxito de uma localidade turística. O turismo deve exercer a função protetora e potencializadora das culturas locais, incentivando a valorização e o respeito das mesmas por parte dos turistas⁸². A sustentabilidade só será alcançada nesse processo, se forem valorizados também o patrimônio histórico e cultural com a preservação dos usos, costumes e tradições locais, resgate e divulgação das memórias sociais, incluindo as manifestações artísticas, como a música, o folclore, as danças, o teatro, o artesanato dentre outras. Em todo o processo, torna-se indispensável a participação da comunidade, no pleno exercício da cidadania, gerando conhecimentos, direitos, deveres para o acesso aos serviços de saúde, educação, assistência social, lazer e outros.

A respeito da sustentabilidade sociocultural do turismo, Costa (2007, pp.26-28), diz que “[...] refletir sobre a sustentabilidade sociocultural do turismo é um convite a viajar nas trilhas do turismo cultural, e ponderar sobre ela e a cultura [...] é pensá-la, tanto sob a ótica do turista e da comunidade de destino, quanto sob a perspectiva do empresário de turismo”. Como o turismo se iniciou nos lugares onde existiam elementos de identidade cultural, de heranças tradicionais (monumentos, ruínas, memórias, obras de arte, músicas, folclores, peregrinações, etc.), gestores, empresários, comunidades e turistas são responsáveis pela manutenção e equilíbrio dessa relação ameaçada pela excessiva especialização da ciência pós-moderna.

Na pós-modernidade as associações representativas de classe (associações de moradores, artesãos, seringueiros, bordadeiras, paneleiras, quebradeiras de coco e outras) devem buscar ajuda mútua para que o novo ganhe seu espaço, mas com respeito pela herança cultural que deve ser mantida e preservada. Com base na sustentabilidade sociocultural, os processos de desenvolvimento do turismo constituem uma ação eficaz para enfrentar as situações de desigualdade e desequilíbrio econômico e regional. Nela a equidade social é compreendida como

⁸² Ver mais informações sobre esse assunto no site do Ministério do Turismo em <http://200.143.12.83/portalmtur/opencms/regionalizacao/modulos/operacionais/arquivos/sustentabilidade.html>. Acesso: mai. 2009.

reconhecimento e efetivação com igualdade de direitos da população em suas diferenças faixas etárias, étnicas, sexuais e raciais. Particularmente, no que diz respeito aos setores de hospitalidade e gastronomia, o turismo tem conseguido avanços socioeconômicos: melhoria do padrão de vida, enriquecimento social e cultural e percepção de prosperidade social e econômica. Porém, em muitos casos, o aumento do fluxo turístico gera, reforça ou intensifica as injustiças socioculturais pré-existentes.

No caso do turismo, a sustentabilidade sociocultural baseia seu desenvolvimento na escala humana e na possibilidade de diminuir a distância estrutural entre pobres e ricos, no país, favorecendo oportunidade de desenvolvimento centrado na autonomia, na independência e na satisfação das necessidades humanas. O conceito de sustentabilidade sociocultural deve estar de acordo com os princípios de uma sociedade humanizada, que oportunize às pessoas uma vida digna com direito ao trabalho, instrução, liberdade e participação, como um processo que visa a melhoria da qualidade de vida e redução dos níveis de exclusão social, por meio da distribuição de renda e aquisição de bens mais justa e mais digna.

A definição de sustentabilidade sociocultural remete à melhoria da qualidade de vida, no tocante a: 1) política: democracia, direitos humanos; 2) desenvolvimento humano: coletividade, integração, associativismo; 3) individual: estilo de vida, bem-estar, desejos e relações sociais. Tais definições relacionam-se à redução dos níveis de exclusão social, por meio da distribuição desigual da renda. Os pressupostos da sustentabilidade sociocultural supõem o reconhecimento, valorização e respeito da riqueza por parte da comunidade receptiva trabalhando com planejamento integrado, com processos de mobilização social e participação comunitária para definir ações e atividades prioritárias. Implica ainda, em construir um novo paradigma que coloca desafios práticos para o futuro do setor como: promover a sustentabilidade dos produtos locais de qualidade; colaborar para a retenção e distribuição local e regional das riquezas; favorecer a memória cultural crítica e inovadora com respeito à identidade social e gerar mais emprego e renda para as comunidades receptoras.

Dessa forma, o papel central da atividade turística, no desenvolvimento sociocultural, é voltado para a promoção do bem estar social mantendo a autenticidade das artes, costumes, tradições e artesanato local, e dessa forma, assegurando o acesso dos residentes nos atrativos e equipamentos turísticos com

atendimento de qualidade e preços razoáveis, de modo a elevar a satisfação e evitar a antipatia da população local.

O desafio do turismo cultural na atualidade é a integração do patrimônio com a vida moderna e não apenas proporcionar o lazer desvinculado da vida cotidiana. Enfim, compreende-se que a sustentabilidade sociocultural do turismo deve possuir, em primeiro plano, a educação patrimonial com vistas à preservação do patrimônio histórico cultural, em segundo, o planejamento integrado com políticas públicas pensadas entre gestores públicos, empresários e associações de classe, em terceiro, o envolvimento comunitário, a real participação da população local e, em quarto, o desenvolvimento de atividades associativas – provenientes de grupos de guardiões da memória, restauradores, guardas patrimoniais e outros.

4.2.1 Cultura, Turismo e Sustentabilidade

Partindo da compreensão de que a cultura enfocada neste estudo tem mais significado se entendida como um conjunto de valores, costumes (materiais e/ou espirituais), crenças, manifestações voluntárias (individuais ou coletivas), realizações científicas e artísticas de uma época e de uma sociedade, compreende-se que ela é o veículo pelo qual o homem constrói e organiza seu mundo. Neste estudo ela é enfocada como a herança do povo que colonizou este território, onde sua herança cultural está presente nas manifestações do povo que constrói e reconstrói sua história e o mundo que quer para viver. A cultura acreana é a sua florestania, o seu jeito de viver e de pensar presente nas construções, (moradias), nos cantos, poesias, danças, alimentação e até na religião.

A cultura acreana se manifesta diariamente em cada lugar, cada espaço, cada gesto, em espaços restaurados e espaços construídos recentemente, como é o caso do Palácio Rio Branco, do Museu da Borracha, do Theatro Hélio Melo, da Catedral Nossa Senhora de Nazaré, da Casa dos Povos da Floresta, do Complexo Parque da Maternidade, do Mercado Velho e Gameleira, dos Parques Chico Mendes, Capitão Ciríaco, zoobotânico, Irineu Serra, Cacimbão da Capoeira, das reservas naturais Estação Ecológica do Rio Acre, Lago do Amapá, Parque Estadual do Chandless, das reservas extrativistas e das várias áreas indígenas de beleza e

valor inestimáveis. Todos estes símbolos históricos serão analisados pontualmente em nosso estudo partindo de uma perspectiva inclusiva e atuante, dando prioridade ao saber específico e à cultura de seu povo.

No que se refere às identidades e heranças culturais, pode-se dizer que consistem nas peculiaridades, nas diferenças de cada povo entre os diversos grupos sociais existentes. Ao passo que, o que une as pessoas de um mesmo grupo é as semelhanças culturais, sendo elas a identidade cultural de cada grupo. Desta forma, compreende-se que os símbolos, costumes, usos e valores identificam uma população. Conforme se verificou no Zoneamento Ecológico-Econômico do Acre (2006, p.135):

A formação da sociedade acreana envolve processos identitários distintos e a permanente construção do Acre requer a compreensão de diferentes identidades, surgidas e reproduzidas no tempo e no espaço.

Dessa forma, acredita-se que as identidades presentes no Acre são procedentes de uma relação conflituosa, na qual um grupo sobrepujou o outro se afirmando na história e no tempo. Como foi o caso dos nordestinos exploradores sobre os índios que aqui moravam, dos pecuaristas sobre os seringalistas e nos dias atuais se vislumbra a dos extrativistas sobre os fazendeiros. Tais transformações ocorrem devido às disputas por recursos econômicos estratégicos para a sobrevivência, porém, estas modificações só acontecem quando os laços de identidades se completam e são estabelecidas as reciprocidades entre sociedade identitária e os poderes constituídos.

Assim, em primeira análise pode-se associar a identidade indígena às terras indígenas, as reservas extrativistas, os seringais e colônias de nordestinos, seringueiros e posseiros, considerando que nos seringais, nos projetos de assentamentos e nas reservas extrativistas não residem somente seringueiros vindos do nordeste, muitos vieram também do centro-oeste, sul, sudeste e trouxeram suas culturas, seu modo de vida. Na região existem pessoas de várias partes do país e do mundo, como é o caso dos sírio-libaneses residentes no Acre desde sua colonização e que contribuem muito para a cultura acreana e os próprios índios cujos símbolos étnicos predominam na maioria das construções das cidades, até os mais recentes como os pecuaristas, vindos do centro e sul do país,

contribuíram com sua cultura bastante presente na culinária. As diferentes identidades, heranças e semelhanças culturais peculiares permitem a junção dos símbolos, costumes, usos e valores próprios dando identidade à população acreana.

Acredita-se que a identidade acreana se formou da relação dos atores sociais no processo de formação territorial. À medida que a região recebeu grupos sociais de diferentes origens e em momentos variados da sua história, as identidades foram se formando. Nas décadas de 70 e 80 já se notava o processo de formação da identidade acreana se modificando, tendo em vista, a nova ideologia em formação, um modo de viver que valoriza mais os saberes tradicionais e acompanha essa mudança de mentalidade, a população jovem que fala mais em valores sociais ligados à floresta, aos saberes e fazeres inerentes a ela, isso é a florestania.

Por outro lado, em se tratando da relação cultura e turismo depreende-se que os segmentos turísticos podem ser estabelecidos a partir dos elementos de identidade presentes na oferta, característicos e variáveis da demanda turística de uma localidade. A transformação dos recursos em atrativos turísticos de modo a se constituírem em rotas, roteiros e produtos é procedente da segmentação escolhida com base nos elementos predominantes na oferta turística do lugar. Dessa forma, a segmentação é a estratégia principal para o desenvolvimento, promoção, comercialização e otimização de cada destino turístico. No que se refere à oferta turística o Acre apresenta recursos variados que aliados à criatividade permitem o desenvolvimento de várias modalidades de turismo, cultural, ecoturismo, religioso, de aventura, rural, místico e até outros segmentos mais recentes como o turismo comunitário.

Compreende-se que o que pode significar a possibilidade de estruturação dos produtos turísticos diferenciados é a pluralidade da cultura que no Brasil tem sido seu maior patrimônio. No entanto, o grande mérito dessa possibilidade é a associação da cultura e turismo como uma atividade capaz de promover e preservar a cultura e o ambiente, tendo em vista que o turista consciente é motivado a conhecer, vivenciar aspectos e situações particulares de uma sociedade que apresenta indícios da sustentabilidade. É inegável que dificilmente as comunidades têm maturidade para procurar desenvolver o potencial do turismo cultural associando o respeito aos recursos naturais. Faz-se necessário um trabalho de fortalecimento dos saberes e viveres culturais da comunidade para que os valores e bens sejam preservados. Dessa forma, a promoção de um produto com base em um

segmento principal, de conformidade com a oferta predominante, não impede que outros segmentos sejam trabalhados em diferentes roteiros, dependendo dos atrativos potencializados e do público desejado.

Essa relação entre turismo e cultura não existe desde os anos 60, quando o turismo cultural passou a ser visto como alternativa viável para o desenvolvimento do país, mas, da forma como o turismo foi implantado em alguns lugares fez com que se tornasse o vilão dessa área, revelando-se como um desastre para o patrimônio cultural, e ineficaz como estratégia de promoção, tanto pela falta de qualidade na prestação dos serviços e descontrole da capacidade de carga, como pela simples falta de respeito à identidade da cultura local. Esse contexto sinaliza para a necessidade de desenvolvimento do turismo na modalidade cultural de maneira planejada, geridas entre as áreas de turismo e cultura com o empoderamento comunitário, considerando que o patrimônio cultural mais do que cultura é a representação e referência de um povo e por isso merece ser respeitado.

O uso dos atrativos turísticos remete à manutenção do patrimônio, da valorização das identidades culturais por isso, devem sempre atuar no sentido de fortalecer e preservar o patrimônio. Nesse sentido a cultura aliada ao turismo desperta para a implementação de políticas públicas, resgate das tradições, práticas culturais e sentimentos de orgulho nas comunidades. Promovendo a utilização racional dos patrimônios, preserva-se a cultura das influências externa e globalizadas que tendem a padronizar expressões, bens e serviços culturais. Por isso, compreende-se que a relação turismo e cultura que se fundamentam na existência de pessoas motivadas em conhecer culturas diferentes, possibilita o desenvolvimento do turismo como valorização da identidade cultural, preservação, conservação do patrimônio, promoção econômica dos bens e serviços, além da consequente melhoria da qualidade de vida da comunidade receptora.

No Acre as características básicas do turismo que se deseja estão relacionadas ao que é defendido pelo Ministério do Turismo, como as atividades turísticas que integram a vivência pactuada entre elementos do patrimônio cultural e dos eventos culturais, com valorização e promoção dos bens de natureza materiais e imateriais da cultura. (BRASIL, MTur, 2006). Essa definição de turismo cultural determina especificamente o tipo de relação que deve existir entre turismo, turista e cultura local. Vivenciar implica, essencialmente em satisfazer o desejo de conhecer

o modo de vida, seguido da vontade de vivenciar, participar e se integrar ao mundo da localidade visitada.

Se para o turista o que o atrai para uma determinada localidade é a cultura identificada somada ao desejo de viver aquela cultura, é preciso que ela seja real e verdadeira. Deveria ser indiferente o fato dela agradar ou não ao visitante, cabe ao nativo a boa recepção, ao turista o respeito e aos gestores sociais (poder público e privado) as políticas de implementação e proteção dos destinos. É uma forma racional de desenvolver o turismo sem prejudicar a qualidade de vida da comunidade local e sem deteriorar os recursos naturais.

O problema é como conseguir que a comunidade local não se renda às influências do capital e descaracterize sua cultura em nome do lucro. Todos os indivíduos têm uma missão implícita em seu viver, a perpetuação da espécie, por isso existe reprodução, de uma forma ou de outra a humanidade e os indivíduos em particular procuram meios de se perpetuarem, racionalmente ou instintivamente. Dessa forma, nenhuma raça, população, comunidade quer ver seus valores, costumes, tradições extintos, mas as mudanças ocorrem sorrateiramente e quando menos se espera já aconteceram. Nesse sentido, privilegiar o fortalecimento das comunidades para a valorização da cultura e sua conseqüente permanência no tempo como símbolos de memória e de identidade, constitui-se na forma mais acertada de desenvolver o turismo cultural sem prejudicar o meio ambiente.

No momento o Acre ainda não é um destino turístico consolidado, existem as iniciativas positivas dos setores governamentais e privados como sinalizadores do sucesso da atividade, além disso, o diálogo com as comunidades está acontecendo, como é o caso da comunidade do Seringal Cachoeira, onde o povo é o gestor do turismo local, e das comunidades de saberes tradicionais de Rio Branco que estão se fortalecendo com a participação na elaboração do Plano Municipal de Cultura e Turismo. Tais envolvimento indicam a escolha do turismo que a população deseja. A comunidade empoderada trará retorno positivo e melhoria das condições de vida sem descaracterizar a cultura local e sem se importar com a cultura do turista ou visitante, mas permitindo que ele tenha o que realmente procura um mergulho nas práticas, no cotidiano, na economia, na educação e no respeito ao meio ambiente ao qual está inserido. Nesse contexto, a sustentabilidade do turismo é a promoção da comunidade fortalecida e sustentável.

O conceito de desenvolvimento do turismo com respeito à cultura e meio ambiente, será abordado com base nos princípios da sustentabilidade, conforme diz Costa (2007, p. 24):

[...] a preocupação com o desenvolvimento do turismo sustentável, definida pela OMT como aquele que atende às necessidades dos turistas de hoje e às das regiões receptoras, ao mesmo tempo que protege e amplia as necessidades para o futuro, sem desprezar a manutenção da integridade cultural, dos processos ecológicos essenciais, da diversidade biológica e dos sistemas que garantem a vida. Assim, a sustentabilidade do turismo ganha importância central na era pós-moderna. Mas isso não é tudo. É preciso que se reconheça a cultura como dimensão agregadora e imprescindível à vida humana.

Nessa perspectiva, significa dizer que a sustentabilidade no turismo busca desenvolver a atividade de maneira que respeite o passado, as memórias e identidades e satisfaça as necessidades das pessoas de se desenvolverem no presente com responsabilidade para que o planejado se perpetue para as gerações futuras. A relação turismo e cultura são vantajosas porque além de elevar a cultura local, reforçam a vida em comunidade, e os sentimentos de pertencimentos, hoje, pautados no individualismo.

É preciso primar por estratégias provocadoras de sustentabilidade que impliquem no desenvolvimento de políticas valorizadoras de ações culturais que possam ser desencadeadas a partir de ações realizadas de fora para dentro, consorciadas com ações locais em parcerias com os poderes públicos e privados. No primeiro caso, priorizar a celebração de convênios, as parcerias e intercâmbios com instituições culturais de outras regiões e países vizinhos que possam contribuir para com um turismo cultural sustentável, na medida em que os projetos de intercâmbio promovam a intensidade do fluxo de turistas à região interessados na história e cultura presentes.

Em segundo lugar, as ações locais bem planejadas com base nas comunidades fortalecidas desencadearão programas para a recepção dos turistas através da promoção das formas de sustentabilidade identitária, relacionadas à vivência do morador nativo, venda de artesanatos, visitação a museus, sítios históricos, representações culturais locais, literatura, artes visuais e outras mais simples garantidoras da sustentabilidade do turismo, como, a realização de feiras, festivais, fóruns de debates, comercialização de livros, pinturas e esculturas, dentre

outros empreendimentos mais ousados. A expressão artística local deve ser destacada e isso justifica investimentos em editoras, livrarias, teatros e cinemas.

A riqueza natural e a excepcionalidade da região suscita proposta de turismo em outras modalidades também viáveis, como uma espécie de ecoturismo cultural, visto que não faltam áreas preservadas de grande valor ecológico, que se trabalhadas mediante os princípios norteadores do desenvolvimento comprometido com a cultura local sustentável, juntamente com o poder público e a comunidade local, pode ser fator de sucesso. A ousadia é o que faz as grandes idéias tornarem-se realidade, a vontade política, o olhar lúcido e comprometido com o bem estar social, também e somente dessa forma, a sustentabilidade não se restringirá apenas aos aspectos econômicos, mas também atentará para o respeito aos cidadãos e às comunidades locais.

4.3 O Lugar do Ecoturismo

No Brasil a atividade turística desenvolvida na modalidade de ecoturismo é muito recente, data seu início na década de 80, quando ainda pertencia ao “turismo de natureza” ou “turismo ecológico” e era praticado por grupos específicos, pouco organizados. Somente a partir da realização da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, a Rio-92, foi que o termo “ecoturismo” consolidou-se como um dos segmentos do turismo e uma das ações do desenvolvimento sustentável. Assim, conforme o Ministério do Meio Ambiente (MMA) e parceiros como Secretaria de Coordenação da Amazônia (SCA), Programa de Desenvolvimento do Ecoturismo na Amazônia Legal (PROECOTUR) e Ministério do Turismo (MTur) o ecoturismo é:

Segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações. (MCT/MMA, 1994 apud MTUR, 2007, p. 11).

Dentro dos diversos segmentos do turismo o ecoturismo é uma das modalidades que vem sendo apontada como a que apresenta maiores índices de crescimento, com um aumento de demanda que varia de 10 a 20% ao ano, de acordo com os diversos estudos na área. (WWF, 2003). No Brasil, o crescimento do mercado doméstico pós Plano Real somado ao grande potencial e incentivos governamentais provocaram investimentos expressivos na indústria do turismo, com vistas ao desenvolvimento do ecoturismo. A atividade que antes era programada e praticada pelas organizações não-governamentais, passou a ser institucionalizada e desenvolvida com base na proposta do desenvolvimento sustentável. Além do governo várias empresas representativas dos vários segmentos da sociedade, bancos de investimentos, empresas e instituições, não necessariamente de caráter ambiental, e outras como SEBRAE, também passaram a investir no ecoturismo como opção de negócio para geração de emprego e renda.

Neste contexto, o turismo que principiou com uma proposta de reconhecimento e contemplação dos lugares de natureza, depois de institucionalizado e divulgado tornou-se ecoturismo viável e proveitoso quando voltado para as questões de preservação ambiental, porque associou princípios de conservação com desenvolvimento sustentável, porém é preocupante porque além de promover o crescimento exagerado da atividade no curto prazo, disseminou a proposta do negócio lucrativo, aguçando a ganância dos que procuram lucros sem considerar a complexidade dos processos, como a fragilidade dos locais da natureza, os danos causados pela interferência externa em ambientes preservados e exposição abrupta na cultura das comunidades locais. Tais processos induzem à compreensão de que o ecoturismo desenvolvido, dessa forma promove a divulgação da localidade, sem se importar, com o impacto que a mudança poderá causar na preservação do patrimônio social e cultural. Enfim, é um tipo de turismo que se planejado com vistas à sustentabilidade trará benefícios ao meio ambiente, ao contrário, é um segmento do turismo que busca desenvolver ações em uma área natural com relativo grau de preservação sem medir os impactos ambientais, a capacidade de carga, a preservação do patrimônio natural e sociocultural, a perpetuidade das espécies e os benefícios para as populações locais.

Esse conceito do ecoturismo que busca contemplar a proposta do desenvolvimento sustentável planejando, divulgando e executando ações para

serem desenvolvidas “na” comunidade e não “com” a comunidade, contrapõe o entendimento de Beni (2002) sobre ecoturismo:

Denominação dada ao deslocamento de pessoas a espaços naturais delimitados e protegidos pelo estado ou em parceria com associações locais e ONGs. Pressupõe sempre uma utilização controlada da área com planejamento de uso sustentável de seus recursos naturais e culturais, por meio de estudos [...] (BENI, 2002, p. 428).

Este entendimento possibilita a compreensão de que o ecoturismo deve ser desenvolvido em locais onde há um planejamento prévio sobre o impacto ambiental, o controle da capacidade de carga, o monitoramento e avaliação, um plano de manejo elaborado com a comunidade e um sistema de gestão para fiscalizar, controlar, cuidar e preservar a área. Essa recomendação é para uma área natural relativamente preservada que tenha um controle da incidência da atividade turística.

Sobre essa questão, Neiman (2002, p.178), concorda com Beni (2002), tecendo críticas ao ecoturismo quando diz que "de nada adianta fazer ecoturismo se não há estudos de capacidade de suporte, [...] normas que regulamentem e excluam empresas especializadas". Assim, é possível compreender que para se ter o ecoturismo funcionando de maneira correta e como alternativa do desenvolvimento sustentável é preciso cumprir várias etapas que contemplem a sustentabilidade do ambiente, pois enquanto esses dilemas prevalecerem, o ecoturismo será visto como um mecanismo de degradação de um lugar antes preservado. Cita-se como exemplo de uma atividade ecoturística voltada para o desenvolvimento sustentável, a Associação de Silves pela Preservação Ambiental e Cultural do Município de Silves (ASPAC/AM) em que a sustentabilidade é contemplada pelo desenvolvimento da economia local. Sendo o potencial turístico concentrado na atividade de pesca.

Em 1994, a comunidade de Silves, através da ASPAC, resolveu executar um projeto de manejo e fiscalização da reserva para recuperar e conservar os estoques de peixes que estavam ameaçados pela pesca comercial. A população participou ativamente no manejo dos lagos e na construção de uma pousada ecológica para atendimento aos turistas, com isso, houve melhoria considerável na economia local e na qualidade de vida dos moradores. A construção da pousada foi fundamental, pois com o dinheiro arrecadado dos turistas houve condições de investimentos no manejo e fiscalização dos lagos que compõem a região, além de divulgar e contribuir

para a manutenção da atividade na localidade. Essa iniciativa, somente reforça a idéia de que projetos de ecoturismo bem planejados, executados e monitorados, com o apoio de um órgão gestor responsável, com empresários conscientes de seu papel na sociedade e com o envolvimento da comunidade no processo, possibilitam que o ecoturismo seja desenvolvido como estratégias de desenvolvimento sustentável.

Por outro lado, a estratégia de querer alcançar através desse segmento, determinados benefícios, inclusive econômicos, implica em utilizar os mecanismos de mercado para atingir metas ecológicas e sociais. Isto, geralmente são projetos realizados por empresas privadas, cujas capacidades competitivas representam, ao mesmo tempo, objetivos centrais e pré-condições para seu funcionamento. Restando tão somente aos gestores das áreas protegidas, incluindo os órgãos públicos, as ONGs, os sindicatos e associações, considerar tais processos econômicos como benéficos para o local, caso queiram participar do desenvolvimento turístico da área.

Infelizmente, convém dizer que, essas atitudes são pouco comuns para os administradores das áreas protegidas e para aqueles que não se importam muito com a preservação da natureza, para os tais, as atividades econômicas representam em primeiro lugar uma ambição que deve ser regulamentada.

De acordo com Western (1993), ecoturismo é uma viagem responsável a áreas naturais, visando primordialmente, a preservação do meio ambiente e a promoção do bem-estar da população local, ou seja, procura satisfazer o desejo de contato com a natureza e de explorar o potencial ecoturístico, mas visando à conservação e o desenvolvimento da localidade, sem agredir o meio ambiente.

Este interesse em consorciar atividades turísticas com áreas protegidas é recente, reporta-se há umas três décadas passadas, quando surgiu o interesse mundial sobre as questões ambientais e nos anos seguintes as Unidades de Conservação da natureza (UC). Dessa forma, a qualidade do ambiente natural, a natureza em si e a educação ambiental dão origem a elementos fundamentais para a criação, efetivamente, de um produto turístico rentável no mercado. Conseqüentemente, em nome do ecoturismo, áreas remotas e territórios relativamente alterados pelo homem, estão se convertendo em destinos favoritos para turistas nada convencionais, que buscam o contato com a natureza como meio de fuga das agitações da vida urbana.

4.3.1 As Unidades de Conservação do Acre e as implicações para a visitação turística

Os estudos dessa seção tiveram por base teórica as informações contidas no zoneamento ecológico econômico do Acre do ano de 2006 e conhecimentos adquiridos com as visitas técnicas realizadas às áreas naturais relacionadas. O Estado do Acre tem ao todo quatro Unidades de Conservação de Proteção Integral sendo que uma delas se encontra em fase de criação, o Parque Municipal Plácido de Castro, e dezesseis Unidades de Uso Sustentável, como pode ser visto no Quadro 12:

Unidades de Proteção Integral	Unidades de Uso Sustentável
Parque Nacional da Serra do Divisor	Área de Proteção Ambiental Igarapé São Francisco
Parque Estadual Chandless	Área de Proteção Ambiental Lago do Amapá
Parque Municipal Plácido de Castro (em processo de criação)	Área de Proteção Ambiental Raimundo Irineu Serra
Estação Ecológica do Rio Acre	Área de Relevante Interesse Ecológico Seringal Nova Esperança
	Reserva Extrativista Alto Juruá
	Reserva Extrativista Chico Mendes
	Reserva Extrativista Alto Tarauacá
	Reserva Extrativista Cazumbá-Iracema
	Reserva Extrativista Riozinho da Liberdade
	Floresta Nacional do Macauã
	Floresta Nacional Santa Rosa do Purus
	Floresta Nacional São Francisco
	Floresta Estadual do Antimary
	Floresta Estadual Mogno
	Floresta Estadual Rio Liberdade
	Floresta Estadual Rio Gregório

Quadro 12. Unidades de Conservação do Estado do Acre.

Fonte: ACRE, 2006.

A primeira UC criada no Estado do Acre foi a Reserva Extrativista Chico Mendes com o Decreto de Criação nº 99.144 de 12 de março de 1990, possuindo uma área aproximada de 903.203 hectares gerenciada pelo IBAMA. É uma Unidade de Uso Sustentável concedida para os seringueiros que nela habitam, abrangendo os municípios de Rio Branco, Capixaba, Sena Madureira, Xapuri, Epitaciolândia, Brasiléia e Assis Brasil, tem em torno de 1.800 unidades de produção, sendo os

principais produtos a borracha, a castanha, a andiroba, o copaíba, as sementes fitoterápicos e a madeira certificada, (ACRE, 2006, p. 205). A mais recente é a Reserva Extrativista Riozinho da Liberdade criada em 17 de fevereiro de 2005 somando 325.602 hectares, com 177 unidades familiares, que produzem, principalmente, borracha e farinha de mandioca, cada uma com sua peculiaridade e particularidade pautadas nos saberes e dizeres florestanos.

As visitas turísticas nessas localidades só acontecem mediante contato prévio e interesse da comunidade. A cultura é essencialmente agroextrativista, sendo o processo de extração da borracha e castanha o que mais se destaca, seguido da agricultura de subsistência, como a técnica da feitura da farinha de mandioca e dos plantios de roçados e de várzeas em que se aproveitam as encostas das praias para plantar mandioca, milho, arroz, feijão, melancia, jerimum, amendoim. Muitos turistas (mais considerados visitantes, porque a população ainda não interiorizou esta figura), procuram as épocas do ano em que os extrativistas estão colhendo sua produção para acompanhá-los e vivenciar seu dia-a-dia. Geralmente, são muito hospitaleiros e interativos, percorrem horas de viagem a pé nos varadouros ou em canoas pelo rio, só para prostrar com os vizinhos, cantar e tocar violão ao luar, muitos deles escrevem livros de poesias e publicam com incentivo do governo estadual, sempre com temas relacionados à vivência na floresta.

As Unidades de Proteção Integral do Acre totalizam 1.560.422 hectares do território do Estado, compreendem o Parque Nacional da Serra do Divisor (PNSD) que abrange 0,51%, a Estação Ecológica do Rio Acre (ESEC) com 4,77% e o Parque Estadual do Chandless com 4,23%. O Parque Municipal Plácido de Castro se encontra em fase inicial de criação com um Termo de Cooperação Técnica assinado em 12 de agosto de 2008. O PNSD e a ESEC são de responsabilidade do IBAMA, enquanto o Parque Estadual do Chandless é do IMAC.

O PNSD é a mais conhecida UC do Estado do Acre está localizado na região do Vale do Juruá, fronteira do Brasil com o Peru, criada a partir do Decreto Federal nº 97.839 de 16 de junho de 1989, sua área é de 784.942 hectares atingindo os municípios de Cruzeiro do Sul, Mâncio Lima, Porto Walter, Marechal Thaumaturgo, Rodrigues Alves. (ACRE, 2006, p. 200). É um lugar de fauna abundante e flora exuberante. Nos quais os rios, colinas e rochas embelezam a paisagem no horizonte, complementada pela floresta com seres conhecidos e desconhecidos que

aludem mistérios, onde residem os nativos com suas crenças, ritos, mitos e danças que os distinguem como uma população feliz, alegre e festeira de calorosa receptividade cultural.

Essa UC representa um grande potencial turístico para o estado e o país, além de ser um atrativo extraordinário para o turista, necessitando, no entanto, de um tempo para que as potencialidades e atrativos possam ser formatadas em produtos ecoturísticos, com integração de ações para o uso do turismo sustentável. O Parque não está aberto à visitação turística, as visitas que acontecem são com fins científicos mediante acompanhamento do IBAMA. Sendo assim, o grande desafio é realizar atividades turísticas, compartilhar e perpetuar a cultura e todo o ecossistema, sem impactar sobremaneira a região.

A Estação Ecológica do Rio Acre foi criada a partir do Decreto nº 86.061 de 02 de junho de 1981, envolve os municípios de Assis Brasil e Sena Madureira e se estende até o Peru, seu principal acesso é através do rio Acre. A administração é de responsabilidade do IBAMA, estando um conselho gestor em fase de elaboração. Seu PM e zoneamento foram elaborados em 2006, em parceria com a WWF-Brasil⁸³ e SOS Amazônia⁸⁴. O principal objetivo de sua criação é a preservação da natureza, da nascente dos rios e a realização de pesquisas científicas. A característica de suas paisagens e seres vivos é típica da Amazônia, a maior dificuldade de seu órgão fiscalizador é manter o controle das atividades de caça e pesca realizadas pela população residentes e do entorno. Nela é proibida a visitação pública, exceto quando possui finalidade educacional.

O Parque Estadual do Chandless foi criado pelo Decreto Estadual nº 10.670 de 02 de setembro de 2004, sua área possui 695.303 hectares, é o segundo maior

⁸³ Em 1961, quando foi fundada, a sigla WWF significava World Wildlife Fund que traduzido para o português é Fundo Mundial da Natureza. O crescimento da organização ao redor do planeta nas décadas seguintes e a mudança de foco da instituição, possibilitou à marca simbolizar o trabalho de conservação da organização de maneira mais ampla, quando a sigla passou a ser: World Wide Fund For Nature, que em português é Fundo Mundial para a Natureza. Atualmente, com o reconhecimento da marca internacionalmente, ela agora é simplesmente: WWF.

⁸⁴ Fundada em 30 de setembro de 1988, a Associação SOS AMAZÔNIA propõe instrumentos políticos e jurídicos que viabilizam a gestão sustentável dos ambientes florestais, rurais e urbanos, foi criada com o objetivo de denunciar as agressões à Floresta Amazônica, apoiar o movimento de resistência dos seringueiros aos desmatamentos das florestas no Acre e colaborar com a formação de uma opinião pública que valorize a conservação e a preservação ambiental. Dentre os fundadores (professores universitários, servidores públicos e líderes dos movimentos sociais da época), se inclui Chico Mendes.

parque da região norte e segunda maior UC do Estado. Está localizado na parte sul do estado, na região do Purus onde se encontram os municípios de Manuel Urbano, Santa Rosa do Purus e Sena Madureira. O Instituto de Meio Ambiente do Acre (IMAC) é o órgão fiscalizador responsável, já tendo realizado sobrevoo no local que permitiu fazer um diagnóstico da área, bem como realizam percurso de barco para monitoramento e fiscalização. No Parque existem 12 famílias residentes que resolveram permanecer nele além de existir os indígenas do Alto rio Purus e Mamoadate que lá residem há vários anos. O objetivo de sua criação é preservar o ecossistema natural de grande relevância e beleza cênica, propiciar a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação, interpretação ambiental e recreação em contato com a natureza e o turismo ecológico.

O objetivo de realizar este estudo utilizando-se as informações do SNUC e as áreas protegidas do Acre é contribuir para a reflexão sobre ecoturismo e turismo cultural e o paradoxo existente entre esses dois segmentos do turismo no estado. Se por um lado, a vocação natural da localidade por se localizar no interior da Amazônia e a existência de enormes quantidades de áreas preservadas dão margem para o desenvolvimento do ecoturismo. Por outro lado, o cultural sobrepuja o ecoturismo quando se percebe que, não só essa, mas toda a região da Amazônia é habitada por populações tradicionais (indígenas, caboclos, ribeirinhos, colonos, extrativistas, populações urbanas) ricas em saberes e dizeres culturalmente vividos e transmitidos de pai para filho que dignificam a cultura amazônica dando lugar ao desenvolvimento do turismo cultural, uma vez que está presente no próprio conceito de ecoturismo quando o MTur (2007) se refere à utilização do patrimônio natural e cultural e da promoção do bem-estar das populações residentes.

É importante destacar que essas populações são as verdadeiras guardiãs e defensoras da soberania nacional na região Amazônica. Quando as pessoas deixarem de olhar para o Acre e para a região da Amazônia somente pela perspectiva ambientalista, e passarem a olhar, respeitar e valorizar a cultura nela existente, a soberania da Amazônia verdadeiramente será respeitada. Um bom começo seria pensar a Amazônia na perspectiva da sustentabilidade - sociedade – cultura.

5. O ACRE AMAZÔNICO CULTURAL COM PRINCÍPIOS SUSTENTÁVEIS E O TURISMO ACREANO REGIONALIZADO EM CONSTRUÇÃO

“Não tenho caminho novo. O que tenho de novo é o jeito de caminhar” (Thiago de Melo).

O objetivo deste capítulo consiste em destacar e discutir a promoção da cultura amazônica com a perspectiva inclusiva e atuante como recurso de preservação da Amazônia pelo turismo cultural de identidade amazônica. Considera-se importante este estudo na região do Vale do Acre devido à inexistência de programas do turismo que destaquem a cultura no intuito de promover o desenvolvimento do turismo cultural ⁸⁵.

A maioria dos programas desenvolvidos pelo poder público (até o início desse estudo no ano de 2006), principal incentivador e articulador do turismo na região, têm sido desenvolvidos no segmento do ecoturismo, tem-se como exemplo, o Plano Estratégico do Ecoturismo do Estado do Acre de 1999 elaborado pelo governo estadual, no qual foram identificados os dois pólos ecoturísticos do estado, Vale do Acre e Vale do Juruá, em seguida surgiu o Projeto de Desenvolvimento do Ecoturismo no Estado do Acre em 2003, elaborado pelo Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) em parceria com o governo estadual, também voltado para o ecoturismo. De acordo com a afirmação a seguir:

O desenvolvimento do ecoturismo no Estado do Acre, tem por objetivo principal o desenvolvimento sustentável do ecoturismo na Amazônia Legal, criando um contexto apropriado e condições necessárias, incluindo investimentos essenciais que permitam preparar o ACRE para administrar de forma eficiente e sustentável áreas ecoturísticas selecionadas e, com isso, gerar emprego, renda e ampliar a arrecadação (SEBRAE, 2003, p.3).

O SEBRAE e outros órgãos gestores do turismo visam preparar a região para o desenvolvimento do ecoturismo. Cita-se ainda, outra atividade turística de caráter promocional a nível nacional realizado durante o I Salão do Turismo, em São Paulo

⁸⁵ Com exceção da cidade de Rio Branco que tem vários programas e projetos que contemplam a cultura em seus variados segmentos.

no ano de 2006. Neste evento o Acre destacou três rotas turísticas existentes no Polo Ecoturístico do Vale do Acre cujos nomes destacavam o segmento de ecoturismo, as quais eram assim denominadas: Rota Ecoturística Caminhos da Revolução, Rota Ecoturística Caminhos de Chico Mendes e Rota Ecoturística Caminhos do Pacífico. Tais empreendimentos e ações contradizem o que diz Beni sobre o ecoturismo em sua mais recente obra:

Ecoturismo - denominação dada ao deslocamento de pessoas a espaços naturais delimitados e protegidos pelo estado ou em parceria com associações locais e ONGs. Pressupõe sempre uma utilização controlada da área com planejamento de uso sustentável de seus recursos naturais e culturais, por meio de estudos de impacto ambiental, estimativas da capacidade de carga e suporte do local, monitoramento e avaliação constantes, com plano de manejo e sistema de gestão responsável. (BENI, 2002, p.428).

Entende-se que o ecoturismo defendido pelo autor é aquele praticado em ambientes naturais protegidos, que tem seu plano de manejo elaborado, através de um órgão fiscalizador que monitora e realiza estudos de impactos, estudos da capacidade de carga e suporte do local para que continue sendo preservado. Estas implementações priorizam ações que buscam atenuar impactos ao meio ambiente e promover a consciência ambiental. Em estudo na região, descobriu-se que no Vale do Acre, onde se desenvolve a Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico, ainda não existe nenhum local turístico que tenha realizado estudos a respeito de impactos socioeconômico, cultural e ambiental e sobre a capacidade de carga com vistas ao controle da atividade turística e ao cumprimento de tais princípios.

Todavia, o Vale do Acre tem muitas áreas naturais protegidas nas quais poderá se desenvolver o ecoturismo, atualmente isso ainda não está ocorrendo talvez por falta de equipamentos turísticos necessários e parcerias com órgãos controladores de impactos ambientais. Para a promoção da Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico se faz necessário à realização desses estudos anti-impactantes para valorização do produto ofertado. Da forma como os locais turísticos se encontram, as atividades a serem desenvolvidas propiciam o desenvolvimento do turismo de natureza, em que a incidência de visitação de grupos

organizados tem como propósito desfrutar da natureza, contemplar e vivenciar ambientes preservados pela própria relação sociocultural e natural do lugar.

Destaca-se, entretanto, a vocação do lugar para o turismo cultural tendo em vista que sua natureza está associada à historicidade local, a trajetória de lutas e conflitos sociais. Um território, que movido pela vontade da população, enfrentou uma luta armada para ser integrado à nação brasileira, uma localidade que possui bens materiais e imateriais da cultura que contam a sua trajetória até os dias atuais e a própria relação social, econômica e cultural do homem com o meio em que vive, a floresta amazônica. Porém, para obtermos uma resposta plausível que comprove a capacidade de desenvolvimento do turismo cultural tanto quanto do ecoturismo na rota turística em estudo, faz-se necessário comprovar a existência e o lugar da cultura na região amazônica e, conseqüentemente, no Acre.

É importante considerar que a cultura Amazônica tem seus múltiplos significados constituídos de autenticidade, uma vez que provém dos indígenas, dos ribeirinhos, dos colonos e extrativistas que habitam, em sua maioria, o interior das matas, de onde alguns migram para as cidades e constroem seus saberes e valores vinculados ao meio urbano amazônico e ao seu ambiente de origem. Os processos históricos garantem a implementação de ações que visam o desenvolvimento do turismo cultural na região amazônica e não somente ações de implementação do ecoturismo.

O turismo cultural busca incentivar o uso turístico no sentido de prover o fortalecimento das culturas para que a atividade seja incentivada como estratégia de preservação do patrimônio, em função do seu valor econômico. Concordando com este raciocínio Beni (2002, p.422) se refere ao turismo cultural defendendo que ele é: “à afluência de turistas a núcleos receptores que oferecem como produto essencial o legado histórico do homem em distintas épocas”. Em ações que demonstram concordar com o autor, o Ministério do Turismo se refere à cultura como sendo:

A própria noção de cultura anteriormente ligada à idéia de civilização ampliou-se e passou a incluir todas as formas de ser e fazer humanos. Dessa forma, entende-se que todos os povos são detentores de cultura. Esta é definida como ‘a totalidade ou o conjunto da produção, de todo o fazer humano de uma sociedade, suas formas de expressão e modos de vida’⁸⁶. (BRASIL, MTur, 2006, p. 9).

⁸⁶ BRASIL. Sustentabilidade sociocultural: princípio fundamental. MTur: Brasil, 2006.

É com base nessas afirmações que esta pesquisa situa o Estado do Acre na região amazônica, com sua população detentora de uma cultura regionalizada com símbolos de identidade que dão idéia de pertencimentos e interdependências, cujas complexidades envolvem o natural e o sociocultural, e merecem serem compreendidas dentro do contexto amazônico, sem dissociar os elementos naturais dos socioculturais. Na busca por essa compreensão da identidade cultural, realizou-se um estudo sobre a Amazônia com olhares ambientais e culturais, o qual, primeiramente, reportar-se à divulgação dessa região da América do Sul muito como a maior maravilha da natureza, buscando respostas para a seguinte questão: Que vantagens e desvantagens poderá haver em divulgar a Amazônia como a maior maravilha da natureza, isso é bom ou não para a região?

5.1 Amazônia: A Maior Maravilha da Natureza *versus* Amazônia: A Maior Maravilha para a Humanidade?

Destacar a Amazônia como o “pulmão do mundo”, e até como a “Maior Maravilha da Natureza” sem ressaltar a cultura, contribui para aguçar a cobiça daqueles que buscam a sua internacionalização, por isso seria mais interessante dizer: “Amazônia é a Maior Maravilha para a Humanidade”. Tendo em vista que no cenário internacional perdura a visão conservacionista atrelada à crença de que a floresta amazônica é fornecedora de oxigênio para a atmosfera, contradizendo o que diz os ecólogos de que a floresta amazônica é auto-sustentável⁸⁷, pode-se dizer que a Amazônia não deve ser considerada “pulmão do mundo”, uma vez que, sua produção é para o consumo dos seus ecossistemas e zonas de transição – pantanal e cerrado. São incoerentes os brasileiros quando destacam na mídia somente os aspectos relacionados à beleza e exuberância de seu patrimônio natural desprezando a culturalidade nela existente.

⁸⁷ Mais informações em DIAS-FILHO. Moacyr Bernardino. A fotossíntese e o aquecimento global. Belém: Embrapa Amazônia Ocidental, 2006. Disponível em: http://www.diasfilho.com.br/Global_warming_Moacyr_DiasFilho.pdf.

Historicamente a Amazônia sempre esteve ligada à natureza por ser considerada uma das últimas reservas mundiais de recursos naturais e florestais, com os ecossistemas mais ricos e preservados do planeta. Ela é de encher os olhos de qualquer turista, pelo seu ambiente de características peculiares. Por isso fazer turismo na região é sempre uma aventura gratificante, seja nas praias, nos rios, nas ilhas ou nas matas interagindo com a natureza e com seus habitantes. Como se não bastasse, a imensidão de florestas, a amplitude dos rios e a diversidade de fauna e flora, esse cenário abriga uma diversidade cultural muito significativa e única já que os povos que nela habitam desenvolveram um modo peculiar de sobrevivência e vivência florestal.

O propósito desse estudo é analisar a cultura amazônica e sua contribuição para o desenvolvimento do turismo cultural e quais atrativos ela pode oferecer para a área de turismo. Busca-se mostrar também como a cultura regionalizada, construída com as práticas a ela associadas, credita para o presente cultural o existente no imaginário adquirido através dos mitos, lendas, contos, crenças, saberes e dizeres. Acredita-se que essa cultura proveniente do imaginário e dos lugares da memória dos amazônidas ressalta uma cultura inclusiva e atuante que prioriza o saber específico cultural, a vivência para a sobrevivência sem prejuízo para as particularidades de sua vida diária. Segundo Geertz (1975, p.24), “Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis a cultura não é um poder [...] ela é um contexto dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível”.

Nessa perspectiva, a cultura repleta de símbolos e significados preservados, sobretudo na memória coletiva, reflete no construído como um produto da acumulação de experiências e criatividade dos seus habitantes, possibilitando a compreensão de que a cultura amazônica é legítima, uma herança, um legado para a humanidade como testemunho original dos seres vivos em seu habitat natural. A riqueza oferecida pelo meio e destacada pela área ambiental não impede que esses “saberes”, construídos pelas vivências e interações com a floresta, não sejam destacados e planejados para o desenvolvimento do turismo no segmento cultural. As construções humanas regionalizadas, as experiências, a oralidade e as manifestações culturais intrínsecas do homem amazônico são excelentes atrativos turísticos a serem desenvolvidos pelo segmento cultural.

A propósito, vender a Amazônia para o turista é algo fácil de fazer, pois sua atratividade é enorme, consiste em um dos mais preciosos patrimônios ecológicos

do planeta, porém, transformá-la em um produto turístico não é tarefa simples, visto que além da necessidade de haver o respeito pela herança cultural dos amazônidas, ainda necessita de severa observância na legislação ambiental que trata do respeito ao meio ambiente para que sua estrutura seja preservada e respeitada. Na atualidade a prática de turismo na região amazônica, que abrange estados e países vizinhos do Acre integrantes da Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico, é levada pelo modismo vendendo o ecoturismo com a proposta de sustentabilidade, que permite ao ecoturista conhecer locais de rara beleza, com boa receptividade, com guias treinados e locais que possuem menor grau de ações impactantes.

Esses locais de rara beleza, excelente receptividade, visitas guiadas, fauna e flora abundantes e de fácil visualização, no entanto, são localidades ecoturísticas “mascaradas”, isso devido a alguns fatores como: os animais do local que estão ali porque foram atraídos com alimentos para os turistas poderem fotografá-los, ou seja, são simplesmente prisioneiros funcionais os quais se encontram naquele local por serem habituados à comida fácil, as construções são apenas modelos de habitações de nativos, a culinária é importada porque o *chef* (cozinheiro) o é, os gestores do turismo são empresas estrangeiras ou terceirizadas, os guias falam a língua nativa com sotaque porque não são da comunidade local, as atrações turísticas não mostram a cultura da localidade, pois são adaptadas ao gosto do turista. Isso demonstra que o turismo regional não é regionalizado, e dessa forma o ecoturismo é “tudo” menos ecoturismo.

A prática do ecoturismo, na verdade, deve prioritariamente respeitar o meio ambiente, observando a legislação ambiental e respeitando as características básicas da localidade, sem inserir modismos e modelos exógenos à realidade local. Certamente, o ecoturista, que segundo pesquisas é uma pessoa bem informada, percebe quando o local é autêntico e quando isso acontece, ele simplesmente retorna, e ainda recomenda o destino para os parentes e amigos.

Para além das riquezas naturais inigualáveis, a Amazônia apresenta vastíssima potencialidade tanto no setor turístico quanto nos outros setores produtivos. A inestimável reserva ecológica atrai turistas do mundo inteiro ávidos por conhecer a exuberante floresta e a grande variedade da fauna e flora, elementos que a fazem ser considerada o "pulmão do mundo". Por essas características se conhece a Amazônia, e quase nada ou nada se sabe da cultura amazônica, das

pessoas que nela vivem e como interagem com seu meio. Quando raramente encontra-se algo pertinente, se resume a argumentos que demonstram um conhecimento de concepção externa ao meio ou com base na cultura dos centros urbanos, diferentemente, daquele que é concebido com conhecimento da realidade local baseada na cultura das populações tradicionais, os indígenas, os ribeirinhos, os extrativistas que detém a expressão mais autêntica da identidade local.

Como exemplo de opiniões externas sobre os amazônidas, Loureiro (1992) se refere à cultura das pessoas residentes na região amazônica como a falta de consciência de sua própria realidade:

...a cultura amazônica revela características próprias das regiões carentes e periféricas sujeitas a sofrerem os impactos do colonialismo cultural e a sofrerem as consequências da alienação, ou seja, da falta da consciência de sua própria realidade (LOUREIRO, 1992, p.180).

Por isso, acredita-se que para tratar da cultura na Amazônia é necessário conhecer, e entender sua dinâmica, seu movimento, fazer uma leitura conjuntural para compreender sua ação e intervenção, além disso, discutir e refletir a finalidade político-social, o contexto local e a intencionalidade, concepções e valores. A Amazônia é diferente e seu o turismo também precisa ser, ela pode desenvolver todos os segmentos do turismo, mas de forma diferenciada daquela que é desenvolvida nas demais regiões.

O ecoturismo quando praticado corretamente é uma maneira de preservar o ambiente natural e o destaque turístico para a cultura do homem amazônico pode ser um mecanismo de defesa de suas riquezas naturais. Nessa medida a contribuição do turismo cultural ao se apropriar de seus bens como atrativos turísticos, contribui para sua conservação, valorização e promoção dos bens materiais e imateriais construídos ao longo dos anos.

O turismo e o marketing integrados aos estados e países integrantes da Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico visa promover a região como produto turístico nacional e internacional de excelência para as atividades turísticas socioculturais e ambientais, inserindo modelos de iniciativas que desenvolvem o turismo regionalizado característicos da região, juntamente com o planejamento, critérios e normas contextualizadas. Para que assim as aplicações turísticas

contribuam para o conhecimento e valorização dos saberes populares tradicionais dos povos da floresta e promova sua conservação para a humanidade.

Prioritariamente, o trabalho que está sendo desenvolvido na região amazônica durante o ano de 2009, difere dos referenciados anteriormente do ano de 1999 e 2003, uma vez que suas ações têm a propensão para o meio ambiente e a cultura, um bom exemplo disso é a cidade de Rio Branco onde está sendo trabalhada a cultura com câmaras temáticas, e os segmentos culturais fortalecidos preservam a cultura existente se preparando para o turismo racional.

Atualmente, os projetos, programas e eventos programados realizados pelos órgãos gestores de turismo buscam de alguma forma inserir educação ambiental nas atividades. As iniciativas de integração das regiões vizinhas ao Acre, tendo o turismo como instrumento básico, trazem o benefício da elaboração de roteiros e produtos regionalizados de maior identidade amazônica feitos com critério e responsabilidade, traduzindo a Amazônia como a Maior Maravilha para a Humanidade.

5.2 A vivência e interação do homem com a floresta amazônica

Na Amazônia as relações socioculturais estão intrinsecamente entrelaçadas com o meio ambiente, em que a cultura não é um poder que manobra os comportamentos, os acontecimentos sociais, as instituições ou os processos da vida produtiva, é um contexto no qual as relações sociais e culturais acontecem motivadas pelo meio e contribuem para o processo de formação dos indivíduos. A influência do meio ambiente amazônico, contidas na vivência com os seres reais e os que povoam o imaginário (as lendas, mitos, crenças) e as relações sociais com as pessoas contribuem para formar uma identidade regionalizada e identificar a floresta como uma espécie de escola que educa para a felicidade, para o viver feliz em que a satisfação do florestano se resume em obter o essencial, o necessário para sua sobrevivência com dignidade. Isto não significa que o habitante da floresta não queira o melhor para si e sua família, na verdade, o melhor, em questão, é a vida digna.

Esta recorrência de atitudes pautadas nos valores e práticas sociais é precedente de uma educação voltada para os conhecimentos básicos de uma vida comunitária, apreendida com os pais, com a vida familiar e com seu habitat natural, ou seja, é uma aprendizagem que se dá pelo exemplo e experimentação. Para os indígenas a tradição cultural dos antepassados tem valor fundamental na aprendizagem para a vida, as famílias das populações tradicionais vivem em regime semi-comunal, o que uma família produz divide ou troca com os vizinhos, a caça e a pesca são divididas e a colheita é moeda de troca. Desde cedo a criança aprende a preservar e respeitar o trabalho e a oralidade, o que é falado pelos mais velhos. Valorizam-se os afazeres domésticos e a ajuda dos filhos aos pais na lavoura como processo educativo de aprendizagem e preparação para a vida produtiva adulta.

As crianças brincam com o que mais gostam e se identificam, fabricam seus próprios brinquedos, na verdade, instrumentos de trabalho dos adultos miniaturizados, arco, flecha, canoas, remos, cestos, armadilhas de caça e de pesca, aprendem a andar na mata, reconhecer e se esquivar dos animais nocivos, elas brincam e com isso se preparam para a vida, uma preparação na qual o simples sustento da própria vida e da família traz dignidade e felicidade. Os pais indígenas não ensinam os filhos a ganhar dinheiro, porque não veem no dinheiro a felicidade, ensinam o valor fundamental da terra e do sustento da família, pois ela propicia a vida tranqüila e feliz.

Com relação às populações ribeirinhas da Amazônia, nota-se o mito é um elemento fundamental para compreender a processo de construção da identidade, decorre do imaginário as lições de vida para vencer as contradições e a complexidade dos problemas e desafios da realidade, do mundo físico construído. As histórias do boto, da cobra grande, do curupira, do mapinguari e outros seres mitológicos da floresta são construídos no imaginário popular para preservação dos valores sociais relativamente discriminados e para a preservação da natureza.

Isso pode ser percebido na lenda do boto que engravida a jovem incauta, pois há uma preservação da jovem e da família da vergonha e desprezos públicos, pelos valores morais tradicionais constituídos a jovem que engravida sem ter um marido, deve ser lançada fora da família para salvar a honra dos pais. Outra lenda é da Mãe-da-mata que preserva a natureza porque protege os animais da caça-crime predatória. A caça com cachorro é injusta, porque o cachorro treinado fareja e denuncia a caça escondida em sua própria casa para que o caçador a mate.

Quando o caçador caça desnecessariamente e costumeiramente com cachorro, a Mãe-da-mata aparece e açoita violentamente o animal, sem que seu dono saiba de onde vêm os açoites, o animal, com medo, volta para casa correndo. Nesse sentido, observa-se que o alegórico preserva a identidade construída no vivido, os realismos e narrações fictícias transpõem o imaginário, o lendário e o mítico para o que é real e assim as narrativas místicas perpetuam-se nas culturas e valores. Tais ensinamentos e expressões lendárias traduzem a cultura popular com significados permanentemente atribuídos ao mundo, como defende Cavalcanti (2001, p.72):

Cultura não são comportamentos concretos, mas sim significados permanentemente atribuídos pelos homens ao mundo. São fatos e processos que atravessam as fronteiras entre as chamadas cultura popular, erudita, ou de massa, e mesmo os limites entre as diferentes camadas sociais. São veículos de relações humanas, de valores e visões de mundo.

Por serem veículos de relações humanas e visões de mundo diferentes, o mítico, o folclórico e o imaginário não são devidamente valorizados pelas populações dos centros urbanos como o são pelos da zona rural. Apesar da crença e respeito, as populações dos centros urbanos amazônicos os banalizam e vulgarizam os elementos do imaginário social tradicional rural, ou ainda, de forma mercantil, os reproduzem “caricaturizados”. Em outras palavras, mostram e transformam em simples figuras “folclorizadas” e às vezes até ridicularizadas os elementos do imaginário social, simbólicos, repletos de conhecimentos e sabedoria das populações tradicionais. Os mitos, lendas, folclore, conhecimentos, tradições, usos e costumes, a música, a poesia, os contos, as artes plásticas de naturezas mortas da floresta, e o artesanato amazônico devem ser respeitados visto que são elementos de identidade e cultura regionais.

No Acre as expressões “Governo da Floresta”⁸⁸, “Florestania”⁸⁹ e “Novo jeito de Caminhar”⁹⁰ são como as luzes da poronga⁹¹ nos varadouros⁹² da sua

⁸⁸ Designação dada para a gestão do governo do Estado do Acre desde 1992.

⁸⁹ A palavra “*Florestania*” nasceu no Acre. Um de seus criadores, o jornalista e escritor Toinho Alves, explica que surgiu quase como uma brincadeira nos anos 90. Após passarem 15 anos andando pela floresta conversando com índios, seringueiros e ribeirinhos num trabalho desenvolvido por uma organização não governamental, ele e outros jovens militantes estavam envolvidos nas discussões do planejamento estratégico, quando um dos membros do grupo, Jorge Nazaré falou: - *Cidadania? Isso é coisa de gente da cidade. Aqui na Amazônia o que nós precisamos é de florestania.* Mais informações em (www.ac.gov.br/bibliotecadafloresta/biblioteca).

identidade, aumentando as esperanças de construção de uma sociedade amazônica original inspirada na história, na cultura e valores culturais tradicionais. Naturalmente, estes referenciais culturais amazônicos regionalizados dos povos da floresta, na verdade, são buscas por formulação de políticas públicas que valorizem a história e a cultura, não para glorificar a lógica dos “colonizadores” de conhecer para dominar, mas de “descobrir” que o isolamento, a baixa densidade demográfica e o pouco desenvolvimento globalizado contribuíram para a formulação de identidades culturais capazes de provocar mudanças de paradigmas.

A política governamental acreana do final da década de 90 agiu acertadamente quando associou a política de comunicação do Estado às ações da Educação e da Cultura, gerando na sociedade a consciência de suas raízes e da necessidade de preservação da cultura e do meio em que vive. Nesse contexto, a comunidade aceita as "diferenças" e se desperta não para encontrar o caminho certo, mas para um novo jeito de andar neste caminho. O índio ou o seringueiro enquanto Secretário de Estado traz para o debate institucional e público o jeito de viver de seu povo ao mesmo tempo em que direciona as políticas públicas para o fortalecimento de suas comunidades. Isso gera na comunidade sentimentos de apropriação, de defesa das convicções e de valorização da cultura.

Com relação ao turismo na região, a modalidade que mais se destaca é a de natureza, tanto pela divulgação como pelos equipamentos existentes. O estado do Amazonas é o que mais se destaca nesta área, foi pioneiro em ofertar alojamentos de selva, os *lodges* ou hotéis de selva, empreendimentos construídos no meio da selva, nas margens dos rios ou em palafitas sobre as águas tranqüilas de um lago. Os *resorts*, em sua maioria, são espalhados em bangalôs individuais com um salão

⁹⁰ Refere-se à ideologia adotada pelo Governo do Estado do Acre para desenvolver seu plano de governo inspirado no poema “Volto Armado de Amor” do poeta Thiago de Melo e utilizado como epígrafe deste capítulo.

⁹¹ Parecida com a lamparina a poronga é de confecção caseira feita de folhas de zinco importado tem um recipiente para o combustível e um bico por onde sai pavio feito de algodão que umedecido provoca uma chama tênue, ao lado do pavio uma pequena lâmina ovalada tem a função de impedir que a chama acendida se apague ao caminhar. Todo esse instrumento é assentado sobre uma espécie de coroa que acoplada à cabeça do seringueiro o permite andar na mata e fazer o corte da seringa com mobilidade, luminosidade e sem que ela caia de sua cabeça.

⁹² Expressão muito utilizada no Acre e sul do Amazonas se refere aos caminhos abertos na mata capaz de dar passagem somente a pessoas e no máximo animais de cargas. Na época da colonização eram os únicos meios de acessos de uma a outra colocação de seringueiros. Os varadouros sinalizam o trajeto de uma futura estrada. No texto, com apelo ao subjetivismo, significa os caminhos.

central para refeições e festas, cuja cozinha dispõe de iguarias para todos os gostos desde os mais simples, caboclo, regional aos mais sofisticados da cozinha internacional. Contam com passeios em trilhas interpretativas, arborismo, *rapel* em árvores, passeios de barcos e outras atividades turísticas recreativas acompanhadas de guias regionais ou condutores locais.

Porém se o turista se interessar por lugares com estruturas mais rústicas e com interação comunitária existem locais que oferecem estes equipamentos e serviços, em que as habitações são simples, sem luz elétrica, lugares onde se acende lamparinas e se dorme em redes. No Acre, por exemplo, já existem pousadas de muito bom gosto, nas quais o turista pode passar dias agradáveis de interação com a natureza e com as comunidades locais. Isto se difere do turismo desenvolvido no Amazonas e na região de Madre de Dios, uma vez que, na maioria dos casos, os bangalôs são assistidos por empresas terceirizadas e a comunidade fica distante. Nesse aspecto, o turismo em Xapuri, mais especificamente, no Seringal Cachoeira, no momento, é o que mais se destaca no turismo vivencial ou experiencial e onde se encontram as maiores evidências da vivência e interação do homem com a floresta amazônica.

5.3 A cultura acreana e amazônica desmistificada: uma perspectiva inclusiva e atuante

Considerando a singularidade da cultura acreana como algo que pode ser captado e entendido a partir de um conjunto de variáveis socioeconômica, étnica e cultural distintos absorvidos na dinâmica de sua histórica e na construção de uma sociedade surgida em diferentes épocas, procurou-se tecer uma discussão a respeito da promoção da cultura amazônica na perspectiva inclusiva e atuante como recurso de preservação da Amazônia através do turismo cultural regionalizado em que as identidades notadamente marcadas por uma relação de contraste permitem a sublevação de um grupo e a negação de outros. Como por exemplo, no conflito entre colonizadores e exploradores da borracha e os índios que habitavam o território em disputa pelos recursos econômicos, ocasião na qual os povos indígenas quase foram extintos, não o sendo, porque se refugiaram no interior das matas.

Anos se passaram, os índios continuaram no interior das matas e as terras ocupadas pelos seringalistas do final do século XIX foram sendo tomadas por fazendeiros “paulistas”⁹³ provenientes do centro e sul do país que chegaram ao Acre no início da década de 70 com a intenção de criar gado. Houve conflitos entre pecuaristas e extrativistas que sobreviviam da coleta do látex das seringueiras e da castanha. Cessado as tensões os pecuaristas utilizam as áreas degradadas para criação do gado e os seringueiros habitam as reservas e projetos de assentamentos agroextrativistas. Há o prenúncio de uma nova fase em que a política ambiental consiga mudar os costumes da produção agrícola e agropecuária e as pessoas passem a empregar novas técnicas de plantio e criação de gado mais voltadas para a preservação ambiental.

A identidade étnica pode-se associar às terras indígenas, a de nordestinos e seringueiros aos seringais nas reservas e projetos de assentamentos agroextrativistas, a dos colonos sulistas aos projetos de assentamentos do INCRA, os pecuaristas às propriedades privadas compostas de áreas degradadas e os cidadãos das cidades – em sua maioria oriundos dos seringais, reservas extrativistas, e de outras regiões do Brasil e de outros países como os sírio-libaneses, os alemães, africanos e outros – aos habitantes urbanos. Pode-se perceber que os elementos que formam as identidades acreanas receberam influências de grupos sociais de diferentes origens em momentos variados da história, sintetizando-se em um mosaico de identidades.

Porém, essa mistura de origens não significou uma identidade significativamente diferente dos primeiros habitantes, os indígenas e os extrativistas que convivem e sobrevivem na floresta. Na verdade, esse processo de criação de identidades por meio de relações de poder, de interação com o meio, de relações práticas econômicas, sociais, políticas e culturais possibilitou uma identidade que consorcia saberes tradicionais, comunidades empoderadas e domínio de conhecimentos e técnicas científicas e tecnológicas avançadas e globalizadas. Com isso, a identidade acreana florestal tradicional é percebida na culinária, na língua, nas manifestações culturais, nas paisagens culturais e no modo de viver e ver a vida. A identidade acreana florestal também está presente nas cidades, sendo

⁹³ Eram assim designados, de forma genérica, todos os imigrantes da década de 70 e 80.

facilmente notada ao verificar que prédios, monumentos e espaços públicos homenageiam elementos da natureza.

Nesse sentido, citam-se a Biblioteca da Floresta – um espaço que traduz modernidade, tradicionalismo e tecnologia, a Gameleira – uma árvore lendária e um espaço de lazer, a Casa dos Povos da Floresta – edificada no formato de uma maloca indígena que expõe os mitos e lendas do Acre, o Museu da Borracha, a Praça Povos da Floresta e o Parque Urbano Capitão Ciríaco – um seringal localizado no centro da capital acreana onde existem mais de 600 seringueiras plantadas e um seringueiro que executa o processo de extração do látex todos os dias. Dessa forma, é possível inferir que as identidades se completam quando são estabelecidos laços de identidades aos territórios ocupados ou construídos socialmente, tendo como primordial para seu destaque e manutenção o papel que os atores políticos e sociais desempenham no processo.

Dentro dessa percepção de identidades e territorialidades Guatarri (1996) explicita que “O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente 'em casa'”. Tais pressupostos sobre a identidade cultural acreana amazônica possibilitam saber que ela tem suas interpretações personificadas nos elementos identitários culturais, significativos da região amazônica e sua complexidade envolve o natural e o sociocultural e merece compreensão contextualizada sem dissociar os elementos naturais dos socioculturais. A cultura amazônica não deve ser banalizada pelo discurso ambiental externo, ela “[...] é como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis que expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade”. (GEERTZ, 1975, p.24).

Neste sentido, poderemos compreender como os grupos sociais ordenam e sistematizam o seu mundo, qual é a ideologia que identifica o grupo, quais são os princípios que organizam seu universo simbólico e o tipo de poder que influencia suas ações e marcam suas opções e comportamentos em relação ao espaço e a constituição dos territórios urbanos. A vivência nesta coletividade, buscando o reconhecimento social, significa, portanto, aderir ao seu sistema de valores e desempenhar comportamentos para cumprir o papel social que foi designado pelo grupo. Nisso os usuários obedecem às regras sem necessariamente dar-se conta, pois o padrão está internalizado e, para obter o reconhecimento da coletividade e aproveitar-se das relações sociais profundamente marcadas pela personalidade, não

se deve transgredir as regras culturais, mas adequar-se ao modo de vida coletivo como as teias de significados citadas por Geertz (1975, p.15):

... o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.

Por conseguinte, entende-se que o emaranhado de teias e seus significados igualam-se ao meio ambiente, palco da cultura, ao homem, o ator por excelência desse cenário, e a própria relação homem *versus* ambiente cultural uma ciência à procura do significado que sendo pública, não há como esconder o que foi construído ao longo dos tempos nem sua ação simbólica impregnada de significados, ambos, meio ambiente e homem estão intrinsecamente relacionados. Portanto, não há como falar da Amazônia destacando apenas os recursos naturais esquecendo-se das pessoas que nela habitam e todas as relações socioculturais e econômicas existentes.

Há de se considerar que a visão sobre a Amazônia que busca valorizar sua biodiversidade, e a destaca somente como maior floresta tropical do planeta, rica em águas, de solos agricultáveis e de riquezas minerais inigualáveis, sem ressaltar a relação sociocultural existente é prejudicial para o amazônida e para a Amazônia. Essa visão fragiliza a Amazônia, deixando-a vulnerável às investidas internacionais e também nacionais no sentido da necessidade de ocupação e apropriação, além de ser uma forma de discriminação para com a sua população. Diante disso, entende-se que a sua cultura deve ser ressaltada juntamente ao discurso de proteção do meio ambiente com toda propriedade merecida. Um destaque interessante seria combater a idéia de que a Amazônia é praticamente desabitada, que existe um vazio demográfico na região. Gonçalves (2008) em sua mais recente obra: “Amazônia, Amazônias”, trata com muita propriedade desse assunto, defendendo que ela não é um vazio demográfico e cultural, ela é habitada e seus habitantes merecem ser respeitados e ouvidos quando forem pensados quaisquer tipos de investimentos para a região:

Uma das imagens mais arraigadas no que tange à Amazônia é a de que se trata de uma região de baixa densidade demográfica, de um vazio demográfico [...]. Afinal, a densidade demográfica da Amazônia é baixa em relação a quê, se em determinadas circunstâncias há até população excedente? [...] sempre se ignoram as populações amazônicas, particularmente, os indígenas, os caboclos e demais trabalhadores agroextrativistas que, desse modo, não são contemplados devidamente nas diversas perspectivas de desenvolvimento para a região. Preferindo-se falar em vazio demográfico (e cultural). (GONÇALVES, 2008, p.33-38).

A população externa ao ambiente amazônico deve reconhecer que os saberes tradicionais e culturais do povo dessa região são importantes para toda a humanidade. Seus costumes, crenças e valores são prejudicados pelo crédito nos saberes científicos e descréditos nos saberes tradicionais. A idéia é desmistificar a Amazônia, valorizar o ambiente sem desprezar a cultura da população existente. O amazônida é profundo conhecedor do lugar onde vive e depende desse conhecimento para sobreviver, detém um *saber-fazer* empírico, baseado no senso comum que o ajuda a viver. Em seu ambiente, ele faz porque sabe fazer, mesmo não sabendo dizer por que faz, ao passo que o *fazer-saber* científico diz como fazer, mas o *fazer* fica prejudicado pela deficiência prática. Um exemplo disso é que o habitante das matas orienta-se nela utilizando os elementos da natureza sol, lua, vento, animais, embora não saiba explicar com cientificismo o ocaso do sol, as fases da lua e a origem dos ventos, mas dentro da mata ele é um mestre.

Vale ressaltar que as pessoas cometem um equívoco quando afirmam que a Amazônia é um território desconhecido, quando, na verdade, ela é profundamente conhecida por seus habitantes, os amazônidas. Ela é desconhecida para aqueles que tiram conclusões sobre ela, sem consultar seus habitantes. Se um estudo for feito a partir dos amazônidas, haverá a compreensão de que a evolução da região acompanha a de sua população, visto que uma não surgiu antes da outra. Em um estudo sobre os geoglifos existentes no Acre, Ranzi & Aguiar (2004, p. 33-34) afirmam que a vegetação predominante na região há 11 a 12 milhões de anos, era a savana⁹⁴, nada parecida com a floresta amazônica. Sendo assim, como explicar na região a presença de espécies e elementos da fauna e flora reconhecidamente de outros biomas e continentes? Tais pressupostos nos levam a pensar que, pessoas e floresta Amazônica surgiram concomitantes uma à outra.

⁹⁴ Uma vegetação composta de gramíneas, com algumas árvores esparsas e arbustos isolados ou em pequenos grupos, típicos das zonas de transição entre bosques e prados

Se antes de reconhecer a Amazônia em toda sua extensão, como um espaço territorial, relativamente único no mundo, de belezas e valores naturais inestimáveis, cujas qualidades fomentam a idéia de muita riqueza sem dono, sendo este um fator preponderante para atrair a cobiça das pessoas que depredam o patrimônio, forem reconhecidos os amazônidas sua historicidade e culturalidade, a Amazônia estará naturalmente protegida. Pactua deste raciocínio de que divulgar as belezas amazônicas desprezando a cultura do povo fragiliza a região, Fleischfresser (2006, p.2), defende: “Tal situação torna a Amazônia uma fronteira de ocupação, que atraem aventureiros e empresários socialmente irresponsáveis que estão se apropriando de modo ilegal e violento do nosso patrimônio natural”.

Por isso, é imprescindível o rompimento de barreiras e preconceitos com relação ao seu povo que não cursou faculdade, mas é capaz de levar um “doutor” a lugares na floresta que sozinho não conseguiria chegar. Na verdade, o caboclo em seu território, pode levar à solução de problemas que os estudos universitários não podem resolver, porque lhes faltam a vivência. Se houver o entendimento de que o povo também é portador de conhecimentos que contribuem para a manutenção e preservação do meio ambiente a possibilidade de encontrar soluções para preservação ambiental é maior.

Entretanto, o destaque que a mídia externa dá à Amazônia como se ela fosse o único pedaço preservado da face da terra, sem citar a presença humana e a cultura existente, é uma visão que favorece os capitalistas estrangeiros que visam o lucro fácil sem os cuidados ambientais e contribuem para a proliferação das Organizações Não-governamentais (ONGs) estrangeiras que “invadem” a floresta amazônica, sem a legitimidade das populações e dos movimentos sociais organizados. Quem determina o que a Amazônia precisa? A população ou as ONGs internacionais? Porque a Amazônia não é tratada e representada pelas instituições, sindicatos e associações instituídas pelos próprios amazônidas? Tais agremiações sociais legitimadas por indígenas, ribeirinhos e extrativistas devem atuar onde as organizações não-governamentais atuam. Aliás, o combate à questão de internacionalização da Amazônia pode ser conseguido com o fortalecimento das comunidades e movimentos sociais.

Na verdade, a presença de algumas ONGs de origem internacional que desenvolvem projetos ambientais, elaborados por quem não conhece verdadeiramente a região, formaliza a idéia de abandono por parte do governo

brasileiro e legitima uma ação radical sobre a soberania do Brasil para com a Amazônia. Não há como negar que a região tem cultura e identidade, se em outras regiões os canais de televisão são nacionais, a Amazônia possui um canal de televisão pública que transmite permanentemente vinhetas sobre a cultura dos povos da região, seus produtos e riquezas naturais ⁹⁵. Os problemas amazônicos devem ser tratados com a complexidade que merecem por quem os conhecem, pois qualquer sociedade se desenvolve de conformidade com seu ambiente.

É importante pensar a Amazônia a partir de um sentido novo de soberania, com a consciência de que ela não é uma ilha no universo, ela integra um todo, bem maior, que é a humanidade, isso dá a idéia de pertencimento e legitimidade amazônica e a interdependência que torna os seres mais humanizados, apesar de globalizados. Assim, quando as pessoas passarem a pensar a região numa perspectiva mais inclusiva e atuante a cultura amazônica e acreana com seus símbolos identitários, serão desmistificados, valorizados e respeitados. Daí surge a necessidade de uma política alternativa nacional que estimule o diálogo entre as populações locais, para seu fortalecimento por meio da comunidade científica brasileira, e então o *fazer-saber* complementar-se-á com o *saber-fazer* e a diversidade e cultura encontrarão seu lugar. A questão é criar novos paradigmas em que os valores culturais identitários sejam potencializados, conhecidos e percebidos como agentes de vanguarda da Amazônia.

⁹⁵ AMAZON SAT - Um canal temático brasileiro que trata especialmente de temas amazônicos, pertence à Rede Amazônica de Rádio e Televisão composta de mais de cinco emissoras: TV Amazonas, TV Rondônia, TV Roraima, TV Acre, TV Amapá, afiliada à Rede Globo de Televisão.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa apresentou como principal objeto de estudo a Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico, além de promovê-la a partir da compreensão de sua magnitude, tanto pelo segmento econômico, social e cultural quanto para o futuro desenvolvimento do turismo no estado, buscou-se apresentar e analisar as possibilidades de desenvolvimento do turismo cultural na região da Amazônia onde se localiza o Vale do Acre no Estado do Acre. Primeiramente, identificou-se física e economicamente, seu trajeto, as obras que estão sendo construídas para sua real conclusão e as cidades que compõem seu percurso perpassando as fronteiras brasileiras, concentrando-se em dez cidades que integram a rota turística na região do Vale do Acre.

Para tanto, foram realizadas pesquisas bibliográfica e de campo no sentido de identificar a vocação turística dessa região e assim fazer notórios os focos culturais, os patrimônios e eventos existentes que possam ser trabalhados com fins turísticos e como contribuição para o setor de preservação da história e da cultura acreana indicá-los para fins de tombamento. Fez-se ainda, uma avaliação dos aspectos positivos e negativos das cidades inseridas no trajeto da rota turística voltados para a otimização para o turismo, acreditando ter contribuído para uma análise crítica que poderá resultar no aprimoramento delas para a atividade turística.

O estudo possibilitou ainda reconhecer que a iniciativa de transformar um empreendimento meramente político estrutural e econômico como a Estrada do Pacífico ou *Carretera Interoceánica* como é conhecida pelos peruanos, traz a possibilidade de desenvolvimento do turismo nacional e internacional e de interação socioeconômica e cultural entre dois países que apesar de vizinhos fisicamente eram estranhos cultural e socialmente. Com o turismo inserido na obra da Estrada do Pacífico as fronteiras socioeconômicas e culturais estão se estreitando e já se percebe a vontade política no limiar da questão. Estão acontecendo mais eventos de caráter tri-nacionais tanto no Brasil como nos outros dois países inseridos no empreendimento, Peru e Bolívia. Como exemplo dessa interação social podem ser citados eventos recém realizados em Rio Branco, em Cuzco, Lima, La Paz com grande participação de autoridades peruanas, bolivianas e brasileiras como o Fórum de Magistrados, Segurança Pública e Polícias dos três países realizado em Rio

Branco, A Semana da Amazônia Brasileira em Cuzco, o Fórum MAP (Madre de Dios – Peru, Acre – Brasil e Pando – Bolívia) e outros que acontecem no Brasil, Peru ou Bolívia.

O que se espera é que não somente o Peru seja inserido no processo de integração que a região está experimentando em decorrência da Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico, mas que a Bolívia também saia da letargia em que se encontra e participe efetivamente do processo. Certamente, a população boliviana espera que isso aconteça, faltam, entretanto, iniciativa e vontade política.

Outro aspecto favorecido com esse estudo foi o entendimento de determinados fatos da história do Acre como símbolos de identidade cultural presentes na memória e que se destacam como principais agentes potencializadores do turismo regionalizado. Ao estudar memória e identidade surgiu a questão do compromisso de desenvolver o turismo com responsabilidade e sustentabilidade sociocultural para que não se comprometam as melhorias duradouras da qualidade de vida das pessoas e o turismo seja organizado de forma sustentável. Portanto é importante, destacar a importância da relação entre turismo, cultura e comunidade local, a promoção e manutenção da dinâmica cultural e permanência no tempo, a apropriação dos elementos simbólicos de identidade do povo acreano que conferem dignidade e orgulho ao seu povo, como a história de conquistas do território, a bandeira do Estado e a vivência e interação do homem com a floresta.

Percebeu-se que a sustentabilidade sociocultural do turismo como harmonização entre o ambiente preservado, cultura e comunidade local são fundamentais para o desenvolvimento e garantia do êxito de uma localidade turística, por isso o turismo deve exercer a função protetora e potencializadora das culturas locais, incentivando a valorização e o respeito delas por parte dos turistas. A sustentabilidade só será alcançada se nesse processo, forem valorizados também o patrimônio histórico e cultural com a preservação dos usos, costumes e tradições locais, o resgate e divulgação das memórias sociais, incluindo as manifestações artísticas, e a devida valorização da arte em suas diversas modalidades, pois em todo o processo, torna-se indispensável a participação da comunidade, em seus variados segmentos, no pleno exercício da cidadania.

Vale como sugestão e recomendação um maior incentivo às publicações científicas para que a história acreana seja melhor trabalhada e aproveitada nos

projetos do setor turístico e o seu *trade* turístico obtenha tais conhecimentos e o transformem em produtos turísticos economicamente viáveis. Nesse sentido, destaca-se o aproveitamento dos espaços públicos para fins turísticos, citam-se como exemplos o Bar Municipal, o Casarão que será brevemente revitalizado, o Seringal Bom Destino, a cidade cenográfica da minissérie Amazônia da Rede Globo de Televisão no Quixadá, o seringal Icuriã em Assis Brasil e tantos outros de grande importância para a cultura e o turismo acreano.

Discutiu-se também o lugar da cultura e do turismo cultural, da religiosidade amazônica e da sustentabilidade sociocultural do turismo no ambiente em que as tendências de desenvolvimento do turismo convergem mais para o ecoturismo. Foi possível entender que a cultura não é um poder ao qual se atribui acontecimentos diversos, ela é um contexto dentro do qual podem ser descritos e discutidos. No entanto, produtos “culturais” frutos de arranjos superficiais, reproduzidos para agradar são muito identificados no turismo e apresentados como culturas, porém, caricaturadas. Percebeu-se, nesse sentido, que sua identificação só é possível com a participação da comunidade, pois é ela quem conhece seu lugar, sua cultura e pode dizer o que não lhe pertence ou como quer que sua história seja tratada.

Por meio da participação da comunidade na pesquisa foi possível perceber, dentre outros fatores, que a participação das mulheres acreanas na história dos “empates” da década de 70 foi de fundamental importância, visto que eram elas que ficavam nas linhas de frente do movimento e participavam tanto da articulação quanto do apoio. Não é o caso da inexistência de registros, mas o de enfatizar dignamente o papel dos atores nesse processo. Talvez por querer resguardar a mulher de possíveis ataques, os homens não as deixavam ser fotografadas e seus nomes não são citados como articuladoras juntos “aos cabeças” do movimento. Elas andavam quilômetros de ramal, articulando o ajuntamento de pessoas para os empates. Nesse aspecto, observa-se que a proteção foi providencial, tendo em vista nenhuma mulher ter sofrido qualquer tipo de agressão em decorrência dos empates. Mas é digna de crédito a sua participação no histórico dos movimentos. Recomenda-se que um estudo direcionado a esse assunto seja realizado no sentido de resgatar a participação importante da mulher na história acreana.

A pesquisa também destacou a importância da cultura Amazônia, sendo ela a maior maravilha para a humanidade, como forma de protegê-la dos ataques externos à sua soberania ressaltando que apesar da imensidão de florestas a

Amazônia é profundamente conhecida pelos seus moradores e nela o conhecimento do amazônida supera o saber científico do “doutor”, é uma região muito habitada e impregnada de saberes. Embora pareça fácil, transformar a Amazônia em um produto turístico não é tarefa simples, pois além da necessidade de respeito pela herança cultural dos amazônidas, ainda é preciso uma severa observância na legislação ambiental para que sua estrutura seja preservada e respeitada. Sua cultura não aceita modelos de turismo exógenos estranhos à realidade.

Outro aspecto que torna essa pesquisa importante é o fato de ter possibilitado a visão de que a maioria dos turistas que vêm ao Acre o faz atraído por sua história, sua cultura, seu povo. Isso foi observado quando se perguntou aos turistas sobre o que gostariam de aprender com relação ao local visitado, e surgiram, essencialmente, respostas como, conhecer a história do Acre, conhecer a cultura das populações tradicionais, conhecer o Daime, a floresta, fauna e flora e a interação do homem com a floresta.

No entanto, por ser um empreendimento turístico novo, essa dissertação é precursora no debate da Estrada do Pacífico como produto turístico e por isso traz contribuições. Por outro lado, esse fato resultou em dificuldades em encontrar registros e pesquisas de possíveis impactos que a rota turística pode causar na região, como a exploração sexual, sucintamente abordado, a rota turística ser utilizada também para o narcotráfico, a própria cultura acreana vir a sofrer influências da cultura andina e pandina, e aqui alerta-se para a questão da língua, o português por ser mais frágil, tende a receber mais influências. Certamente estes são temas que podem ser abordados em outros trabalhos acadêmicos e científicos.

Assim, conclui-se este estudo defendendo a Rota Turística Internacional Amazônia-Andes-Pacífico como um produto turístico capaz de projetar o Acre no cenário internacional, de promover a integração e o desenvolvimento econômico da região e dos países fronteiriços da América do Sul, e, sobretudo como uma forma de destacar o turismo cultural amazônico regionalizado e proteger a Amazônia da ameaça de internacionalização, de ocupação sob a alegação de baixa densidade demográfica, da exploração desordenada de seus recursos naturais, considerando que todos esses fatores estão relacionados à cultura dos povos tradicionais que nela habitam. Espera-se que tais argumentos sejam os embriões de outros trabalhos e desdobramentos nessa área e em outras que se fizerem necessárias.

BIBLIOGRAFIA

ACRE. Governo do Estado do Acre. *Programa Estadual de Zoneamento Ecológico-Econômico do Estado do Acre: Zoneamento ecológico-econômico do Acre: - fase II - documento síntese*. Rio Branco: Secretaria de Meio Ambiente do Estado do Acre - SEMA, 2006.

ANDRADE, José V. *Turismo fundamentos e dimensões*. São Paulo: Ática, 2000.

ARAUJO, A. B. *Circuito caminhos da revolução: Rio Branco / Porto Acre / Seringal Bom Destino*. Rio Branco: [s.n.], 2003.

_____, A. B. *Circuito trilha da borracha: Rio Branco / Xapuri – Seringal Cachoeira*. Rio Branco: [s.n.], 2003.

_____, A. B. *Circuito caminho da integração: Rio Branco / Epitaciolândia / Brasília / Assis Brasil / Peru*. Rio Branco: [s.n.], 2004.

BENI, M. C. *Análise estrutural do turismo*. 10 ed. São Paulo: Senac, 2002.

CANCLINI, G. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

CARDONI, H. G. *A conquista do Acre: uma história em quadrinhos*. 2 ed. Curitiba: Linarth, 1986.

CAVALCANTI, M. L. V. C. Cultura e saber do povo. *Revista Tempo Brasileiro – Patrimônio Imaterial*, Rio de Janeiro, n. 147, 2001.

COSTA, C. B. *Responsabilidade social, responsabilidade sócio cultural no turismo*. Educação à Distância. CET/UnB, 2007.

DA GUERRILHA para o teatro. Outras palavras, Rio Branco, FEM/SEE. ano II, nº 14, p. 13, outubro 2001.

FARIAS, Rose. *Tela de Nossa Senhora da Seringueira será restaurada*. 2008. Disponível em: http://www.agencia.ac.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=3765&Itemid=26, Acesso: 28 abr. 2008

FILHO, Manuel Ferreira Lima & BEZERRA, Márcia (Orgs). *Os caminhos do patrimônio no Brasil*. Goiânia: Alternativa, 2006.

FLEISCHFRESSER, V. *Amazônia, estado e sociedade*. Campinas: Armazém do Ipê, 2006.

FUNDAÇÃO DE TECNOLOGIA DO ESTADO DO ACRE. *Manejo florestal sustentável na Amazônia brasileira: Floresta Estadual do Antimary – Acre – Brasil - Projeto PD 94/90 – ITTO*. Rio Branco. FUNTAC, 2004.

- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- GONÇALVES, C. W. P. *Amazônia, amazônias*. 2ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- GUATARI, Félix. *Espaço e poder: a criação de territórios na cidade*. Espaço & debates, São Paulo, ano V, n. 16, 1985. GUATARI Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Oeiras, Portugal: Celta Editora, 1990;
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Conferência Internacional sobre Paisagens Urbanas*. Olinda. IPHAN, 2007. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?retorno=detalheNoticia&sigla=Noticia&id=13776>> Acesso: 26 mar. 2008.
- LEWGOY, B. *A invenção de um patrimônio*. 1992. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia/ UFRGS;
- LITTLE, Paul E. *Espaço, memória e migração: Por uma teoria de territorialização*. Textos de história, Brasília, 1994
- LICKORISH, L. J. *Introdução ao turismo*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- LOUREIRO. J. J. P. *Estudos e problemas amazônicos: história social e econômica e temas especiais*. PARÁ - Secretaria de Estado de Educação. 2ed. Belém: CEJUP, 1992.
- MINISTÉRIO DO TURISMO. *Ecoturismo. Caminhos do futuro*. Brasília: MTur/AVT/IAP/USP, 2007.
- MINISTÉRIO DO TURISMO. Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil. *Turismo cultural: orientações básicas*. Brasília: MTur/SNPT, 2006.
- NEIMAN, Z. (Org). *Meio ambiente, educação e ecoturismo*. Barueri: Manole, 2002.
- PAPATHEODOROU, A. *Microfoundations of tourist choice*. Dwyer e Forsyth: 2006.
- PEREZ V, C. S. *Patrimônio histórico y cultural de Cobija*. Cobija: Franz Tamayo, 2004.
- PESSOA, Enock. *Sexualidade de adolescentes nas regiões de fronteiras, riscos da exploração sexual e prostituição juvenil: o caso da fronteira Acre (Brasil), Bolívia, Peru*. 2007. In.: SEMINÁRIO REGIONAL DA ASSOCIAÇÃO DOS MAGISTRADOS PROMOTORES DE JUSTIÇA E DEFENSORES PÚBLICOS DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE. São Paulo. ASMP, 2007. Disponível em: <http://www.seminarioregionalabmp.com.br/palestras_norte/txt7>. Acesso: 21. mar.2009.
- PETROCCHI, M. *Gestão de polos turísticos*. 2ed. São Paulo: Futura, 2001.

POLLAK, M. *Memória, esquecimento e silêncio*. In: Estudos Históricos, vol. 10, Rio de Janeiro, 1992.

RANZI, A; AGUIAR, R. *Geoglifos da Amazônia: perspectiva aérea*. Florianópolis: Faculdades Energia, 2004.

RUSCHMANN, D. *Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente*. Campinas: Papyrus, 1997.

SEBRAE. *Inventário da oferta turística do Vale do Acre*. Rio Branco: SEBRAE/SETUL, 2006.

TOCANTINS, Leandro. *Formação histórica do Acre*. 3ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

TOMASO, Isabela. *Preservação dos patrimônios culturais: direitos antinômicos, situações ambíguas*. Anuário Antropológico/98. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 2002;

TORRES, M. C. *História do município de Bujari*. 2ed. [s.l.], [s.n.], 2002.

WWFBRASIL. *Manual de ecoturismo de base comunitária: ferramentas para um planejamento responsável*. Brasília: WWFBrazil, 2003.

WESTERN, D. *Definindo o ecoturismo*. In: LINDEBERG, Kreg; HAWKINS, Donald E. (org.). *Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão*. São Paulo: SENAC, 1993.

XANGAI, Juraci. *Carretera Transoceânica: aventura e esperança*. 2006. Disponível em: <<http://www.pagina20.com.br/18042006/especial.htm>>. Acesso: 13 mar. 2008.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. *Homens de hoje, mulheres de ontem: gênero e memória no seringal*. In: FREITAS, C.: ANAIS DO I SEMINÁRIO E DA II SEMANA DE ANTROPOLOGIA DA UCG. Goiânia: Editora UCG, 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE 1. Formulário norteador da entrevista com o Gestor Público de Turismo

1. CARACTERIZAÇÃO

Data: _____ Hora: _____

Município _____

Órgão responsável pelo turismo no município? _____

1.1 Considera o município de Rio Branco preparado para receber turistas?

1.2 Seu município dispõe de infra-estrutura turística adequada à atividade? (meios de hospedagens, agências de viagens, restaurantes, empresas organizadoras de eventos, entretenimentos, acessos, guias de turismo, transportes turísticos)?

2. POLÍTICAS PÚBLICAS

2.1 Existe plano específico para o desenvolvimento do turismo no município?

2.2 Quais ações do poder público sinalizam para a recepção do turismo?

2.3 Como se dá a parceria para o desenvolvimento do turismo no município entre os poderes públicos federal, estadual, municipal e a iniciativa privada e entre o *trade* turístico?

2.4 O que sabe da Rota Turística Internacional Amazônia–Andes–Pacífico?

2.5 Seu município faz parte de qual rota turística?

3. TURISMO, SUSTENTABILIDADE E DINAMICIDADE CULTURAL

3.1 O que representa o Turismo para o seu município?

3.2 Em qual segmento do turismo seu município mais se destaca?

_____ Ecoturismo? _____ Turismo Cultural? _____ Turismo Religioso? _____ Turismo Místico? _____ Eventos? _____ Outros? _____

3.3 Pode dizer se o segmento turístico citado está relacionado a algum atrativo turístico em especial? Qual (is)?

3.4 Acredita ser possível desenvolver o turismo cultural na região da Amazônia? Sim _____ Não _____ Por quê?

3.5 Existe um programa, plano ou projeto de desenvolvimento do turismo que o contemple em suas diversas formas de cultura? Qual (is)?

3.6 Considerando como cultura tudo que diz respeito à identidade da população, seja nos saberes, dizeres e fazeres tradicionais considera valorizada a cultura de seu município? Sim _____ Não _____ Por quê?

3.7 No seu entender, existe sustentabilidade no planejamento do seu município? Por quê?

3.8 A dinamicidade dá idéia de movimento, interação, empoderamento. No seu entender, a cultura em seu município é diversa e dinâmica?

4. ATRATIVOS TURÍSTICOS HISTÓRICO, CULTURAL E NATURAL

4.1 Qual (is) atrativo turístico recebe mais visitação turística no município?

4.2 Qual o atrativo turístico que mais se destaca e recebe maior atenção por parte do poder público?

4.3 Existe algum local turístico, monumento histórico, evento, manifestação cultural que merece atenção do poder público, e que por algum motivo, ainda não foi contemplado?

4.4 Considera os atrativos turísticos existentes em seu município condizentes ou transmissores da cultura local ou regional?

5. HISTÓRIA ORAL E CULTURA IMATERIAL

5.1 Existe alguma outra história sobre algum atrativo turístico, lugar, fato, personagem – mesmo que fictício - de seu município que difere ou que não é do conhecimento do poder público ou da história oficial?

5.2 Considera os dizeres, saberes e fazeres do povo, em seu cotidiano, como elementos de identidade da população de seu município?

5.3 Existe em seu município algum atrativo turístico de cultura imaterial (danças, festejos, competições) que atraia turistas para vê-los? Sim _____ Não _____ Se sim. Quais?

6. BENS TOMBADOS

6.1 Tem conhecimento de algum bem tombado como patrimônio municipal, estadual ou nacional? Se existe. Qual (is)?

6.2 Existe algum local, bem ou monumento histórico em seu município que mereça ser tombado como patrimônio do município, estado ou nação e que ainda não foi Tombado? Qual (is)?

6.3 Existe dentre os Bens Tombados de seu município algum (ns) cujo Tombamento você não concorda? Sim _____ Não _____ Por quê?

7. PROMOÇÃO, COMERCIALIZAÇÃO E MARKETING

7.1 Como se dá a promoção, comercialização e marketing dos bens culturais de seu município?

7.2 Considera necessário um plano de *marketing* para desenvolver o turismo no seu município?

7.3 Em parceria com a iniciativa privada o município divulga os empreendimentos ou produtos turísticos em algum *site* do governo federal como o Vai Brasil, Portal de Hospedagem, CADASTUR ou outros? Sim ____ Não ____ Por quê?

8. INTERAÇÃO COMERCIAL

8.1 Em sua opinião seu município precisa interagir comercialmente com os demais municípios do Vale do Acre para se desenvolver?

8.2 Seu município integra alguma organização corporativa com os municípios, estados ou países vizinhos no intuito de obter um desenvolvimento conjunto?

9. EDUCAÇÃO AMBIENTAL E TURÍSTICA

9.1 Com vistas à educação ambiental existe algum plano específico para esta área?

9.2 Concernentes aos cuidados com o meio ambiente. Que tipo de ações são realizadas para que (rios, esgotos, lixo, águas servidas, reciclagem, aterro sanitário, aproveitamento das águas pluviais, manutenção e conservação das espécies em extinção) tenham o tratamento adequado?

9.3 Os locais turísticos do município dispõem de sinalização turística?

9.4 Existe controle de visitantes em algum local turístico de seu município?

9.5 Há estudos da capacidade de carga nos locais turísticos? Sim ____ Não ____ Se sim. Em que local?

9.6 Existe alguma forma de conscientização da comunidade em relação à recepção e informação ao turista? Qual?

10. QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E QUALIDADE NA PRESTAÇÃO DOS SERVIÇOS

10.1 Como o *trade* turístico e a comunidade e são preparados para a prestação dos serviços turísticos?

10.2 O município dispõe de alguma parceria com vistas à qualificação profissional para o turismo?

APÊNDICE 2. Formulário de Pesquisa – Perfil do Turista.

Data: _____ Hora: _____

Município: _____

Local da Pesquisa: _____

1. Origem do turista: (onde ele/ela mora) _____

2. Última Procedência: (de onde o/a turista vem) _____

3. Próximo destino: (para onde o/a turista vai) _____

4. Qual local quer visitar (is): _____

5. Durante sua visita à região, qual atividade pretende realizar:

_____ caminhada em trilhas de seringueiro

_____ descansar

_____ aprender sobre a região amazônica

_____ apreciar a natureza

_____ esoterismo/misticismo

_____ atividades desportivas

_____ visitar seringais

_____ tomar banho em ambiente natural

_____ estudo/pesquisa (o quê?) _____

_____ outras atividades (quais) _____

6. Motivo da viagem:

_____ negócios

_____ estudo/pesquisa

_____ turismo

_____ visita a parentes/amigos

_____ de passagem

_____ outros

7. Escolaridade / Formação:

_____ Nenhuma

_____ Ensino Fundamental

_____ Ensino Fundamental Incompleto

_____ Ensino Médio

_____ Curso Técnico Profissional

_____ Superior Incompleto

_____ Superior

_____ Pós-Graduação-Especialização (área): _____

_____ Pós-Graduação-Mestrado (Linha de Pesquisa): _____

_____ Doutorado (Tese): _____

_____ Pós-Doutorado (Tese): _____

8. Profissão:

_____ emprego privado

_____ emprego público

_____ profissional liberal

- empresário
- estudante

9. Como ficou sabendo desse lugar/região:

- vídeo
- televisão
- rádio
- jornal
- revista
- livros
- parentes e/ou amigos
- outras pessoas
- folhetos
- agência de viagem
- placas/*outdoor*
- outros

10. Com quem está viajando?

- sozinho
- casal
- casal com filhos
- família
- família e amigos
- grupo de amigos
- grupo de estudos
- excursão
- outros

11. Permanência média: (quantos dias pretendem ficar)

- 1 dia
- 2 dias
- 3 a 5 dias
- 1 semana
- 15 dias
- 1 mês
- mais de um mês

12. Gasto médio por pessoa na cidade: _____

13. Local da hospedagem:

- hotel
- pousada ecológica
- casa de parentes/amigos
- casa alugada
- outros

14. Meio de transporte utilizado (para chegar à cidade):

- avião
- automóvel (carro de pequeno porte)
- ônibus

motocicleta

barco

outros

15. A experiência vivida atendeu as expectativas?

Sim Não

16. Renda pessoal: (opcional)

até um salário mínimo

1 a 2 salários

2 a 3 salários mínimos

4 a 5 salários mínimos

6 a 8 salários mínimos

acima de 8 salários mínimos

17. Idade:

11 a 16 anos 17 a 36 anos 37 a 56 anos 57 a 65 anos 66 anos acima

18. Sexo: M F O (Obs: O = outro)

19. Estado Civil:

solteiro

casado

desquitado/divorciado

viúvo

separado

APÊNDICE 3. Formulário de Pesquisa – Percepção do Visitante.

Data: _____ Hora: _____

Município: _____

Local da pesquisa: _____

1. Infra-Estrutura e Serviços Turísticos

Discriminação	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
Acessos à região do Vale do Acre					
Acesso a Rio Branco					
Rotas e roteiros turísticos					
Infra-estrutura da cidade					
Acessos aos atrativos turísticos (monumentos histórico, culturais, naturais e manifestações populares)					
Limpeza da cidade					
Iluminação pública					
Limpeza dos atrativos					
Acondicionamento do lixo					
Sinalização nas rodovias					
Sinalização turística para os atrativos turísticos					
Educação no trânsito					
Informações turísticas					
Atendimento ao público					
Hospitalidade					
Hospedagem					
Alimentação					
Entretenimentos					
Artesanato					
Preços					
Diversidade de produtos turísticos					
Serviços médicos/hospitalares					
Segurança					
História, cultura e identidade local					
Qualidade ambiental na política governamental					
Sustentabilidade ambiental					

2. O que mais o (a) impressionou quando visitou a região?

3. O que mais gostaria de aprender a respeito do local visitado? (Escolher apenas cinco)

- _____ os cuidados com o meio ambiente
 _____ cultura tradicional local
 _____ política governamental
 _____ História do Acre
 _____ História do Seringueiro e de Chico Mendes
 _____ Santo Daime/misticismo _____ Geoglifos

- A interação do homem com a floresta
 Floresta (fauna e flora)

4. Como gostaria de obter mais informações sobre o local visitado? (escolher apenas cinco)

- palestras / encontros / seminários (noturnos ou diurnos)
 documentários ou filmes específicos
 folheteria (guia turístico (impresso) / calendário de eventos / *folders* / mapas
 feiras / exposições / festivais
 TV / rádio / jornais
 visita guiada
 informações turísticas no CAT (Centro de Atendimento ao Turista)
 Órgãos públicos / acompanhamento técnico especializado

5. Pretende voltar à região? Sim Não

6. Recomendaria o destino para seus amigos/parentes? Sim Não 6.1
 Se, não. Por quê? _____

7. Durante sua visita foi acompanhado de Guia de Turismo na região? Sim Não

8. Onde conheceu o Guia de Turismo? (Escolher apenas cinco)

- no hotel/pousada/agência de viagem
 em um restaurante
 na rua
 na rota turística
 em um atrativo turístico
 no CAT (Centro de Atendimento ao Turista)
 já conhecia o guia
 em órgão público

9. Como avalia o Guia de Turismo? Ótimo Bom Regular Ruim

10. Comentários?

APÊNDICE 4. Formulário de Pesquisa – Comunidade Local.

Data: _____ Hora: _____

Município: _____

Local da Pesquisa: _____

1. Sexo:

M _____ F _____ O _____ (O = Outro)

2. Idade:

_____ 11 a 16 anos

_____ 17 a 36 anos

_____ 37 a 46 anos

_____ 47 a 65 anos

_____ 66 anos acima

3. Escolaridade / Formação:

_____ Nenhuma

_____ Ensino Fundamental

_____ Ensino Fundamental Incompleto

_____ Ensino Médio Incompleto

_____ Ensino Médio

_____ Curso Técnico

_____ Superior Incompleto

_____ Superior

_____ Pós-Graduação-Especialização(área): _____

_____ Pós-Graduação-Mestrado: (Linha de Pesquisa): _____

_____ Doutorado (Tese): _____

_____ Pós-Doutorado (Tese): _____

4. Profissão: _____

5. No seu entender o que é turismo?

6. Diante de seu entendimento do que é turismo, podes dizer se existe turismo em sua cidade? Sim _____ Não _____. Por quê?

7. O Turismo existe em sua cidade?

Sim _____ Não _____. Se, sim. Qual (is)?

8. Sua cidade/comunidade integra alguma rota turística?

Sim _____ Não _____. Se, sim. Podes dizer qual rota?

23. Quanto às espécies nativas e animais em risco de extinção, tens conhecimento de ações do poder público no sentido de prover a manutenção das espécies?

Sim _____ Não _____. Se, sim. Qual (is) espécies?

24. Com relação ao turismo consideras sustentáveis as ações realizadas pelo poder público no sentido de promover o desenvolvimento do turismo na região?

25. Considerando “dinamicidade” como o que é dinâmico, que está em movimento, entrosado, empoderado. No seu entender, a cultura em seu município é diversa e dinâmica?

Sim ____ Não _____

26. Conheces, ou recorda alguma história, cantiga, brincadeira que foi ensinada por seus avós, tios ou pais, quando criança, e que ainda existem nos dias de hoje? Sim ____ Não ____.
Se, sim. Qual (is)? Se, não. Que mudança houve? A mudança se deve a quê?